



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura de atos do Ministério do Meio Ambiente**

Rio de Janeiro-RJ, 1º de agosto de 2008

Meus amigos e minhas amigas,
Meu caro companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,
Ministros que me acompanham,
Ministro Minc,
Secretários do governo do Rio de Janeiro,
Nossos companheiros e companheiras representantes dos bancos oficiais,
Companheiros e companheiras que trabalham tão bem no Brasil essa questão climática e a preservação da nossa Amazônia,

Primeiro, quero dizer a vocês que o Minc já fez o discurso que eu ia fazer. Acho que ele leu ou mandou informações para o pessoal preparar o meu discurso, e depois leu o meu discurso. Não tem sentido eu falar.

Quero apenas dizer, Minc, que o Brasil certamente assumirá todas as responsabilidades pela preservação da Amazônia, por combater a questão do aquecimento global, porque o Brasil quer, definitivamente, assumir não apenas as responsabilidades, mas assumir a soberania no seu território amazônico e a soberania nas nossas decisões.

Vira e mexe, eu viajo para algum país e tem muita gente que, muitas vezes, fala da Amazônia como se fossem donos da Amazônia. Não têm nem a sensatez de conversar, dando um conselho. Conversam quase como se estivessem dando palpite sobre a Amazônia. Nós temos consciência do que a Amazônia representa para a Humanidade, para o Brasil, temos consciência da



riqueza da biodiversidade, da quantidade de água doce que está dentro do território nacional brasileiro e, ao mesmo tempo, temos consciência de que precisamos fazer as coisas que precisam ser feitas. Afinal de contas, a espécie humana evolui politicamente, ambientalmente, economicamente e socialmente a cada dia que passa. Hoje todo mundo começa a compreender, no Brasil, que há uma grande vantagem comparativa para a disputa global que o Brasil faz todo santo dia, se nós tivermos como cartão postal, como cartão de visita, as coisas boas que a natureza nos deu. Destruí-las será um instrumento a ser utilizado contra o nosso país e contra os nossos produtos.

Eu queria, Minc, lhe dar os parabéns porque durante toda a minha vida política... Apesar de nem sempre isso ter sido dito assim – sempre tentaram vender a minha imagem diferente do que eu era, na verdade – eu acho que um bom acordo é sempre melhor do que uma demanda desnecessária. Essa sua atitude de procurar os setores que têm atividades econômicas ligadas à questão das nossas florestas e estabelecer acordo com eles de que “nós não vamos vender madeiras que não estejam legalizadas, mas vamos vender mais, para vocês não poderem comprar a clandestina”.

Eu acho que é uma coisa extraordinária fazer acordo com os nossos criadores de gado, dizendo “nós vamos recuperar as terras degradadas e vamos fazer nelas a política de reflorestamento que tanto a indústria precisa”; procurar outras pessoas e tentar mostrar que é melhor para a imagem do País, é melhor economicamente para os seus produtos fazer as coisas direito e poder transitar em todos os foros internacionais de cabeça erguida e com a sensação do dever cumprido.

Nem todo mundo cumpre com o seu dever. O Protocolo de Quioto já está assinado há muito tempo e muitos países que, muitas vezes, tentam dar lição ao Brasil, sequer assinaram o Protocolo. Fui agora ao G-8, estávamos discutindo a questão climática e fica uma discussão um pouco vazia, em que todo mundo... porque é assim Minc, você não vê políticos falarem mal de pobre



em época de eleição. Falam mal de banqueiros, menos dos bancos que estão aqui. Não falam mal da Caixa Econômica, do Banco do Brasil, do BNB, do (inaudível) ou do BNDES. Você não vê político falar mal de criança e também não vê político falar que vai poluir. Tem gente que é tão radical que quando você fala “é preciso cuidar do meio ambiente”, ele fala “não, eu vou cuidar do ambiente inteiro. Meio ambiente para mim é pouco”.

Nessa reunião do G-8, a discussão estava mais ou menos assim: todo mundo quer cuidar do Planeta, quer despoluir, quer preservar. Eu, por acaso, estava com um documento de um instituto de pesquisa energética dos Estados Unidos, essas coisas que Deus de vez em quando faz acontecer, apareceu na minha mão, ainda no meu gabinete, mas não por conta da minha viagem a Tóquio. Na hora em que fui falar, Minc, eu fiz a seguinte pergunta: “Em que fórum – estavam lá o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, o presidente do FMI, o presidente do Banco Mundial – o G-8 mais China, Índia, Brasil e México vão se reunir para deliberar as responsabilidades de cada um?” Só é possível deliberar as responsabilidades de cada um se nós soubermos qual a responsabilidade de cada um, ou seja, quem polui o quê? Quem, na verdade, trabalha emitindo gás de efeito estufa?

Peguei o estudo e estava escrito assim: emissões de gás efeito estufa em 2005 no mundo, 28 bilhões de toneladas. Responsabilidades: desses 28 bilhões, os Estados Unidos tinham responsabilidade por 21%, a China tinha responsabilidade por 18% e o Brasil só tinha responsabilidade por 3,9%. Depois tinha um outro dado sobre a emissão de gás por quilômetro quadrado: os Estados Unidos emitiam 70 toneladas por quilômetro quadrado e o Brasil apenas 1,9 tonelada.

Foi uma coisa interessante, por que começaram a perguntar, o nosso amigo Gordon Brown perguntou: “E a Inglaterra?” O Sarkozy: “E a França?” Eu tinha dados de todo mundo e fui dizendo: se você não tiver os dados concretos e objetivos, você não sabe. Embora a China tenha 18%, a verdade é que a



responsabilidade da China com a poluição do Planeta é menor do que a dos americanos, porque a China começou a poluir há menos tempo e os americanos, desde o século XIX. A responsabilidade histórica é maior para alguns. O desenvolvimento industrial inglês começou no século XIX, bem antes do nosso. Então é preciso que haja um processo de reparação de danos cometidos no Planeta. É difícil porque envolve dinheiro. Nem todo país tem condições de fazer. Mas se a discussão for séria, precisamos colocar o que cada um faz no mundo.

Um país como a Holanda, por exemplo, proporcionalmente, polui dez vezes mais que o Brasil. Está no relatório. Nós vamos aperfeiçoar esse relatório para que a gente possa fazer do debate uma coisa mais magnânima, com um conhecimento de causa muito maior. Senão, Minc, daqui a pouco aparece alguém dizendo que tem cana na Amazônia. Daqui a pouco aparece alguém dizendo que são os biocombustíveis que causam problema no aumento dos alimentos. Nós não temos o direito de aceitar as mentiras, não temos o direito de aceitar as mentiras.

Por isso, nós estamos convocando um grande encontro internacional, nos dias 20 e 21 de novembro, com cientistas, governos, embaixadores, ONGs, para discutir os efeitos positivos ou maléficos da questão do biodiesel e os efeitos disso na Amazônia. Podem ficar certos de que o Brasil vai cumprir com as suas obrigações. Nós queremos falar grosso. Comecei a reunião, Minc, dizendo o seguinte: eu venho de um país que tem 85% da sua energia elétrica limpa; que tem 46% de toda a sua matriz energética limpa; que coloca 25% de etanol na gasolina há muitos anos; onde 90% dos carros novos vendidos no mercado interno são *flex fuel*; e venho de um país que ainda tem 64% das suas florestas de pé. Quem é que pode ter esse discurso no G-8? Não podem ter.

Eu acho, Minc, que essas coisas que estamos fazendo, esse Fundo que eu espero que não seja contingenciado... Caiu na mão do BNDES... Penso que vai ser um passo extremamente importante, e acho que você é um dos



ministros, Minc, que precisa começar a viajar um pouco para o exterior porque nós precisamos começar a falar as coisas que nós temos como elas são, e não como os outros pensam que elas são. Queremos explorar a nossa rica biodiversidade sem pirataria, queremos que os nossos cientistas possam adentrar e pesquisar. Não precisa ninguém vir roubar a nossa biodiversidade.

Acho que nós, inclusive, vamos dar passos importantes. A proposta que fizemos para a França, de criar um instituto de biodiversidade na Amazônia, uma coisa mais forte, mais poderosa, em que os nossos cientistas tenham todas as vantagens do mundo para pesquisar a nossa Amazônia... Você vinha me dizendo no avião: “Não adianta mais o Brasil ficar fazendo reserva florestal, se depois a gente não tem quem tome conta”. Se vamos fazer reserva florestal, vamos abrir para que as pessoas possam visitar, possam conhecer, possam pesquisar. Vamos fazer desse patrimônio que a natureza nos deu a possibilidade de melhorar a vida das pessoas, para tomarem conta daquilo.

Penso que o dia de hoje é extremamente importante para um país ainda muito novo mas, ao mesmo tempo, que tem muitas responsabilidades com a questão climática, porque nas nossas costas Deus colocou muita floresta, muita água, muita fauna, e eu acho que isso tem que ser visto por nós como um benefício e não como um malefício, como alguns tentaram fazer pouco tempo atrás.

Meus parabéns, Minc, e obrigado pela presença de todos vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de celebração dos 108 anos da Fiocruz - Manguinhos**

Rio de Janeiro-RJ, 1º de agosto de 2008

Meu caro companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu caro companheiro José Temporão, ministro da Saúde,

Meu caro companheiro Adib Jatene, ex-ministro da Saúde e membro da Comissão Nacional de Determinantes Sociais da Saúde, em nome do qual cumprimento os demais membros aqui presentes,

Meu caro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Nosso querido companheiro Paulo Buss, presidente da Fundação Oswaldo Cruz,

Meu caro – não o vi aqui – Sérgio Côrtes, secretário estadual da Saúde,
Nossa querida companheira Tânia Araújo Jorge, diretora do Instituto Oswaldo Cruz,

Meu caro Dioclécio Campos, presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria,

Nossa querida companheira e atriz Dira Paes, madrinha da Campanha da Amamentação,

Meus caros amigos e amigas pesquisadores e funcionários da Fiocruz,
E aqui uma saudação especial às mães que acabaram de amamentar os seus filhos.

Antes de ler o pronunciamento, aqui, robusto, eu preciso falar um pouco ainda como se eu fosse dirigente sindical dos anos 80. Eu estou vendo ali, vocês estão vendo, uns companheiros com uma faixa, reivindicando reajuste



de salário. Na verdade, eu fui pego de surpresa, porque achei que era uma coisa já resolvida e quando chego aqui, o Paulo me conta que houve um problema. Depois eu encontro o presidente do Sindicato, que me entrega uma carta dizendo que aquilo que foi acordado não era o que estava na proposta enviada pelo Planejamento.

A única coisa que pude dizer ao Paulo é que nós vamos cumprir aquilo que foi acordado. Já tinha dado a palavra e, portanto, eu vou determinar ao ministro do Planejamento que, junto com o Paulo e o Sindicato, resolva esse problema na próxima semana, porque na próxima semana eu e Sérgio estaremos na China, defendendo o Rio de Janeiro. Paulo, pode ficar certo de que na semana que vem vocês resolvem esse problema.

Segundo, quero dizer às mães aqui presentes: eu tive quatro filhos com a Marisa e posso dizer para vocês que a amamentação é, como disse a nossa atriz, muito mais do que alimento. De qualquer forma, a experiência da Marisa foi amamentar os filhos, alguns até os dois anos e meio. Lá em casa, o Projeto Fome Zero foi prolongado e a gente não queria encontrar a porta de saída, não. A gente queria que ficasse mamando o tempo que pudesse, até que a meninada começou a incomodar a Marisa, a machucá-la, aí fui obrigado a fazer um “acordo de paz” e começar a dar um pouco de feijão e arroz para eles.

Eu penso que o leite que a mãe dá para uma criança... Se toda mulher brasileira tiver consciência de que não existe bem maior... Eu sei que muitas vezes a mulher tem problema. Muitas vezes há um problema, no Brasil, de estética, as pessoas querem cuidar dos seios e coisa e tal. Penso que não tem nada mais importante do que uma criança mamar o máximo que ela puder, porque a saúde da criança é quase uma coisa sagrada, quando ela mama. Então, eu só posso dar esse conselho de pai, que viu a mãe criar quatro filhos, todos eles mamando muito, e isso é muito bom. Obviamente que eu dava boa comida para a minha mulher, para ela poder ter bastante leite para sustentar os meus filhos.



Paulo, é uma alegria voltar à Fiocruz. Desde que foi criada, há 108 anos, a Fiocruz desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da saúde pública brasileira. E faz jus ao talento e à dedicação dos pioneiros Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, cujos legados continuam a inspirar seus pesquisadores, funcionários e dirigentes.

Ao longo deste mais de um século, o Instituto precisou lutar contra o descrédito, batalhar por verbas e clamar por atenção dos governos. Mas nunca deixou de inovar e produzir resultados concretos mantendo como objetivo supremo o bem estar do povo brasileiro.

A Fiocruz conseguiu muitas vezes nadar contra a correnteza ideológica do estado mínimo. Venceu a luta contra aqueles que queriam tirar do Estado a iniciativa de produzir fármacos, medicamentos e vacinas para a população a um custo baixo, bem menor do que o praticado pelos grandes grupos internacionais.

Para nós, contudo, desenvolver e executar políticas de produção de medicamentos e vacinas preventivas, e investir em favor da saúde do povo, é uma obrigação do Estado. É por este motivo que eu, pessoalmente, sempre fiz questão de estar presente nos principais atos de apoio a esta importante instituição.

Em 2003, assinei o tão ansiosamente aguardado Estatuto da Fiocruz. No ano seguinte, estive com vocês para inaugurarmos o Centro de Produção de Antígenos Bacterianos e a nova sede da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.

Em 2005, iniciou-se no Complexo Tecnológico de Medicamentos de Manguinhos a produção de antibióticos e medicamentos contra a hipertensão e diabetes. Tais produtos são distribuídos de forma gratuita ou subsidiada pelo Ministério da Saúde por meio de programas como a Farmácia Popular.

Em 2007, foi a vez de inaugurarmos o Centro de Produção de Antígenos Virais, que prevê a produção anual de 60 milhões de doses de vacinas para



sarampo, caxumba e rubéola, e mais de 20 milhões de doses de outras vacinas.

Hoje, tenho orgulho de estar novamente com vocês para a inauguração do mais moderno pólo em virologia da América Latina, dedicado a pesquisar gripe, rubéola, diarreias virais, hepatite viral, febre maculosa, dengue e outros importantes riscos à saúde pública. Serão nove laboratórios de pesquisa e dez serviços de referência considerados estratégicos pelo nosso Ministério da Saúde, com investimentos de cerca de R\$ 19 milhões de reais do PAC Saúde. (inaudível)... porque lamentavelmente nós perdemos a batalha no Senado. Na verdade nós ganhamos, mas faltou um voto.

Tais estruturas certamente colaborarão para que a Fiocruz possa participar ainda com mais destaque no novo desafio da saúde pública brasileira: aumentar em 50% a quantidade de medicamentos produzidos pelos 19 laboratórios oficiais.

O Brasil, felizmente, conquistou o grau de excelência em virologia. Contamos com uma rede capaz de enfrentar os desafios de doenças internacionais como Aids, gripe aviária e ebola. Com os novos investimentos, pesquisaremos e combateremos com ainda mais vigor as doenças que já conhecemos.

Daremos especial destaque às moléstias tropicais que causam risco às populações que se dirigem às novas fronteiras mais ao Norte e ao Noroeste do Brasil. Também estaremos preparados para identificar e combater com mais velocidade e eficiência as doenças tropicais ainda desconhecidas. Por isso, já disse o Paulo, vamos abrir uma unidade da Fiocruz no Pantanal e vamos incorporar o Instituto de Pesquisas em Patologias Tropicais de Rondônia.

Nós, que já somos referência internacional nessas pesquisas, certamente iremos nos tornar ainda maior referência. E mantemos o compromisso de democratizar esse conhecimento com as demais nações que enfrentam problemas parecidos. Em praticamente todas as minhas viagens à



África, à América Latina e a algumas regiões da Ásia, temos firmado acordos e convênios na área de saúde pública e no controle de epidemias. Desses acordos surgiram iniciativas extremamente relevantes, como é o caso do, também já falado aqui, escritório da Fiocruz de Maputo, em Moçambique.

Não posso deixar de citar, também, que estamos dando posse hoje aos nossos queridos “camisas vermelhas”. Eu até pensei que as pessoas poderiam pertencer a algum partido político, depois pensei que as pessoas poderiam já estar em greve antes de começar a trabalhar. Depois, percebi que eles pertencem a um partido chamado Fiocruz. Percebi que eles não estavam em greve, até porque também não trabalharam, como é que já iriam entrar em greve? Mas quero dar os parabéns a vocês e boa sorte nessa nova empreitada da Fiocruz.

Quero, também, Paulo, lamentar por você deixar a direção da Fiocruz. Agora, eu acho que como nós somos contra qualquer hipótese de terceiro mandato, é importante você sair para que tenha alternância de poder aqui, e sempre torcendo para que entre alguém que faça mais e melhor do que você fez.

Eu penso que, ao trabalhar numa instituição como a Fiocruz, é importante ganhar um salário que esteja de acordo com a importância que vocês têm. Mas eu acho que tanto quanto o salário e o emprego, é importante vocês saberem que são responsáveis por parte do atendimento que o Estado brasileiro faz, sobretudo à parte mais pobre da população brasileira. Acho que isso permite que vocês possam dormir, todo santo dia, com a consciência tranqüila daqueles que cumpriram o seu dever e fizeram o bem ao próximo.

Meus amigos e minhas amigas, vocês percebem que as folhas estão terminando.

Eu queria dizer ao companheiro Paulo que não sei se a Fiocruz vai exigir tanto do outro governo que vier como exigiu de mim. Eu temo duas coisas: primeiro, porque nós somos companheiros, ele só sabe fazer projetozinho e ir



lá pedir para o Temporão para a gente bancar. Eu acho que não é possível que, qualquer que seja o governo, não tenha uma dedicação muito especial ao que isso significa para o nosso país, para a América Latina e para a África.

Nós temos condições, enquanto país mais importante da América Latina, enquanto país, por razões históricas, mais irmão do povo africano, e nós temos a responsabilidade, Paulo – o governo brasileiro – de ajudar a financiar a Fiocruz para espalhar sua inteligência, para que a gente possa fazer com que essa parte do mundo tenha o conhecimento que nós temos, e possam produzir o mesmo tipo de vacina que nós produzimos no País. Afinal de contas, se nós fizermos 50 fábricas de vacina na África, nós ainda não pagaremos o que devemos aos africanos, pela história do nosso país.

Um dado importante, Temporão, que pensei que você ia falar: a nossa experiência com a Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano foi reconhecida pela Organização Mundial da Saúde como a maior e mais complexa tecnologia de bancos de leite do mundo. Essa experiência está sendo empregada com êxito em vários países da América Latina e da África, e já chegou até a Europa. O banco de leite de Madri foi desenvolvido por técnicos brasileiros e deverá se tornar referência naquele continente.

O mais importante, contudo, é que, graças ao amor materno e à solidariedade de milhares de brasileiras, coletamos 1 milhão, 350 mil litros de leite por ano. Só para se ter uma idéia do que isso significa, significa amamentar 108 mil crianças, que foram beneficiadas o ano passado.

Quero portanto, mais uma vez, agradecer a todas as mulheres que fizeram esse gesto carinhoso. Eu acho, Temporão, que temos que utilizar mais a televisão, porque isso é serviço público, de utilidade pública. Portanto, a televisão precisa veicular muitas vezes alguma coisa para conscientizar as mulheres de doarem leite para o banco de leite, porque é uma coisa extraordinária. Tem muita gente que passa muita fome quando é adolescente, passa muita fome quando casa, e pode ter menos leite que uma pessoa que



comeu melhor.

Conclamar as mulheres a participar mesmo, ou seja, fazer disso quase uma campanha para mexer com o brio de cada mulher. Eu acho que a gente vai inclusive levantar a auto-estima das mulheres que têm leite sobrando e podem fazer doação. Acho que poderemos salvar muitas vidas.

Por fim, meus queridos, eu quero dizer, Paulo, que saio daqui com a consciência tranqüila de que no seu mandato eu fui o presidente que mais investiu na Fiocruz. Qualquer um pode falar mal de mim em qualquer lugar do Brasil. Você não tem esse direito. Você vai dizer “eu governei a Fiocruz no tempo em que o presidente Lula governou o Brasil, e tudo que nós propusemos, não só foi aprovado como foi inaugurado”.

Muito obrigado e que Deus continue nos ajudando.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de posse de Crispiniano Neto, na cadeira de Câmara Cascudo, na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC)

Rio de Janeiro-RJ, 1º de agosto de 2008

Meus companheiros e minhas companheiras,

Companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,
Juca Ferreira, ministro interino da Cultura,

Nosso querido companheiro Gilberto Gil, ministro ontem, hoje e depois de amanhã,

Companheiro Crispiniano Neto, grande companheiro de momentos difíceis, de momentos incertos, mas que terminou dando certo,

Meu caro Gonçalo Ferreira da Silva, presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, na pessoa de quem saúdo os demais membros da Academia aqui presentes,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Antes de qualquer coisa que eu possa ler aqui, há mais ou menos 25 anos eu ia muito ao Nordeste. Primeiro, viajava muito ao Nordeste para a gente organizar o Movimento Sindical Brasileiro, já a partir de 1978, quando os metalúrgicos do ABC fizeram a primeira greve. Depois, no começo de 1980 viajava muito pelo Nordeste para organizar o Partido dos Trabalhadores. Depois, lá pelos idos de 1981/1982, viajava muito pelo Nordeste para organizar a Central Única dos Trabalhadores. E depois “desgramei” a andar pelo Nordeste para participar de eleições: para prefeito, para governador, para presidente. Viajei tanto que perdi três eleições.

Quantas vezes, fazendo comício, Sérgio Cabral, ao meio-dia, na Feira de Sousa, na Paraíba. Eu me lembro de um dia em que precisaram jogar água



em cima do caminhão porque o assoalho era de ferro, queimava o pé, a gente sentia até cheiro de bife fritando, e era a sola do sapato derretendo. Quantas vezes este companheiro esteve junto em todos esses momentos.

Agora é mais fácil, ele é secretário de Cultura, é da Academia Brasileira de Cordel, portanto um “cabra” importante, e eu, presidente da República. Mas a nossa amizade é eterna e sincera porque nós nos conhecemos em tempos de aventuras, em tempos incertos, em tempos que grande parte das pessoas não acreditava na gente.

A gente chegava numa cidade, Crispiniano... Nunca vou conseguir fazer 10% do que ele faz, mas eu pedia, tinha duas coisas na vida que eu pedia... Eu tinha um companheiro em São Bernardo, que você conheceu, o Djalma, que toda vez que a gente começava a tomar cerveja, eu falava: Djalma, canta aquela. Aquela era: “Tu és divina e graciosa...”. E o Djalma tinha que cantar. Ele já não podia me ver que eu falava: canta aquela. Crispiniano também: Crispim, aquela do martelo. Crispiniano vai, a do martelo. Na época, o Solidariedade tinha feito a grande greve da Polônia. O Walessa era um grande dirigente sindical do Leste Europeu. E tome martelo. Dizia mais ou menos assim: “Meu martelo tem uma força incrível, sempre avança, apesar de perseguido. Se esconde no peito do oprimido e suporta calado a dor horrível, mas na hora que explode é invencível”. E tome martelo.

É com esse trecho de um martelo agalopado do poeta Crispiniano Neto, que quero começar saudando a todos vocês e ao mais novo imortal da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Escutei dezenas de versos, e posso dizer a vocês que a primeira vez que escutei isso foi na greve do ABC. Eram cantados de lado, para animar a peãozada. Crispiniano fazia a sua apresentação e depois a gente cantava “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré. Depois a gente cantava o Hino Nacional para não apanhar da polícia, mas apanhávamos assim mesmo, não tinha jeito.

Naquele tempo – estou falando de 30 anos atrás –éramos mais novos,



mais jovens. De vez em quando despertávamos emoções que hoje não despertamos mais nos corações de homens e mulheres. Crispiniano era neto, hoje já é avô. Com este companheiro e com outros viajamos muito, mas muito mesmo. Viajamos muito pelo Nordeste brasileiro.

Eu tinha um defeito: a cada eleição que eu perdia, ficava choramingando em novembro e dezembro, e em janeiro eu falava: tenho que sair para viajar para levantar o moral da tropa. E “tome” viajar pelo Brasil. Falava como se tivesse ganhado, mas tinha perdido. A tropa mantinha-se aliada e pronta para a batalha.

De lá para cá, nestes 30 anos, muita coisa mudou. Vocês percebem que o companheiro Crispiniano virou personalidade, eu virei presidente. Por isso, é uma alegria extraordinária reencontrar o companheiro Crispiniano que fez, não apenas o Gilberto Gil ficar emocionado, mas fez o nosso filho de sergipano, governador do Rio de Janeiro, saber de uma coisa importante: o nordestino é muito mais capaz do que muita gente aprendeu a entender. O que os nordestinos precisam, na verdade, é que seja dada ao Nordeste a oportunidade que foi dada a outros estados do País há tempos.

Penso que o companheiro Crispiniano fez por merecer esta honra, escrevendo, ao longo da vida, mais de 150 folhetos de cordel, sempre engajado na luta pela preservação desta arte popular brasileira que Patativa do Assaré cantou assim:

“Meu verso rasteiro, *singelo e sem graça, não entra na praça, no rico salão. Meu verso só entra no campo e na roça, na pobre palhoça, da serra ao sertão*”.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Dizem os especialistas que a literatura de cordel já existia no tempo dos conquistadores greco-romanos e que chegou à Península Ibérica por volta do século 16. Mas o certo é que o cordel se naturalizou brasileiríssimo quando sobrevoou o sertão nordestino, provavelmente nas asas de um pavão



misterioso, que *“tinha cabeça, pescoço e bico / alavanca, chave e botão / voava igual ao vento / para qualquer direção”*.

O cordel é hoje uma das mais genuínas demonstrações da genialidade do povo brasileiro, e nos presenteou com clássicos do quilate de “Romance do Pavão Misterioso”, de João Melchíades Ferreira, “História da Donzela Teodora”, de Leandro Gomes de Barros, e “A Chegada de Lampião no Inferno”, de José Pacheco, entre tantas coisas boas.

Quem foi menino no sertão e não vibrou com “As Proezas de João Grilo”, de João Martins de Athayde? Quem cresceu num Nordeste, outrora esquecido pelos governantes, e não sonhou com uma “Viagem a São Saruê” de carona dos versos de Manoel Camilo dos Santos? Quem não se encantou com as obras-primas de J. Borges e outros gênios da xilogravura?

Não há nordestino que não se orgulhe de ter nascido na mesma terra de Patativa do Assaré, Zé da Luz, Cego Aderaldo e Zé Limeira, sendo que este último, de tão genial e absurdo, dizem até que nem existiu. Mas este orgulho não é só nordestino, é brasileiro. É de cada homem e de cada mulher nascido neste país que nos deu Heitor Villa-Lobos, Tom Jobim, Luiz Gonzaga, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Jorge Amado, e até Gilberto Gil. E que também nos deu os anônimos cantadores de feira e os grandes mestres da literatura de cordel, gente quase sempre humilde que soube como poucos escrever e cantar as alegrias e as dores, a realidade muitas vezes dura e o rico imaginário de uma terra encantada chamada Brasil.

Parabéns à Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Parabéns ao companheiro de ontem, de hoje e de sempre, agora muito mais importante, o nosso querido companheiro Crispiniano Neto.

Crispiniano, eu só posso te dizer uma coisa: valeu a pena. Você percebe que não há espaço para um brasileiro ou uma brasileira desanimar. A vida é uma coisa tão genial, que se a gente teimar em brigar com ela, a gente perde. Quando Zeca Pagodinho escreveu aquela música “Deixa a vida me levar”, ele



estava dizendo que não há tempo de a gente ficar desanimado, ficar encabulado, ficar achando que está perdido, levantar azedo e achar que as coisas não vão dar certo.

Cada um de nós – você é um exemplo, eu sou outro exemplo, e possivelmente aqui esteja cheio de exemplos – se lutar, se perseverar, a gente conquista aquilo que quer. Seria importante, Crispiniano, que você pudesse, junto com outros companheiros, outros poetas nordestinos – viu, Juca? – organizar mais essas coisas pelo Brasil. No Nordeste já não precisa mais cantar tanto cordel, porque as pessoas já sabem. Lá tem criança que, ao nascer, em vez de chorar já fala um cordel para a mãe.

Eu penso que temos que nacionalizar essa coisa, levando para as bandas do Sul, para as bandas do Sudeste, porque muitas vezes tem... Em São Paulo tem um núcleo de nordestinos, no Rio de Janeiro tem um núcleo de nordestinos, mas não é de nordestino para nordestinos, é de brasileiro para brasileiro, de brasileira para brasileira.

Os chamados “artistas eruditos”, ou aqueles que gostam das coisas eruditas, é importante conhecerem isso. Eu dizia que não gostava de música clássica, não achava... Um dia, ganhei um prêmio na Áustria, em 1980, e fui receber o prêmio na Áustria. Fui a um concerto e nunca vi coisa tão extraordinária na minha vida. Passei a gostar de música clássica. Eu fico imaginando as pessoas que falam “Não gosto de cordel, isso é coisa de nordestino, isso é coisa lá do sertão”, que viessem aqui ouvir uma demonstração extraordinária como esta que o Crispiniano fez, e que o vissem motivado pela luta libertária de criar um partido político, de mexer com a grande burguesia nacional, para vê-lo colocar a emoção nos cordéis, nos poemas que ele fala. Quantos Crispinianos não estão espalhados pelo País, que ainda não tiveram a oportunidade que você já teve?

Essas coisas, Juca, precisam percorrer o Brasil, porque normalmente a televisão brasileira leva para o Nordeste e para o Norte a cultura do Sul, para



que a gente aprenda. É preciso trazer também de lá para cá, para que o Brasil aprenda que existem muito mais coisas no Brasil do que apenas a parte mais rica.

Esse é um desafio. Eu sei que o Gilberto Gil, Crispiniano, apanhou muito quando ousou distribuir o dinheiro da cultura pelo Brasil. Diziam: “dá um pouquinho para a Amazônia, para o Acre, para Pernambuco, para o Rio Grande do Norte, para a Paraíba, para Roraima...”. Houve brigas, acusações e até ofensas, porque estava tudo apenas no chamado eixo desenvolvido do Brasil. Você entra nas universidades, os grandes pesquisadores, a grande maioria, são todos também da mesma região.

Se a gente não inverter essa situação, o Brasil sempre será um país que, de um lado, parece altamente desenvolvido e, de outro lado, altamente empobrecido. É por isso, Crispiniano, que resolvemos mudar um pouco a lógica; é por isso que hoje o Nordeste cresce mais que o Sul e o Sudeste; é por isso que o consumo está crescendo mais no Norte e no Nordeste; é por isso que a desnutrição infantil diminuiu em 74% no Nordeste; é por isso que estamos fazendo 214 escolas técnicas no Brasil, 12 universidades novas e 48 extensões universitárias; e é por isso que estamos repartindo o dinheiro do Pronaf para o Nordeste, porque antigamente só ficava no Sul do País.

Nada contra o Sul, até porque devo tudo o que sou ao Sudeste, mas é preciso que a gente entenda de uma vez por todas: o povo nordestino não quer ser visto no Sul e no Sudeste apenas como ajudante de pedreiro ou pedreiro, ou como pobre que mora em favela. Aliás, foi o Nordeste que produziu Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga, Dominginhos, Gilberto Gil, Caetano Veloso. O Chico Buarque tem coisa do Nordeste, o pai dele era do Nordeste.

Um povo que produziu tanta coisa boa precisa apenas que a gente abra a porteira das oportunidades para o conjunto do Brasil. Isso, Crispiniano, você é testemunha de que estamos fazendo. Eu tenho certeza que seu filho e seu neto vão colher um Nordeste que eu não colhi e você não colheu. Se nós



conseguimos vencer, mesmo sem ter as oportunidades quando precisávamos ter, certamente outros nordestinos vencerão. Um dia seremos um país de iguais, um país em que, quando se vir um nordestino, não se diga que ele vai apenas construir ponte ou casa porque ele é pedreiro, mas se diga que ele é engenheiro, médico. E que digam, em alto e bom som: “é lá que nascem os grandes poetas brasileiros”.

Parabéns, Crispiniano.

Viva o cordel!

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de posse da nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do
ABC**

São Bernardo do Campo-SP, 02 de agosto de 2008

Meus queridos companheiros e companheiras metalúrgicos,

Houve um tempo em que este país teve um presidente da República que, ao deixar o governo, disse que não gostava do cheiro do povo, preferia cheiro de cavalo. Eu estava ali sentado perto do povo, dentre os quais a minha mulher, e pensei: vou falar ali na frente para sentir mais o cheiro dessa categoria extraordinária que mudou a história política deste país.

Quero cumprimentar o recém-empossado presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, o companheiro Sérgio Nobre,

Quero cumprimentar o companheiro Jair Meneguelli, ex-presidente deste Sindicato, ex-presidente da CUT e hoje presidente do Sesi,

Quero cumprimentar o companheiro Vicentinho, ex-presidente deste Sindicato, ex-presidente da CUT e hoje deputado federal,

Quero cumprimentar o companheiro Guiba, ex-presidente deste Sindicato, e ex-presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Luiz Marinho, ex-presidente deste Sindicato, ex-presidente da CUT, ex-ministro da Previdência Social, e ex-ministro do Trabalho,

Quero cumprimentar o companheiro Artur, nosso companheiro presidente da CUT,

Quero cumprimentar a diretoria recém-empossada do Sindicato dos Metalúrgicos,

Quero cumprimentar o companheiro Grana, presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos,



Quero cumprimentar os companheiros e as companheiras do Conselho,
Quero cumprimentar os companheiros dos comitês de fábrica aqui presentes,

Chega de nominata. Segura aqui para mim.

Companheiros e companheiras, eu queria fazer uma pergunta: quem tem menos de 50 anos aqui, levante a mão. O Marinho levantou a mão? Levanta a mão, Marisa. Quem tem menos de 40 anos, levante a mão. Meu querido companheiro doutor Maurício, veja que vergonha: eu e você, mais a doutora Nébia, que está aqui, já estávamos no Sindicato e a maioria absoluta aqui não tinha nem nascido ainda.

Vejam o que é a história: eu tomei posse pela primeira vez como diretor deste Sindicato, eu era delegado da Villares, no dia 24 de abril de 1969. Nem a Marisa eu conhecia. Só conhecia duas pessoas que estão aqui: a doutora Nébia, que era dentista e ninguém tinha medo dela, que ainda hoje está no Sindicato, e o doutor Maurício, que era o conselheiro da diretoria e advogado do nosso Sindicato. Quarenta anos já se passaram desde que eu tomei posse.

Esta categoria evoluiu de forma extraordinária. Eu estou vendo aqui empresários como o Nildo Mancini, que na década de 70 negociava com o Sindicato. Ele representando a Fiesp, e eu representando os trabalhadores. Estou vendo aqui companheiros prefeitos, ex-prefeitos, a minha ministra do Turismo, a companheira Marta Suplicy, o Aldo Rebelo, ex-líder do governo e deputado federal, o nosso querido companheiro Gilson, primeiro prefeito de Diadema pelo PT, e o Feijóo estava falando – a companheira Sueli hoje tem uma dívida com o Feijóo, porque depois daquele “meu amor” que ele falou ali... Não foi mole o “meu amor” do Feijóo.

Quero cumprimentar os companheiros das centrais sindicais aqui presentes, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, dos Bancários, da Confederação dos Bancários, e quero cumprimentar o heroísmo



de vocês. Quando fui convidado para vir aqui, me disseram que o churrasco começaria a partir das 11 horas e à 1 hora teria o ato. Eu falei: “esse pessoal é louco, me dê uma carnezinha quente e um chopezinho gelado, para que eu quero ouvir discurso? Não vai ter ninguém”, mas as pessoas estão aqui. O Frei Chico está aqui? Onde está o Frei Chico? O Frei Chico é a razão pela qual eu entrei no Sindicato. Na verdade, era ele quem iria entrar. Pelo fato de ele não querer entrar, porque na fábrica dele já tinha um diretor de sindicato, eu então, afortunadamente, virei presidente da República e ele não virou. São coisas da vida.

Companheiros e companheiras, eu não quero estragar o dia de vocês com muitas palavras, mas queria dizer algumas coisas que eu considero essenciais. Estava vendo o Sérgio Nobre falar e me lembrei do discurso que eu fiz na posse do Marinho. Quando o Marinho fez o discurso de posse, eu tive, eu não sei se a coragem, Marinho, ou o ato de ignorância da minha parte, de dizer que o Marinho, de todos os presidentes do Sindicato, não era o melhor orador de porta de fábrica, mas certamente era o melhor organizador da categoria que nós íamos ter. O Marinho provou que embora não fosse um orador de fazer a companheirada chorar na porta de fábrica como o Vicentinho, ele provou ser, dentre todos nós, o mais importante articulador dessa categoria. É preciso fazer esse reconhecimento para justificar o discurso que eu fiz na posse do companheiro Marinho.

Ouvi o Sérgio Nobre falar agora, e se a gente ficar comparando com os discursos do Vicentinho, certamente a gente vai falar: o Sérgio Nobre não vai fazer a gente chorar na porta da Mercedes. Mas, vejam que engraçado: no meu tempo de presidente do Sindicato eram só 24 diretores, sete executivos e 17 delegados de fábrica. Hoje, a organização que nós conquistamos permite que a gente tenha uma Executiva, um Conselho que participa das decisões, e um extraordinário Comitê de Fábrica, que não pode permitir que a gente erre, como erramos no passado.



Naquele tempo, e é importante a imprensa registrar, porque o jornal Valor fez uma matéria há 15 dias, em que dizia que o Sindicato estava enfraquecido se comparado ao nosso tempo. Eu queria dizer para a imprensa: o Sindicato, hoje, é infinitamente mais forte do que foi no meu tempo, muito mais forte, muito mais organizado.

Naquele tempo, o Sindicato sobrevivia das emoções do momento político e das emoções e lágrimas da diretoria do Sindicato, aos enfrentamentos com a polícia. Para decretar uma greve era preciso 500 assembleias, a gente se matava para convencer. E, depois, ainda tinha piquete. Naquele tempo o trabalhador não andava com o jornal dentro da fábrica. Às vezes enfiava dentro das calças, enrolava na perna para entrar, porque senão era mandado embora. Naquele tempo – e é importante a imprensa registrar – para fazer uma greve, a gente fazia preparação de um mês de assembleia.

Hoje, o presidente do Sindicato não precisa fazer grandes assembleias. Ele convoca a diretoria, convoca o comitê e decide: vamos parar a Volkswagen, vamos parar a Mercedes, vamos parar a Ford. As empresas param, porque os trabalhadores hoje têm muito mais consciência política do que tinham na época em que eu era presidente do Sindicato. Aprenderam muito mais, conquistaram muito mais.

Essa é a diferença que faz os metalúrgicos do ABC serem diferentes de muitas outras categorias do Brasil. Não falo isso em demérito a nenhum sindicato. Mas é por isso que qualquer outro metalúrgico da indústria automobilística, no Brasil, ganha exatamente metade do que vocês ganham aqui no ABC. Vocês ganham porque são mais qualificados, porque se prepararam melhor. Vocês ganham porque não foi dádiva de nenhum empresário, foi conquista, passo a passo, milímetro a milímetro, dia após dia.

Essa é uma marca registrada desde 1959, quando este Sindicato foi dirigido pelo companheiro Afonso Monteiro. Desde essa época, este Sindicato



tem sido o mais importante e atuante deste país. É menos pela importância da minha diretoria, do Meneguelli, do Vicentinho, do Feijóo, do Marinho, do Guiba. É muito mais pelo alto grau de consciência política que vocês foram acumulando ao longo desses anos todos, e isso ninguém tira.

Peguem a história da humanidade e vejam em que lugar do mundo um operário foi eleito democraticamente para ser presidente da República. Vejam em que lugar do mundo um operário conseguiu sair das greves de um sindicato e virar presidente da República. Nós tivemos o Walessa, na Polônia, mas por uma outra razão: aquilo era luta anticomunista, era necessidade de acabar com o socialismo existente naquela época.

Vocês que acompanham, e eu agradeço sempre o papel da imprensa. A imprensa é a responsável pelo que sou, não porque fala bem de mim, mas porque fala mal de mim. Ela é responsável pelo que sou. Eu não peço para a imprensa nenhuma matéria favorável, eu só peço a verdade, a verdade nua e crua, doa a quem doer: errou, porrada; acertou, reconheçam o acerto.

Nós estamos fazendo crescer a economia há quatro anos seguidos. O emprego cresce como jamais cresceu neste país. O salário cresce, e este é o momento de vocês conquistarem salário. Aqui tem empresários amigos nossos em muitas horas, e adversários negociadores em outras. Vocês têm que saber: a hora em que a gente tem que ganhar aumento de salário é a hora em que as empresas estão ganhando dinheiro. Na hora em que elas estiverem tendo prejuízo o que vocês vão ganhar é desemprego. Essa é a hora de reivindicar salário, de aumentar as conquistas e de conquistar as coisas a que vocês têm direito. Eu peço desculpas, Sérgio, porque estou falando quase como presidente do Sindicato, mas é assim mesmo.

Agora nós estamos vivendo um momento meio preocupante. Por que preocupante? Ontem a indústria cresceu 6,3%, é um número muito significativo. Hoje eu peguei os quatro jornais mais importantes do País, só um deu na primeira página. Se fosse matéria negativa, teria dado em todos. Mas



não tem problema, eu confio no leitor brasileiro, eu confio nas pessoas que compram jornais, que compram revistas, que vêem televisão, que lêem comentaristas. Eu acredito na capacidade de discernimento das pessoas: quando é verdade, as pessoas sabem que é verdade, quando é mentira, as pessoas sabem que é mentira, quando é má-fé, as pessoas sabem que é má-fé.

Nós, agora, estamos vivendo um clima preocupante, com a crise americana. A crise americana ainda não está desnudada, ela ainda não apareceu, porque é uma crise muito violenta de crédito nos Estados Unidos. Não sei se vocês sabem, nos Estados Unidos a pessoa compra uma casa, e se essa casa valer 100 mil reais, a pessoa paga pela casa 100 mil reais. Se essa casa valorizar e o mercado disser que essa casa vale 150 mil reais, a pessoa pode tomar a diferença da valorização emprestada, no caso mais 50 mil reais, para gastar no consumo.

Acontece que todo mundo tomou dinheiro emprestado, as casas não se valorizaram, todo mundo não teve condições de pagar suas prestações, houve uma quebra e, até agora, não tem um pronunciamento do FMI, não tem um pronunciamento do Banco Central.

Ah, se fosse o Brasil! Ah, se fosse a Bolívia! Ah, se fosse a Venezuela! Ah, se fosse a Argentina que tivesse quebrado! Estava todo mundo dando palpite, estava todo mundo dizendo o que tinha que fazer. Eu fui agora a Tóquio, na reunião do G-8, ninguém falou nada, absolutamente ninguém. Eu estava lá, com os presidentes dos países mais importantes do mundo, e ninguém falou da crise americana, ninguém falou da quebra dos bancos europeus. Ninguém fala porque isso é segredo de Estado.

Agora, quem vai pagar a conta são os países pobres. Quem eles querem que pague a conta são os países pobres, porque muita gente que estava investindo em especulação imobiliária nos Estados Unidos, na verdade estava num cassino. Essa é a verdade, estavam jogando num cassino. Pois



bem, esses pularam para o mercado especulativo do petróleo e para o mercado especulativo de alimentos, e começaram a comprar no mercado futuro, a precificar os preços do petróleo e do alimento.

Nós, então, tivemos um fenômeno, uma inflação mundial. Uma inflação que pegou da China aos Estados Unidos, do Chile até a Índia, e pegou o Brasil. Só que o Brasil, desta vez, está mais preparado. Se fosse há oito anos, se os Estados Unidos espirrassem, a gente pegaria pneumonia. Agora, não. Agora nós estamos escolados, estamos preparados e estamos atentos.

Eu faço reunião com o meu pessoal da economia todo santo dia. Tomamos a decisão: contra a inflação, nós temos que aumentar a produção. Tivemos o maior programa agrícola da história deste país: 80 bilhões de reais de financiamento da agricultura. Fizemos o financiamento de 25 bilhões de reais para a agricultura familiar. Nós queremos que eles comprem 100 mil tratores até 2010, para a gente dobrar a produção agrícola na agricultura familiar deste país.

Se essa crise de alimentos é problema para alguns, para nós é uma oportunidade extraordinária: levar tecnologia e automação para o agricultor familiar. Nós não queremos mais que o agricultor do Nordeste e do Norte fique apenas plantando macaxeira para comer, ou feijãozinho de corda. Nós queremos é que ele tenha máquina para dobrar a produção, para diversificar a produção, para a gente alimentar o Brasil e o mundo.

Mas não é apenas isso. Nós instituímos uma coisa chamada Territórios da Cidadania. São quase dois mil municípios, os mais pobres do Brasil, aonde nós vamos chegar com a ação de 19 Ministérios para tratar da saúde, da educação, do crédito, da produção, do microcrédito, para que a gente transforme este país, de um país historicamente em desenvolvimento, para um país definitivamente desenvolvido.

Aí entra a questão da indústria. Aqui tem empresários que sabem que os investimentos que estão acontecendo no Brasil neste momento, há mais de 30



anos não aconteciam. Só de capital privado nós vamos ter, até 2012, já contratados, mais de 400 bilhões de dólares de investimento. Só nesses próximos meses, até março do ano que vem nós vamos anunciar, em primeiro lugar, quatro novas siderúrgicas, uma no Ceará, uma no Pará, uma no Maranhão e uma no Espírito Santo. Nós vamos anunciar mais uma refinaria da Petrobras, de 19 bilhões de dólares, 600 mil barris/dia para produzir gasolina *premium* para a gente exportar, lá no Maranhão. Mais uma de 300 mil litros/dia, lá no Ceará, para também explorar e exportar a nossa gasolina.

A Transnordestina nós estamos fazendo, ao todo são 4.700 quilômetros de ferrovia. Em março, nós vamos licitar o trem-bala, ligando Rio-São Paulo a Campinas, para a gente fazer em 1h20 e não precisar ficar no aeroporto esperando a vida inteira. É um investimento de 9 bilhões de dólares. Nós vamos fazer duas hidrelétricas no rio Madeira, são mais 6 bilhões de dólares – além da refinaria em Pernambuco – em parceria com a Venezuela. Portanto, a palavra de ordem deste governo para combater a inflação e a crise econômica americana é aumentar os investimentos em produção, gerar empregos, distribuir renda e melhorar a vida deste povo. Só a indústria automobilística que está aqui já anunciou 20 bilhões de dólares de investimentos até 2010. A Toyota vai abrir uma fábrica em Sorocaba, a Hyundai está pensando em abrir outra fábrica no Brasil. E é de grão em grão que a nossa galinhazinha vai enchendo o papo.

Digo sempre aos meus interlocutores: eu já vivi do lado de vocês. Sei o que é inflação a 80%, a 40% ao mês. Este país não pode se dar ao luxo de ter inflação por conta do aumento do preço do feijão. Nós vamos dobrar a produção de feijão. Este país não pode ter inflação por causa do preço do leite. Vamos dobrar, vamos fazer as vaquinhas, com muito carinho dar mais leite. Vamos levar tecnologia para a gente poder ter leite mais barato. O governo federal já fez isenção de todos os impostos do trigo e é preciso começar a perguntar para os padeiros por que no mercado o pão custa 10 centavos e na



padaria custa 24 centavos. Enquanto vocês não começarem a cobrar, eles não vão repassar a redução de imposto que nós demos para o preço do pão que vocês compram.

O brasileiro ficou muito tempo sem comprar carne, qual o problema que nós temos? Os chineses estão comendo carne. Imaginem 1 bilhão e 300 milhões de chinês, 1 bilhão e 100 milhões de indianos, 1 bilhão de africanos... No Nordeste brasileiro as pessoas estão comendo carne, e nós não temos gado para fornecer carne para todo mundo. No Nordeste nós comemos calango, preá e outras coisas mais que eu não posso falar por causa do meio ambiente. Mas eu quero dizer para vocês: um nordestino com fome come qualquer coisa, quem é da terrinha sabe.

Gente, eu queria dizer essas palavras para vocês. Nós estamos tomando os cuidados necessários. Quando tomei posse, em 2003, eu dizia: eu não posso errar. Qualquer presidente pode errar. O cara erra, fica quatro anos, vai embora para o exterior dar aula e aí esquece e volta outra vez. Eu não. Na hora em que eu sair de casa, eu e Marisa voltaremos para cá, pertinho do Sindicato, para ouvir vocês fazendo barulho às 5 horas da manhã na porta da Volkswagen e me acordar fazendo discurso na porta da Mercedes. Eu não posso errar por outra coisa: se um rico erra, é normal; se um intelectual erra, é normal; mas se um peão erra, eles vão dizer que peão não está preparado, vai levar mais 500 anos para a gente fazer outro peão presidente da República deste país, e nós não temos o direito de permitir que isso aconteça.

O companheiro João Felipe acabou de chegar. Estou vendo o João Felipe ali. Eu quero dizer para vocês, estejam certos de uma coisa: eu li na imprensa, quando cheguei em casa ontem à noite, que eu ia participar do primeiro ato político. Não é verdade. Eu queria a compreensão de vocês porque isso aqui é a posse da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. É uma diferença fantástica. Agora, quero dizer para vocês que terei imenso prazer de estar com a imprensa nos comícios que vou fazer para os candidatos



do PT aqui na região, nos comícios que vou fazer para a companheira Marta lá em São Paulo. Não pensem que não vou fazer, porque vou fazer. Não hoje, porque hoje o rei da festa é o Sérgio Nobre, que está tomando posse. É a ele que rendo as minhas homenagens e é por causa da posse dele que eu vim aqui.

Mas estejam certos de que, da mesma forma que quero eleger os meus companheiros prefeitos aqui, pessoas com quem eu tenho história, afinidades, compromissos ideológicos, eu quero dizer para vocês, escrevam: eu vou fazer a minha sucessão neste país e vamos eleger uma pessoa da nossa confiança para dar seqüência a tudo que nós fizemos, para gerar mais emprego do que eu, para tratar os pobres melhor do que eu, para tratar os trabalhadores melhor do que eu. Agora encontramos petróleo que não acaba mais. Desse petróleo, estejam certos, uma parte vai ser para cuidar da educação e a outra parte vai ser para cuidar dos pobres deste país e das regiões mais pobres deste país. Por isso, meus companheiros e companheiras, eu tenho dois anos e seis meses de mandato, vocês têm quatro, três anos de mandato. Portanto, eu quero ter a felicidade de repartir com vocês os sofrimentos e as glórias que nós vamos ter nesse próximo período, e eu espero que sejam mais glórias do que sofrimentos. Que Deus abençoe cada um de vocês, cada membro do Conselho e cada diretor.

Obrigado e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
cerimônia de abertura do Encontro Empresarial Brasil-Argentina, com a
presença da presidente da Argentina, Cristina Fernández de Kirchner
Buenos Aires-Argentina, 04 de agosto de 2008**

Excelentíssima senhora Cristina Fernández de Kirchner, presidente da
República Argentina,

Ministro de Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da
Argentina, Jorge Taiana,

Ministro do Planejamento Federal, Investimento Público e Serviços da
Argentina, Julio De Vido,

Senhores e senhoras ministros da Argentina,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,

Senhor Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio
Exterior,

Senhores ministros brasileiros, Dilma Rousseff, da Casa Civil; Nelson
Jobim, da Defesa; Luiz Barretto, do Turismo; Franklin Martins, da
Comunicação,

Meu caro Juan Carlos Lascurain, presidente da União das Indústrias
Argentinas,

Meu caro Paulo Skaff, presidente da Federação das Indústrias do estado
de São Paulo,

Senhoras e senhores empresários e empresárias da Argentina,
empresários e empresárias brasileiras,

Primeiro, quero dizer da minha profunda alegria de poder participar,
neste dia, deste encontro com a presidenta Cristina e com os empresários
brasileiros e argentinos. Certamente a história registrará que este é o mais



importante encontro empresarial entre os dois países até agora. Eu espero que o próximo seja muito maior e que, daqui para a frente, a gente possa bater recorde em cada reunião que fizermos com os empresários argentinos e brasileiros. Tomamos o café da manhã com alguns empresários brasileiros e, certamente, o Paulo Skaff irá falar. Nós, agora, queremos convidá-los para irem ao Brasil, para repetirmos um evento como este lá no estado de São Paulo.

É uma grande satisfação inaugurar este Seminário, ao lado da minha querida amiga, Cristina Fernández de Kirchner. Estamos aqui reunidos para discutir ações e iniciativas concretas para consolidar ainda mais as relações entre Argentina e Brasil, países que vivem um momento, eu diria, excepcional.

Os empresários têm papel crucial nesta aliança estratégica que estamos construindo. É importante que os homens de negócios, argentinos e brasileiros, tenham adotado o hábito de reunir-se regularmente para debater nossos desafios comuns.

Partimos de uma base muito positiva. A corrente de comércio cresceu 35% entre janeiro e junho. Se esse ritmo for mantido – e estou seguro de que será – fecharemos 2008 com um recorde de mais de 30 bilhões de dólares de intercâmbio entre os dois países. Eventuais distorções numa ou noutra direção de nosso comércio têm de ser corrigidas, e estejam certos de que, se depender do Brasil, o serão.

Nosso comércio reflete a pujança de nossas economias. Estamos crescendo consistentemente a taxas elevadas, com níveis históricos de geração de renda e de empregos. Nossas contas internas e externas estão equilibradas e acumulamos reservas cambiais elevadas, o que nos resguarda da atual instabilidade nos mercados internacionais.

Deixamos para trás um passado de níveis de crescimento incompatíveis com nossas aspirações. Superamos décadas de experimentações econômicas, eu diria, até irresponsáveis, que deixaram milhões sem perspectiva ou dignidade. O nível intenso dos investimentos brasileiros na Argentina e dos



argentinos no Brasil é garantia de que nossa parceria pelo desenvolvimento é sólida e duradoura.

Mais importante do que a quantidade é a qualidade desses investimentos: grande parte dos capitais que entram não é apenas para comprar firmas e patrimônio já existente. Têm servido para ampliar e aprimorar a capacidade produtiva, o que redundará em ganhos de eficiência e geração de empregos de qualidade.

O Brasil já é o terceiro maior investidor na Argentina. A partir de 2002 passou a ser o primeiro investidor em fluxo de capitais. Muitas empresas brasileiras apostam na Argentina: são fábricas tecnologicamente avançadas e competitivas em setores estratégicos como energia, alimentos, bebidas, têxtil, cimento e siderurgia. Da mesma forma, capitais argentinos no Brasil conquistam espaço em áreas cruciais como infra-estrutura, alimentos e fármacos.

Tenho dito, enfaticamente, que uma Argentina industrializada e competitiva fortalece o Brasil, o Mercosul e nosso projeto sul-americano. Por isso, a presidenta Cristina e eu examinamos medidas concretas para reforçar esse ciclo virtuoso. No Brasil, já estamos dando um passo importante: a criação de um fundo soberano que ajudará empresas brasileiras a investirem na América do Sul e na América Latina.

Meus amigos e minhas amigas,

Nossos países conquistaram o crescimento e a estabilidade aprofundando a democracia, sem recorrer a modelos externos. Mas essa democracia tem de ser cada vez mais inclusiva e solidária socialmente. Esse sentimento atravessa toda nossa região. Não adianta esperar o bolo crescer para depois distribuí-lo. Essa estratégia passada só aumentou o fosso entre os que têm e os que não têm.

Não tem sido fácil construir alternativas para resgatar a nossa histórica dívida social. Requer decisão, vontade política, e compromisso com os de



baixo para romper com antigos paradigmas. Exige políticas macroeconômicas consistentes, que estimulem o investimento produtivo capaz de garantir o crescimento de longo prazo. Exige, também, medidas para estender oportunidades a todos, de forma a ampliar o mercado interno capaz de impulsionar a atividade econômica.

Senhoras e senhores empresários,

A economia mundial vive momentos de turbulência e incerteza. Pressões inflacionárias em escala global e a especulação financeira encarecem alimentos, energia e matérias-primas. Subsídios dos países ricos encarecem os alimentos e inibem investimentos em países com vocação agrícola. Mas há também um fator positivo: dezenas ou centenas de milhões de homens e mulheres passaram a se alimentar melhor em todo o mundo, sobretudo em nossos países.

A frustração da Rodada de Doha exige que multipliquemos, em outros tabuleiros, nossos esforços para eliminar as distorções e barreiras ao comércio internacional. A Argentina e o Brasil podem liderar a resposta do Mercosul e da América do Sul a esses desafios. Nossa aliança estratégica é a espinha dorsal desse projeto.

Com o fortalecimento de nosso bloco e as iniciativas de integração regional, estamos lançando as bases de um espaço sul-americano verdadeiramente unido, capaz de nos projetar globalmente. Os biocombustíveis, em particular, podem ser importante alternativa para retirar países pobres da insegurança alimentar e energética, além de gerar emprego e renda.

Nossos empresários dos setores agro-alimentares têm relevante papel na superação da crise alimentar que o mundo vive. As parcerias entre empresas da região, especialmente argentinas e brasileiras, são decisivas para nossa inserção competitiva na economia mundial. É essa a motivação dos mais de 300 empresários que me acompanham nesta visita e que participam deste



Seminário. Mas não basta liberalizar o comércio. Precisamos diminuir custos logísticos, fomentar o comércio regional e tornar viáveis projetos voltados para a integração de cadeias produtivas.

Estamos empenhados em promover uma verdadeira articulação de políticas agrícolas, industriais e tecnológicas. É necessário gerar produção para competir nesses mercados, assumindo riscos, investindo em tecnologia e na modernização dos processos produtivos. Melhorar nossa competitividade significa integrar dinamicamente os tecidos produtivos, conjugando o que há de melhor em cada país, para ambos ganharem escala e qualidade em bens e serviços. Isso permitirá realizar a integração produtiva que está na origem do Mercosul.

O regime automotivo que assinamos recentemente mostra como podemos trabalhar juntos para agregar valor e transferir tecnologia. Ao mesmo tempo, estamos combatendo assimetrias e criando, em parceria com nossos sócios do Mercosul, um dos maiores e mais competitivos parques de produção em setor industrial, com grande impacto e irradiação.

A integração passa por coisas muito concretas, entre elas a construção e a modernização de pontes, rodovias, ferrovias, portos, aeroportos, infraestrutura de energia e telecomunicações. Por isso, o BNDES financiou a ampliação dos gasodutos do Norte, San Martín e Neuba II, no valor de quase 300 milhões de dólares. O mesmo vale para as redes de gás TGN e TGS, com adicionais de 882 milhões de dólares. Outros projetos aprovados pelo BNDES, num total de 1,7 bilhão de dólares, aguardam apenas a contratação.

O Brasil continua a apostar na Argentina: em seus trabalhadores, em seus empresários e em seu governo. Precisamos, também, fortalecer as pequenas e médias empresas como verdadeiros motores da integração. Por isso, estamos instituindo no Mercosul um fundo específico.

Senhoras e senhores,

A presidente Cristina e eu estamos acompanhando, pessoalmente, os



principais projetos bilaterais por meio de um mecanismo de encontros semestrais. Assim, asseguramos impulso político para avançar em todas as áreas do relacionamento bilateral: da economia e do comércio às políticas de desenvolvimento e sociais, passando pela cooperação em defesa, educação, cultura, ciência e tecnologia.

Pretendemos avançar na coordenação de políticas públicas, na harmonização de regras e na simplificação dos trâmites que incidem sobre o dia-a-dia das empresas. Estamos atentos às possibilidades de aumentar a sinergia em setores estratégicos onde já há investimentos cruzados: bens de capital, calçados, indústria naval, “software”, químico e petroquímico, têxtil, financeiro, pequenas empresas, turismo, biocombustíveis, alimentos e bebidas.

Quero lançar um desafio a todos: criar um foro permanente reunindo governo e empresariado para pensar a integração como um interesse estratégico das empresas e dos dois países. É preciso estabelecer novas parcerias, gerar investimentos que aumentem a produtividade de seus negócios e que lhes permitam conquistar novos mercados.

Os governos da Argentina e do Brasil farão a sua parte. É fundamental que o Banco de la Nación, o Bice e o BNDES estabeleçam uma parceria renovada e estudem modalidades de financiamento conjunto de associações entre nossos setores privados. Em breve, as três instituições estarão assinando um Convênio de Cooperação. Cabe aos setores privados dos dois países desenhar empreendimentos comuns, com impacto na integração de cadeias de valor.

Concluimos as medidas para a implementação de um sistema de pagamentos em moeda local, que baixará os custos do comércio, sobretudo para as pequenas e médias empresas. Aproximará os sistemas dos nossos bancos centrais e estimulará a consolidação de mercados cambiais em moeda nacional. Pode ser o germe de uma futura integração monetária. Não há dúvida de que unidos, e contando com marcos regulatórios adequados, nossos



empresários estarão melhor preparados para enfrentar a marcha da economia globalizada.

Prezada Presidente,

O Brasil mais justo e solidário que almejamos somente será possível se toda a região também o for. Esse é o sentido estratégico da integração, essa é a essência do projeto histórico que nos une.

Argentina e Brasil não temem divergências que nascem daquilo que construímos juntos. Responderemos com serenidade e perseverança, na certeza de que nossos interesses soberanos sempre se reforçarão no seio de nosso projeto comum. Não me canso de repetir: juntos seremos mais soberanos.

Com esse ânimo nos engajamos na construção de um novo modelo capaz de assegurar crescimento econômico e desenvolvimento social com geração de emprego e distribuição de renda. Temos um imenso potencial pela frente. Vamos juntar forças para garantir nossa inserção soberana na economia mundial e responder às legítimas aspirações de bem-estar e justiça social de nossas sociedades. Após o encerramento deste seminário, vamos receber dos líderes empresariais as suas conclusões.

Por isso, eu quero, minha amiga Cristina... Já cumpri com a formalidade de ler o meu discurso nos anais da história do Brasil, e agora quero falar um pouco do meu sentimento com a presidente Cristina e com os empresários brasileiros e argentinos.

Eu fico sempre imaginando quanto tempo nós perdemos na construção de uma relação estratégica mais forte entre Argentina e Brasil. Aliás, eu fico pensando quanto tempo nós perdemos na construção de uma união sul-americana de nações, que agora estamos começando a construir quanto tempo nós perdemos na construção de uma união sul-americana de nações, que agora estamos começando a construir.

Eu sei que para cada presidente, para cada empresário, seria melhor se



nós não fôssemos tão pobres ou se não tivéssemos, vizinhos a nós, países tão pobres. Quem sabe todo mundo sonhasse que o nosso continente estivesse fazendo fronteira com toda a União Européia, e por isso, poderíamos ser mais ricos e mais desenvolvidos.

Vamos analisar um pouco a história e chegar à conclusão de por que perdemos tanto tempo para nos fortalecer, acreditando que a solução para os nossos problemas estava além do Atlântico ou do Pacífico. O empresário argentino não pode olhar o Brasil como um país competidor. O empresário argentino precisa olhar o Brasil como um potencial de mercado consumidor de 190 milhões de pessoas. O Brasil tem que olhar para a Argentina como um país com potencial de consumo de 40 milhões de habitantes, mas, muito mais importante: o somatório da sinergia dos dois países perfaz uma sociedade de 230 milhões de habitantes. Possivelmente sejam os únicos, fora dos países grandes, a ter competitividade e, certamente, a levar vantagem na questão agrícola.

Quando se fala em crise de alimentos, alguns países podem tremer, ficar preocupados. Eu penso que Argentina e Brasil precisam ver essa crise de alimentos com uma certa preocupação, mas também como uma grande oportunidade histórica de se transformarem em países ainda mais competentes para fornecer, não apenas aos nossos, mas lá fora, alimentos de qualidade para as pessoas comerem.

Nós precisamos começar a perceber que se Argentina e Brasil estiverem juntos, poderão fortalecer o Mercosul, o Uruguai, o Paraguai, a Bolívia, o Equador, a Venezuela, a Colômbia, o Chile. Todos esses países, sem distinção, serão muito mais fortes se Brasil e Argentina estiverem juntos e tiverem políticas conjuntas para atuar. Afinal de contas, somos mais industrializados, temos mais tecnologia, temos mais experiência em comércio exterior.

A chance está colocada. O empresário brasileiro não pode ver o



argentino como um concorrente. Concorrente sim, na lógica da boa competitividade, até porque a concorrência existe, mesmo entre os brasileiros e entre os argentinos. O que precisamos começar a enxergar é que juntos poderemos disputar o comércio dos países mais ricos e atender países que até agora não foram atendidos por ninguém.

Temos o continente africano à disposição de parcerias. Muita gente pode pensar: “Por que esse Lula fala tanto da África? Tem muito pobre na África”. Daqui a 30 anos a África será um continente de 1 bilhão e 300 milhões de habitantes. Se 300 milhões forem pessoas que têm poder aquisitivo para almoçar, jantar e tomar café da manhã, ou para ter uma televisão, imaginem quanto vai ter que crescer a nossa produção para atender esse mercado.

Eu vi agora, na Rodada de Doha – um sacrifício imenso – o quanto é difícil conseguir tirar uma vírgula, um centavo de um país rico. Aliás, certamente, Cristina e eu nos preocupamos em discutir com nossos ministros cada passo, cada decisão. Na verdade, lá são os representantes que possivelmente, nem cheguem perto dos presidentes para tomar as decisões.

Há dois anos, Cristina, eu, pessoalmente, falei umas quatro vezes com o presidente Bush, falei com o Chirac, com o Sarkozy e com a Angela Merkel duas vezes, falei com o Tony Blair, com o Gordon Brown, que tinha se esgotado a parte técnica da Rodada de Doha. Os nossos técnicos já tinham feito o que era possível fazer e estava na hora de juntar os dirigentes políticos para tomarmos uma decisão política, porque a questão não era mais econômica, era eminentemente política. Afinal de contas, tem eleição nos Estados Unidos este ano, e na Índia no ano que vem. Em época de eleições, não é apenas na Argentina que é difícil tomar decisões ou no Brasil que é impossível tomar decisões. Lá também, nos países distantes de nós, é difícil, sobretudo quando se mexe com agricultura, porque são muitos os interesses e, possivelmente, as pessoas permitam que o político sobreponha os interesses econômicos das nações.



Eu não estou desanimado. Quero dizer a vocês que ainda vou continuar teimando para ver se nós construímos uma saída. Acho que se nós não concluirmos o acordo de Doha, possivelmente a Argentina ou o Brasil não sofram tanto, mas os países mais pobres, que têm que ser incentivados a produzir alimentos e, para produzirem alimentos têm que ter o mercado dos países ricos aberto para eles, não irão produzir alimentos e muita gente continuará passando fome. No mundo rico, cada vez mais, haverá legislação mais dura para proibir o trânsito das pessoas pobres, criando mais dificuldades para a imigração.

É esse mundo, minha querida companheira e presidenta Cristina, que Argentina e Brasil têm a responsabilidade de ajudar a mudar. Eu não sei se acontece com você, mas muitas vezes a gente se sente pequeno por ser do Terceiro Mundo, a gente pensa que não tem forças por ser de um país emergente. Eu me lembro, quando era presidente do Sindicato, que fazíamos um documento para incentivar os trabalhadores a lutar: colocávamos uma varinha e mostrávamos que era fácil quebrar uma única vara. Colocávamos um feixe de varas e percebíamos que era impossível quebrar aquele feixe.

Se juntarmos os interesses de Argentina e Brasil, mais os interesses de países emergentes como nós, os interesses da América do Sul – temos que construir os consensos no limite do possível para andar juntos no mundo, defendendo a mesma bandeira – nós poderemos fazer diferença nas negociações internacionais. Obviamente que sem abrir mão da soberania de cada país, fazendo os acordos bilaterais que cada país entenda ser melhores. Isso nós não discutiremos porque a soberania dos países é intocável, os interesses soberanos de cada Estado são intocáveis, mas poderemos construir muitas coisas juntos.

Eu tenho a convicção de que não interessa à Argentina crescer sozinha e ficarem a Bolívia, o Uruguai e todos os demais países pobres. Como tenho certeza que não interessa ao Brasil, até por uma questão de inteligência, de



interesse estratégico, crescer e os outros países não crescerem.

Empresários argentinos, nós temos muita coisa acontecendo no Brasil. Temos o Programa de Aceleração do Crescimento que, até 2010, teremos que investir 504 bilhões de reais, o equivalente hoje a quase 300 bilhões de dólares. Além disso, temos praticamente mais 400 bilhões de dólares da iniciativa privada em investimentos anunciados e planejados até 2012, 2013 ou 2014. Estamos construindo 4.700 quilômetros de ferrovias; vamos licitar, em março do ano que vem, um trem de alta velocidade; temos mais duas refinarias para fazer no Brasil; temos mais quatro siderúrgicas para fazer no Brasil; temos muitos investimentos na política de reflorestamento, na produção de papel e celulose, além do crescimento dos outros setores industriais.

Na indústria naval, por exemplo, nós teremos que contratar, até 2014, 200 navios. Temos que contratar 200 sondas e cada uma custa 700 milhões de dólares. Temos que construir várias plataformas. E nós queremos partilhar essas possibilidades com a Argentina. Por que só a indústria naval brasileira crescer, e a gente não fazer com que cresça a indústria naval de outros países junto conosco? Por que não criar um pólo de indústria naval poderoso aqui na América do Sul? Isso é possível.

Eu me lembro que, em 2002, quando disputei a primeira eleição, dizíamos que íamos construir plataformas no Brasil, e diziam que eu estava contando inverdades porque o Brasil não tinha condições. Hoje, 75% dos componentes de uma plataforma são feitos no Brasil. Portanto, temos as condições, os empresários, financiamento e conhecimento tecnológico. O que precisamos é conversar mais, nos juntarmos, tentar aparar todas as arestas, diminuir a burocracia na Argentina e no Brasil, fazer com que as coisas fluam com mais facilidade, não permitir que os interesses individuais de uma fábrica ou de um setor atrapalhem o acordo estratégico de uma nação, porque senão não andaremos e não iremos para a frente.

Gostaria de terminar dizendo a vocês que tenho mais 2 anos e 5 meses



de mandato no Brasil. Gostaria de, ao concluir o meu mandato, poder deixar como legado a contribuição de um presidente que olhou para o continente sul-americano como se Deus nos tivesse dado um sinal. Por que Deus nos construiu grudados? Mesmo que a gente queira se separar, não pode, porque é o mesmo território. As fronteiras são imaginárias e são demarcadas por nós, mas isso não impede que nós nos vejamos como o mesmo país, respeitando tudo o que um país soberano deve respeitar.

Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem. Durante todo o século XX nós olhamos para a Europa, para os Estados Unidos, para o Japão e, em muitos casos, os nossos presidentes disputavam quem era mais amigo dos Estados Unidos ou da Europa.

Tem um presidente de um país vizinho que um dia me procurou e disse o seguinte: “Lula, eu estou há 50 anos achando que os Estados Unidos iam nos ajudar, e continuo tão miserável como 50 anos atrás. Agora, eu quero procurar novas oportunidades”. O que estou querendo dizer concretamente é que olhemos mais para nós, descubramos o nicho de oportunidades que nós temos, vamos construir as parcerias que precisamos construir. Não é apenas as empresas brasileiras virem aqui comprar empresas argentinas, ou os argentinos irem ao Brasil para comprar empresas brasileiras. Não. Vamos fazer associações, vamos construir juntos aquilo que os nossos avós não conseguiram construir e vamos permitir que os nossos filhos herdem de nós uma América do Sul mais integrada, uma Argentina e um Brasil mais unidos, porque os interesses são os mesmos, os ideais, certamente, são os mesmos.

Quero terminar com esta convocação, meus amigos e minhas amigas: está em nossas mãos. Cristina e eu somos passageiros e o que nós podemos fazer é o que estamos fazendo: coordenar, tentar fazer os ajustes na política e na economia. Mas vocês podem muito mais. Muitas vezes a gente perde tempo



brigando internamente, e a cada vez que a gente briga, sufoca um pouco a possibilidade de crescimento do país. Vamos construir, vamos juntar os empresários, as cadeias produtivas. O que está faltando entre nós? Onde a burocracia está atrapalhando? O que o Banco Central do Brasil quer que o Banco Central da Argentina não quer? O que pode ser feito para que as coisas comecem a funcionar? Nós ficamos olhando a beleza da União Européia e não somos capazes de construir a nossa? Pelo amor de Deus, gente. Vamos fazer do século XXI o século que nos tiraram no século XX.

Vocês, argentinos, não podem se esquecer que no século passado eram a quinta economia mundial. O Brasil não pode se esquecer que durante 30 anos foi o país que mais cresceu no mundo, de 1950 a 1980. Ainda assim, temos desigualdades sociais irreparáveis que vamos demorar décadas para consertar. Quando consertarmos, esses cidadãos serão mais que cidadãos: serão consumidores daquilo que a nossa economia terá condições de produzir. O desafio está colocado. Boa sorte.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido pela presidente da Argentina, Cristina Fernández de Kirchner

Buenos Aires - Argentina, 04 de agosto de 2008

Minha querida companheira Cristina Kirchner, presidente da República da Argentina,

Companheiros ministros brasileiros,

Ministros argentinos,

Empresários brasileiros,

Empresários argentinos,

Imprensa brasileira e imprensa Argentina,

Não tenho mais fôlego para fazer um outro discurso para os empresários. Eu queria apenas aproveitar este momento para dizer duas palavras. Nunca serão só duas palavras, vai ter um pouco mais.

Para dizer para a presidenta Cristina que é muito importante que nós marquemos na nossa agenda o significado do dia quatro de agosto de 2008, pelo que isso vai representar na mudança de comportamento e no dinamismo da relação entre nossos empresários e nossos países.

Estou convencido de que em nenhum momento na história do Brasil e da Argentina conseguimos fazer um encontro dessa magnitude. Posso lhe dizer que, do Brasil, vieram grandes empresários brasileiros e sei que da Argentina também participaram grandes empresários. Acho que isso possibilitou o discurso dos dois representantes empresariais aqui, nesta tribuna.

No Brasil, eu costumo falar “nunca antes na história do Brasil”, “pela primeira vez na história do Brasil”. Eu poderia dizer: nunca antes na história



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

das relações Argentina-Brasil, dois presidentes puderam viver o momento que Vossa Excelência e eu estamos vivendo.

Por isso, queria pedir um brinde à saúde da nossa querida presidenta Cristina Kirchner, à saúde do empresariado argentino e brasileiro, e à saúde do povo argentino.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega da 17ª edição do Prêmio Anamaco 2008**

São Paulo-SP, 12 de agosto de 2008

Marcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu querido companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral
da Presidência da República,

Meus queridos companheiros senadores Aloizio Mercadante e Ideli
Salvatti, a quem agradecemos muito pelo esforço, junto com os senadores e
deputados, por votarem todas as mudanças que nós precisamos fazer na
legislação para facilitar o setor da construção civil,

Meu caro companheiro Cláudio Elias Conz, presidente da Anamaco,

Meu caro Getúlio Nogueira de Sá, presidente do Conselho Deliberativo
da Anamaco,

Senhora Maria Cristina Potomati Fiúza, vencedora do troféu
Personalidade da Indústria de 2007,

Senhor Antonio Lopes Castilho, vencedor do troféu Personalidade do
Comércio de 2007,

Senhor Marcos Campos Bicudo, vencedor do troféu Inovações
Tecnológicas de 2007,

Senhoras e senhores profissionais do ramo de materiais de construção,

Meus amigos e minhas amigas,

Se eu tivesse a voz do Agnaldo Rayol, eu iria cantar, em vez de falar.
Como Deus me fez político e o fez cantor, vamos deixar a cantoria para ele e
eu vou me ater aqui ao meu pequeno discurso. Não se assustem porque o
papel é muito grosso e as letras são muito grandes para que eu não tenha que
usar óculos.



Antes de mais nada quero, do fundo do meu coração, agradecer esta homenagem e, sobretudo, dividi-la com centenas de milhares de trabalhadores e empresários que participam diretamente do grande canteiro de obras aberto pela retomada do desenvolvimento brasileiro. Estão na linha de frente desse esforço conjunto os 138 mil lojistas representados pela Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção. Os números comprovam o vigor da sua presença na engrenagem do nosso crescimento.

Sabemos que cimento, areia, tijolo e brita, entre outros itens que compõem 77% da cesta básica da construção, são vendidos no balcão do pequeno e do médio comerciantes do setor. Com o apoio dessa rede espalhada por todo o País constroem-se casas, ruas ganham nova face, bairros desabrocham e cidades inteiras se expandem. De janeiro a julho deste ano, o faturamento dessa verdadeira usina urbana de construção cresceu 9,5% em relação a 2007. Significa que o gasto da família brasileira com obras e habitação continua expandindo em todas as classes sociais, depois de já ter crescido 7% em 2007.

Não poderia ser diferente. A casa, como vocês sabem, é o mais arraigado de todos os sonhos do ser humano. Ela é a expressão mais corriqueira de dois sentimentos universais a todas as culturas: o amor e a segurança. Amor, segurança e coabitação são aspirações indissociáveis. Por isso, a expansão do emprego, da renda e do crédito verificada em nosso País, teria que necessariamente desaguar – como de fato vem ocorrendo – neste ciclo efervescente de obras, reformas e crescente demanda por material de construção.

A colher de pedreiro, meus amigos e minhas amigas, é sem dúvida um símbolo desse gigantesco metabolismo em construção. Passa por ela o sonho da casa própria de milhões e milhões de brasileiros e brasileiras. Converge para a colher de pedreiro uma enorme gama de produtos fornecidos pela indústria da construção, que contribui com 60% do investimento nacional. A



colher de pedreiro espelha o apoio de milhares de comerciantes que freqüentemente fazem as vezes do arquiteto, do engenheiro, do conselheiro, do amigo e do fiador de seus clientes.

Quero aqui abrir um parêntese para homenagear todos vocês na figura do companheiro Antonio Carlos Castilho. Foi dele que eu, tantas vezes, comprei um saco de cimento, meio metro de areia, uma barra de cano, um pouco de cal e blocos para adequar a casa ao crescimento da família. É assim, muitas vezes na confiança do fio de bigode, que milhões de brasileiros realizam o sonho da casa própria neste imenso e vasto país.

A colher de pedreiro condensa, sobretudo, as energias, o suor e o esforço de mais de 2,1 milhões de trabalhadores. Muitos deles, nordestinos como eu, empregados neste momento na construção civil brasileira. Vem de suas mãos o esforço maior para erguer os canteiros de obras que voltaram a vibrar no mapa do Brasil, de Norte a Sul, de Leste a Oeste de nosso território.

Para nosso governo, a política econômica é como uma colher de pedreiro. É uma ferramenta, o meio para liberar energias e materializar sonhos, um instrumento para gerar empregos e reduzir desigualdades. Para providenciar, enfim, a argamassa necessária a uma democracia política que está sendo também de oportunidade econômica e equidade social para todos os filhos desta terra. Quero afirmar com muita sinceridade, mas com legítimo orgulho: a sociedade brasileira vive um momento singular de fortalecimento do desenvolvimento com justiça social. Há otimismo no ar do Brasil.

Há muitas transformações em marcha e outras prestes a acontecer. Há um sentimento de confiança da sociedade nela mesma e no futuro. Não falo apenas de sentimento, mas de conquistas que vieram para ficar, porque atendem a um clamor secular da nossa história. Vimos condições objetivas e subjetivas para que elas pudessem florescer e frutificar e, deste modo, regenerar a face social do Brasil.

Nos últimos cinco anos diminuimos em quase um terço o contingente de



brasileiro pobres. Reduzimos à metade o segmento dos que viviam na miséria. Devolvemos sentido à expressão mobilidade social. Construimos um mercado de consumo de massa em que a classe média já representa quase 52% da nossa população. Fizemos do mercado interno o grande motor do desenvolvimento nacional, que consolida o salto deste país na hierarquia das nações neste século que se inicia.

Mais importante que tudo é a percepção de que o Brasil recuperou o comando do seu próprio destino. Temos lastro financeiro, estabilidade monetária, alicerce político e organização popular para ancorar o ingresso de nosso povo no maior ciclo de desenvolvimento de toda a história brasileira. O trabalho formal cresce em todo o país, a uma taxa da ordem de 9% ao ano. Criamos mais de 9,5 milhões de vagas com carteira assinada nos últimos cinco anos. Na construção civil, o nível de emprego dobrou no primeiro semestre, em relação ao igual período de 2007. São mais de 2 milhões de empregos com carteira assinada.

Pedreiros, carpinteiros, azulejistas, marceneiros, trabalhadores qualificados da construção civil, que haviam perdido o piso profissional na longa retração dos anos 80 e 90, recuperam agora sua dignidade e o poder aquisitivo em todo o país. Nosso parque fabril registra o melhor primeiro semestre de toda a história. Em São Paulo, a indústria cresceu quase 10% de janeiro a julho. As vendas dos supermercados mostram salto de quase 9% na mesma base de comparação. Já a inflação, que teve pequena elevação em função, sobretudo, dos preços internacionais, está desacelerando em diferentes faixas de consumo.

Desenvolvimento existe para isso. Para encurtar as distâncias econômicas e sociais e tirar milhões de brasileiros e brasileiras das filas de espera da cidadania. A construção civil, que cresceu 21,7% ao longo do nosso governo, é uma das locomotivas esse acentuado avanço do nosso país. Para que o setor viesse a desempenhar essa missão, nivelamos o terreno nos



últimos anos. Mais de uma dezena de decisões jurídicas, fiscais e de crédito foram tomadas.

Saímos de um financiamento imobiliário da ordem de 2,3 bilhões de reais, em 2003, para 25 bilhões de reais agora. E queremos chegar, até dezembro, a 30 bilhões de reais. Mais de 65 produtos da cesta básica da construção tiveram corte de IPI. E eu sei que vocês gostariam que o exemplo federal fosse imitado nas esferas estaduais.

Nosso desafio maior não é apenas erguer moradias. Trata-se de reconstruir os fundamentos da cidadania, num país que já reúne a quarta maior taxa de urbanização do Planeta. Sabemos que um verdadeiro lar não começa nem termina entre quatro paredes: a segurança da rua é sua extensão natural; o saneamento do bairro, a condição de saúde da família; a iluminação, o lazer e a escola, os marcos de referência urbana de uma juventude a salvo do tráfico e da violência.

Por isso, o PAC reservou 170 bilhões e 800 milhões de reais para investir em infra-estrutura social e urbana até 2010, incluindo saneamento, habitação e transporte. Esse compromisso expressa uma certeza: não se transforma uma sociedade à margem do seu povo, não se humaniza uma cidade sem cidadania e não há cidadania sem moradia digna. A casa é, foi e sempre será a face de um povo, esculpida em pedra e cal.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu quero pedir permissão, já que no meio de vocês parece que a obrigatoriedade é falar apenas três ou cinco minutos. E como todos vocês precisam fazer um bom regime nos próximos dias, quero ocupar o tempo de vocês com mais algumas palavras.

O Brasil vive um momento que eu considero quase um momento mágico. Vocês, tanto ou mais do que eu, são prova e testemunha de que estão acontecendo no Brasil coisas que, até outro dia, imaginávamos que não poderiam acontecer.



Não é apenas a construção civil que vive um momento excepcional no nosso país, depois de 20 anos à espera de uma oportunidade. Depois de 20 anos em que a gente só conheceu a palavra “desemprego” no setor, o setor volta a crescer de forma extraordinária, e ainda está longe de atingir o potencial que nós, do governo, esperamos que a construção civil possa atingir neste país. Afinal de contas, ainda tem milhões de brasileiros querendo a sua casa própria, querendo arrumar a sua garagem, mudar o banheiro, mudar o piso da sala.

Portanto, nós temos um extraordinário potencial de crescimento. Quero dizer para vocês que, no que depender do governo federal... Nós temos ainda, no meu caso, dois anos e meio de governo, nós iremos fazer o esforço que for necessário para que a gente possa continuar incentivando mas, ao mesmo tempo, criando as condições para que o setor possa cada vez mais crescer, vender, gerar emprego, e cada vez mais os brasileiros morarem em moradias mais dignas e mais decentes.

A segunda coisa que eu acho extremamente importante e vocês, certamente, são conhecedores disso: a Caixa Econômica Federal nunca, na sua história, teve a quantidade de recursos para financiamento que tem agora. E nunca, na sua história, contratou a quantidade de habitações que está contratando neste momento.

Nós sabemos que podemos ainda mais. Sabemos que o setor financeiro privado pode contribuir muito mais, porque quando nós mudamos a legislação e permitimos que a casa pudesse ser tomada se o cidadão não pagasse, nós estávamos apenas dizendo às pessoas que queriam investir: invistam, porque o dever de todos aqueles que compram é pagar, e se não pagar tem que perder o imóvel, como perde o carro, como perde a geladeira, como perde qualquer coisa. Parecia uma coisa absurda, no Brasil.

Estamos vivendo o mesmo com os caminhões. Eu quero renovar a frota de caminhões neste país. Para renovar a frota de caminhão, é preciso ter



garantia. Para ter garantia, não existe outra hipótese se o caminhão não for a própria garantia. Mas a lei diz que o caminhão não pode ser dado em garantia, porque é utilitário. Parece que estão defendendo o caminhoneiro, mas se não tem garantia, não tem caminhão novo. Não tendo caminhão novo, não tem produção de novos caminhões, mais caminhões novos nas estradas, mais empregos, mais economia e mais desenvolvimento para o país. Eu tenho certeza de que nós vamos conseguir também fazer essa mudança necessária.

Mas não é apenas isso. A indústria automobilística brasileira, que há três anos aparecia no meu gabinete dizendo que não agüentava mais fechar em vermelho, “porque está tudo vermelho, está tudo vermelho”... Não agüentava mais, parecia a bandeira do Partido Comunista chinês, de tão vermelho que estava. A indústria automobilística brasileira está produzindo e vendendo como nunca vendeu na sua história. A ponto de, esta semana, termos a boa notícia de que a indústria automobilística brasileira passou a ser a 6ª indústria automobilística do mundo, ultrapassando os nossos amigos franceses. E ainda não chegamos onde precisamos chegar, temos mais potencial e temos mais de 20 bilhões de reais de investimento da indústria automobilística nos próximos três anos. Vocês já estão percebendo que quase toda a indústria automobilística brasileira está trabalhando em três turnos, para que a gente possa produzir as necessidades do mercado.

Eu digo sempre que tem três coisas que o brasileiro adora: primeiro, todo brasileiro gostaria de casar com uma mulher bonita, e toda brasileira com um homem bonito, nem sempre os dois têm sorte. Mas todo brasileiro também gostaria de ter uma casa própria e um carro novo. São as três paixões do brasileiro.

Agora começou a mudar porque, para os nossos filhos, já não é mais um carro, é um computador novo. A cada vez que aparece um novo no mercado, ele quer ter, é a paixão dele, para passar a noite namorando sem ver a mulher,



coisa que a nossa geração não fazia, só valia namorar se a gente estivesse próximo. Um dia eles vão descobrir que é melhor.

Pois bem, não é apenas esse setor. O setor da indústria de papel e celulose está crescendo muito no País. As fábricas de cimento, vocês acompanham. Estamos, neste momento, construindo 10 fábricas novas de cimento no Brasil. Estamos construindo duas hidrelétricas novas, foi feita a concessão agora para Jirau e Santo Antônio e, se Deus quiser, no ano que vem nós vamos fazer a concessão de Belo Monte, no Pará, para que a gente possa produzir mais 11 mil megawatts. Mas não é apenas isso. Queremos fazer mais quatro siderúrgicas no Brasil, e tudo isso tem que ser anunciado este ano ou, no mais tardar, até março do ano que vem.

Em março, iremos fazer o leilão do trem-bala, ligando Rio de Janeiro-São Paulo-Campinas, para que a gente possa colocar o Brasil no padrão de Primeiro Mundo.

E, mais importante ainda, com a descoberta do pré-sal, nós começaremos a tirar os primeiros barris de petróleo agora. Em março do ano que vem vamos começar a tirar 20 mil barris de petróleo do pré-sal. Vamos fazer teste por aproximadamente seis meses para depois, então, começar a produção normal, quem sabe de 100, 180, 200 mil barris. Vamos construir uma refinaria de 600 mil barris/dia para produzir gasolina premium, a um custo de 19 bilhões de dólares, e vamos produzir uma outra de 300 mil, a um custo de 11 bilhões de dólares, para que a gente possa produzir gasolina premium e exportar, porque o Brasil não pode ser apenas exportador de óleo cru. Nós queremos ser exportadores de derivados para colocar valor agregado e para ganhar mais dinheiro para o país.

Por conta do petróleo, nós vamos ter que produzir, até 2014, praticamente 200 navios. Vamos ter que contratar 38 sondas. Cada sonda custa, na verdade, 700 milhões de dólares. E vamos ter que construir dezenas de plataformas neste país.



Estou dizendo isso para sair daqui com a certeza de que convenci vocês de que este país não tem retorno, de que o crescimento econômico não é um vôo de galinha, como tantas vezes fomos enganados neste país. Anunciava-se um plano econômico, parecia que a gente ia para o céu e, no dia seguinte, a gente estava num buraco, devendo tudo aquilo que foi a nossa crença no anúncio feito pelo governo.

Vocês perceberam que nós dizíamos desde o começo: não tem mágica. Não existe mágica em política econômica. Nós não vamos juntar os melhores doutores das universidades de Economia para elaborar um plano teoricamente perfeito que, na prática, não suporta a pressão da sociedade.

Resolvemos fazer a política do pragmatismo. Vocês sabem o que nós fizemos: nenhum governo, na história deste país, teve coragem de fazer o ajuste fiscal que nós fizemos em 2003. Quem entende um pouco de economia, sabe que nós cortamos no sangue, porque eu tinha que trocar o capital político da minha eleição pela possibilidade de normalizar a estabilidade econômica deste país e controlar a inflação. Hoje, eu posso dizer a vocês: o momento que nós vivemos é extremamente importante. Tão importante, que se vocês pegarem todas as listas dos países do mundo hoje, o Brasil é o único que está com a inflação dentro da meta estabelecida. Todos estouraram e nós conseguimos agüentar.

Todo mundo já está acompanhando, a inflação começou a cair, sobretudo a chamada inflação importada, aquela das commodities... Estamos convencidos de que vamos manter a inflação dentro das metas para os próximos anos. Vamos conseguir, com isso, dar segurança para que aqueles que vivem de salário possam entrar nas lojas de vocês e comprar um pouco mais de material de construção, porque eles vão saber que poderão pagar no fim do mês. Eles vão saber que vão contrair uma dívida e no final do ano saberão quanto estão devendo, e não como quando a inflação estava em 80%, que se comprava de manhã e já não se sabia qual o preço do mesmo produto



às seis horas da tarde.

Mais importante que isso, é que a manutenção dessa política de coerência, de não tomar nenhuma medida precipitada, de chamar todos os setores para conversar – eu duvido que tenha um segmento neste país, seja de empresários, operários, catadores de papel na rua, duvido que tenha um setor que não tenha sido chamado para dentro do Palácio – para a gente construir juntos as alternativas. A desgraça deste país é quando os governantes pensam que sabem tudo, ou contratam algumas pessoas que pensam que sabem tudo, e a partir daí, sem ouvir nenhum segmento da sociedade, começam a tomar decisões sem saber quais os efeitos negativos ou positivos que vão recair nas costas das pessoas.

Às vezes, precisamos fazer as coisas de forma mais demorada, com mais paciência. Uma reunião a mais, não tem problema. Duas reuniões, não tem problema. O dado concreto é que temos que fazer com uma consistência que dê segurança às pessoas que vão investir o seu capital. Que as pessoas que vão comprar casa também tenham garantia. Que aqueles que vão comprar material também tenham garantia de que o marco regulatório da economia está garantido. Isto, eu posso garantir a vocês.

Já no meu final de mandato – final de mandato não, faltam dois anos e meio – posso garantir a vocês que não existe eleição, não existe nada neste país que me faça brincar com economia. Eu não sou economista. Aprendi muito com o Aloizio Mercadante, com o Guido Mantega e outros companheiros, a única coisa que eu sei: quando a economia não dá certo, apenas meia dúzia de especuladores, como estes que especularam na questão imobiliária norte-americana, ganham muito dinheiro. Quando a economia não dá certo, a inflação volta e quem perde é o povo pobre deste país, que deixa de trabalhar e de consumir. E se deixar de trabalhar e de consumir, vocês irão vender menos, e vendendo menos, também terão dificuldades para se desenvolver.

Este compromisso, eu quero que vocês saibam: a minha fé no



crescimento deste país, a minha fé de que este país se transformou em uma economia sólida. Vocês sabem que dez anos atrás, se houvesse uma crise como essa que teve nos Estados Unidos, uma gripezinha daquelas, aqui já estaria todo mundo com pneumonia. A crise atingiu os Estados Unidos, atingiu a Europa e nós aqui estamos atentos, olhando com muita atenção, mas até agora não mexeu com o nosso país. Se Deus quiser, quero estar vivo para, daqui a 10 ou 15 anos, ver este país, que todos amamos e em que todos nós trabalhamos, se transformando senão na primeira na segunda ou na terceira, mas na quarta, na quinta, na sexta economia do mundo.

Nós temos gente competente, temos potencial e conhecimento tecnológico e temos disposição de fazer com que este país, de uma vez por todas, deixe de ser o eterno país emergente para se transformar em uma grande nação desenvolvida, seja na área da construção civil, na área da metalurgia, na área do conhecimento científico e tecnológico, porque também estamos fazendo muito investimento em educação.

Vou terminar dando estes números: em 100 anos, neste país foram construídas 140 escolas técnicas. Em oito anos vamos construir 214 escolas técnicas. Vamos inaugurar, quando terminar o meu mandato, 10 universidades federais novas, 48 extensões universitárias e mais duas universidades: uma afrodescendente, para brasileiros e africanos, e outra latino-americana, porque achamos que é através do conhecimento que a gente vai passar a comercializar inteligência no mundo, e não apenas matéria-prima.

Este Prêmio que vocês me deram eu vou levar para casa, é a minha medalha de ouro. Eu não tinha ganhado nenhum ainda, vou levar para casa com o mesmo sabor, um pouquinho mais, da medalha de bronze que nós já ganhamos na China, nesses dois dias.

De qualquer forma, eu saio daqui orgulhoso, não apenas pela minha colher de pedreiro, que eu espero nunca usá-la para nunca estragá-la. Eu saio



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

daqui orgulhoso porque vocês fazem parte daqueles brasileiros que ajudaram a gente a fazer com que vocês e o Brasil pudessem crescer um pouco mais.

Que Deus abençoe todos nós. E que o Brasil siga crescendo.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de lançamento da Caravana da UNE, da Caravana da Saúde e do Pacto da Juventude

Rio de Janeiro-RJ, 12 de agosto de 2008

Meus queridos companheiros e companheiras que participam deste ato hoje,

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu querido governador José Serra, governador do estado de São Paulo,

Meus companheiros ministros Luiz Dulci, da Secretaria-Geral; Fernando Haddad, da Educação; José Temporão, da Saúde; Edson Santos, de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; e o nosso companheiro Wadson Ribeiro, ministro interino do Esporte,

Nosso querido companheiro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro,

Senadores Inácio Arruda, Ideli Salvatti e Paulo Duque,

Deputados Federais Chico Lopes e Reginaldo Lopes,

Nossa querida Lúcia, presidenta da UNE,

Nosso querido Ismael Cardoso, presidente da União Brasileira de Estudantes Secundaristas,

Nosso querido, sempre jovem, Aldo Arantes, ex-presidente da União Nacional dos Estudantes, em cujo nome saúdo todos os ex-presidentes aqui presentes,

Meu caro companheiro Roberto Cury, secretário nacional de Juventude,

Danilo Moreira, presidente do Conselho Nacional da Juventude,

Meus companheiros e minhas companheiras,



Eu queria aproveitar este momento para, de público, agradecer a algumas pessoas por esses seis anos de convivência com o governo federal. Eu queria começar agradecendo, ou reconhecendo, o trabalho que a União Nacional dos Estudantes fez no primeiro mandato do meu governo, quando o companheiro Petta presidia a Direção da UNE.

Vocês sabem que toda vez que um jovem chega à mesa para comer e o prato está pronto, é muito mais fácil do que fazer o prato. O Petta, como presidente da UNE, ajudou no debate extraordinário para que nós pudéssemos mandar ao Congresso Nacional o projeto de lei de reforma universitária. O Petta contribuiu de forma extraordinária para que nós pudéssemos aprovar o ProUni. Eu não consigo entender a cabeça de meia dúzia de pessoas que, se dizendo de esquerda, eram contra o ProUni, porque diziam... Vejam que, de vez em quando, a extrema esquerda se junta à extrema direita nos argumentos. Tanto a extrema esquerda dizia que o ProUni iria nivelar o ensino por baixo, como alguns setores de direita diziam que nós íamos nivelar o ensino por baixo porque estávamos colocando nas universidades brasileiras jovens da periferia que não tinham tido a oportunidade de fazer os cursinhos caros que uma parte da elite brasileira pode fazer.

A minha alegria é que, depois de quatro anos, em qualquer avaliação que seja feita sobre o ProUni e sobre o grau de aprendizado dos estudantes brasileiros, nós vamos ter, entre os melhores alunos de todas as áreas e entre os mais dedicados, exatamente aqueles que são os pobres da periferia, que eram acusados de nivelar a educação por baixo. E por que esses jovens são mais dedicados? É porque esses jovens já tinham perdido a esperança de estudar. O ProUni foi uma engenharia que permitiu que esses jovens voltassem a ter esperança e a acreditar no seu País e no seu futuro.

Quero agradecer também aos companheiros da UNE, e aí já à companheira Lúcia, quando nós quando nós resolvemos criar o Reuni. Eu sei



que a UNE perdeu alguns DCEs porque tem gente que prefere o discurso fácil. O cidadão que não sabe como a mãe sofreu para fazer a comida, não sabe quantas vezes ela se queimou, não sabe o trabalho que ela teve ao se sujar de óleo à beira de um fogão, se senta à mesa e fala: “não gostei”.

Quase todas as reitorias foram invadidas, a pretexto de quê? De que nós iríamos colocar muitos alunos por professor. Nós queríamos aumentar a média de 12 para 18 alunos por professor, e alguém dizia: “é demais, vai baixar o nível. O ideal é que tivesse apenas um aluno por cada professor”. É gente assim que atrapalha o desenvolvimento deste país, que aposta no insucesso deste país que já jogou muitas oportunidades fora.

Meus agradecimentos também aos companheiros da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. Nesses seis anos nós nunca tivemos uma relação que parecesse que o governo estava cooptando qualquer entidade, e nem as entidades tiveram qualquer relação achando que estavam cooptando o governo. O que nós fizemos foi uma relação de homens e mulheres civilizados que se determinaram a construir um projeto de nação em que todos deveriam participar.

Quando deixarmos o governo, no dia 31 de dezembro de 2010, nós vamos ter o prazer de entregar para a Ubes mais 214 escolas técnicas profissionais neste país. Vamos ter o prazer de entregar para a UNE mais dez universidades federais novas, mais 48 extensões universitárias e, mais ainda, Lúcia, uma universidade latina, onde o currículo, os professores e os estudantes serão latino-americanos.

Já mandamos o projeto de lei para o Congresso Nacional e, se Deus quiser, estará terminada em 2010 a universidade afro-brasileira, para que tenhamos metade de estudantes africanos e metade brasileiros. É uma política de recuperação e de reparação que queremos fazer neste país. Nós jamais iremos pagar o que os negros prestaram de serviço neste país com dinheiro. Nós vamos pagar com gestos, com solidariedade, com reconhecimento, como



estamos fazendo aqui no Brasil com os quilombolas, reconhecendo o trabalho extraordinário que eles fizeram.

Vir aqui hoje e assinar o projeto de lei... Não pensem que as coisas estão terminadas, estão começando. Primeiro, o gesto de vir aqui reconhecer que o Estado brasileiro tem culpa pelo que aconteceu. Eu não quero culpar uma ou outra pessoa, eu quero culpar o Estado brasileiro, do qual hoje eu sou o presidente da República. Em segundo lugar, este projeto vai entrar no Congresso Nacional, Lúcia, e é importante que a UNE e a Ubes articulem o trabalho de convencimento dos deputados e dos senadores para que a gente possa aprovar. Vocês sabem que o dinheiro já existe, está no Fundo do Ministério da Justiça. Só que a gente não pode dar o dinheiro, porque senão vão vir muitos processos contra nós. Por isso, nós resolvemos fazer projeto de lei, para que se tenha um debate dentro do Congresso, na Câmara e no Senado. Quando for aprovado, eu estarei aqui para que a gente possa colocar o primeiro tijolo na nova casa dos estudantes brasileiros.

Queria dizer a todos que, da mesma forma que na UNE surgiu a campanha “O petróleo é nosso”, vocês agora estão desafiados a um outro debate, não menos importante. Nós, que fundamos a Petrobras em 1950, só fomos conquistar a auto-suficiência em 2006, praticamente 56 anos depois. Graças ao investimento em pesquisa, graças às novas tecnologias, a Petrobras descobriu petróleo na camada pré-sal, a mais de 6 mil metros de profundidade. Agora encontramos a última jazida de petróleo: 2 mil e 300 metros de lâmina d’água, 3 mil metros de rocha e mais 2 mil metros de sal. Isso significa quase 7 mil metros de profundidade. Vamos buscá-lo.

O Brasil não apenas é auto-suficiente, como será exportador de petróleo. Mas não queremos exportar petróleo cru, nós queremos exportar material com valor agregado. Por isso, nós vamos fazer duas grandes refinarias. Uma refinaria de 600 mil barris/dia, e outra de 300 mil barris/dia, para que a gente possa exportar gasolina premium e óleo diesel de qualidade,



e ter mais dinheiro.

Mas a provocação... não provocação, a convocatória que eu estou fazendo para os estudantes é que nós precisamos mexer na Lei do Petróleo deste país. Nós não podemos abrir mão desse patrimônio, que está a 6 mil metros de profundidade, é patrimônio da União, dos 190 milhões de brasileiros. Nós precisamos utilizar esse patrimônio para fazer reparação para os pobres deste país. Por isso é preciso que a gente, na Lei do Petróleo, destine uma parte desse dinheiro para resolver definitivamente o problema da educação neste país, o problema de milhões de pobres que estão aí, e não deixar na mão de meia dúzia de empresas que acham que o petróleo é delas, e vão apenas comercializar. Nós precisamos aproveitar esse petróleo para tornar o Brasil uma nação ainda mais forte, uma nação mais soberana, uma nação muito mais dona de si.

Através de um decreto, eu constituí um grupo interministerial. Eles têm dois meses para me entregar a proposta, e vamos ter que fazer uma proposta para a sociedade. Já pedi ao governador Sérgio Cabral, ao governador José Serra e estou pedindo à UNE agora: nós queremos colaboração, porque o petróleo não é do presidente da República, não é do governador do Rio, não é da Petrobras. O petróleo é do povo brasileiro e, portanto, nós precisamos decidir o destino desse petróleo.

Companheiros, eu queria dizer para vocês que a minha alegria é pelo fato de o Serra estar aqui junto com o Sérgio Cabral, comigo, com a UNE e com a Ubes, da forma mais civilizada possível – vocês estão percebendo – da forma mais democrática possível, porque nós somos amigos, antes de tudo. Somos adversários quando tiver disputa política, mas somos amigos na construção da democracia deste país. Não é mérito nem do Serra, nem meu e nem do Sérgio Cabral. Isso foi conquista de vocês, conquista daqueles que morreram e que não estão aqui.



Eu queria, Lúcia, companheiros – da mesma forma que o Serra deu um conselho sobre a recuperação da sede da UNE – dizer que nós precisamos tratar um pouco melhor os nossos mortos. Eu estava conversando com o Fernando Haddad e com o senador Inácio Arruda... Todas as vezes que falamos nos estudantes que morreram, toda vez que falamos dos operários que morreram, nós falamos xingando alguém que os matou. Na verdade, esse martírio nunca vai acabar se a gente não aprender a transformar os nossos mortos em heróis, não em vítimas, como a gente costuma tratar todas as vezes.

Imaginem se a Frente Sandinista ficasse lamentando todos os que Somoza matou; imaginem se o Fidel Castro ficasse lamentando todos os que Batista matou. Não! É preciso fazer com que essas pessoas que tombaram lutando por alguma coisa que acreditavam se transformem em heróis, que sejam símbolos da nossa luta, que na sede da UNE tenha a fotografia e a história dos que morreram, que na sede do sindicato tenha a fotografia e a história dos que morreram, porque nós os transformamos apenas em vítimas, não contamos a história, ninguém sabe quem são, portanto, nunca viraram heróis.

O Brasil é um país que não tem heróis. Quando perguntam para qualquer um de nós, a gente só se lembra de Tiradentes. Os mesmos que representavam a Coroa portuguesa, que o mataram, 30 anos depois o transformaram em herói, com medo que o povo o transformasse. Então, nós precisamos cultuar os nossos heróis. Nós somos uma pátria em que, se perguntar aqui, ninguém tem o nome de um herói. Todo mundo vai se lembrar de Tiradentes, acabei de falar.

O Brasil é um país que tem muitas lutas importantes, muitas lutas extraordinárias e nós, muitas vezes, não cultuamos aquilo que nós precisamos cultuar, para dar valor àquilo que as pessoas fizeram. Como a UNE foi responsável, em parte, pela criação da Bossa Nova, por grandes coisas na arte



e na cultura deste País, eu acho que esse é um debate extraordinário que é importante a gente fazer.

Eu me lembro que uma vez vim ao Rio de Janeiro, à Volta Redonda. Mataram jovens operários. Eu estava no Nordeste, vim para cá, uma tensão muito grande. Tinham mandado a polícia entrar, ou as Forças Armadas, e mataram três metalúrgicos. Quem é que se lembra quem eram aqueles três metalúrgicos? Ninguém se lembra porque, na verdade, a gente não constrói a memória das coisas boas que acontecem na nossa vida. A gente não consegue sequer avaliar se a morte foi apenas o sofrimento de quem morreu, ou dos parentes, ou se a morte é uma motivação para a gente construir outros heróis moldados naqueles que se sacrificaram.

Acho que precisamos fazer esse debate com um pouco mais de força, porque senão nós passamos e a história vai ficando sem aquelas lembranças que queremos que fiquem.

Portanto, meus companheiros, quero dizer para vocês, minhas companheiras, que me sinto hoje mais orgulhoso de ser brasileiro porque estou dando a minha contribuição para reparar aquilo que foi feito na sede da UNE. A UNE, por tudo que ela fez neste país, por tudo o que ela significou, por tudo o que ela fez na luta pela democracia, jamais deveria ter sido destruída mas, isto sim, ser sempre enaltecida.

Meus parabéns a todos os dirigentes da UNE, do passado e de agora. Meus parabéns aos dirigentes da UBES. Não pude citar o nome de alguns porque são candidatos a prefeito e a vereador, e se eu citar nomes posso prejudicá-los. Mas que Deus continue dando força a vocês.

Um abraço.

(S211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da expansão da refinaria Alunorte e anúncio da implantação do pólo siderúrgico em Marabá

Barcarena-PA, 14 de agosto de 2008

Durante 30 anos da minha vida eu dizia que liberdade não era apenas o direito de a gente gritar que estava com fome, era o direito de comer, e quero dizer que estou com uma fome muito grande. Participar da inauguração da Alunorte não é só discurso, também um pouco de comida... Eu saio daqui, Roger, e vou direito para o Paraguai.

Minha querida companheira Ana Júlia, governadora do estado do Pará,
Companheira Dilma,
Companheiro Pedro Brito,
Desembargadora Albanira Lobato, presidente do Tribunal de Justiça do Pará,

Roger Agnelli, em nome de quem eu quero cumprimentar os demais empresários, inclusive o nosso parceiro norueguês,

Quero cumprimentar a direção da Vale e a direção de todos os seus associados,

Quero cumprimentar os fornecedores,

Quero cumprimentar os secretários estaduais, os prefeitos, as prefeitas, os vereadores e os nossos amigos da imprensa,

Eu confesso que não tenho mais forças para fazer discurso. Quero apenas dizer uma coisa em homenagem aos trabalhadores da Alunorte e da Vale: construir uma nação é muito difícil se não pensarmos a nação na sua totalidade. Durante muito tempo – eu diria, durante muitos séculos – não se pensou o Brasil na sua dimensão, com as diferenças regionais que persistiram



desde que o País foi descoberto em 1500. Precisa-se pensar num país na sua totalidade e, portanto, pensá-lo globalmente. Dentro desse processo e pensamento global, começar a ter o pensamento das macrorregiões, depois dos estados e, dentro dos estados, das microrregiões.

Se não pensarmos o conjunto do País, começa-se a construir um modelo de desenvolvimento eminentemente subordinado a uma coisa chamada viabilidade econômica ou mercado. Então, começa-se a pensar: eu só posso investir onde tem infra-estrutura, onde tem formação acadêmica suficiente para atender ao meu mercado; eu só posso produzir onde tem mercado consumidor para os meus produtos, onde já tem portos preparados para evacuar os meus produtos.

Pensando assim, o Brasil foi ficando meio torto, ou seja, só cresceu um lado. O restante do território nacional ficou um pouco abandonado durante muitos e muitos anos. O Nordeste e o Norte do País foram vítimas dessa visão de apenas fazer investimentos onde as coisas já estavam prontas. Sendo assim, qualquer outro estado brasileiro tem poucas chances de competir com São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e o Sul do País.

Eis que um dia surgiu um presidente da República chamado Juscelino Kubitschek, que se lembrou que era preciso mudar a capital – que já estava contida em projeto de lei – para o Centro-Oeste brasileiro, numa perspectiva de desenvolver uma outra região do País. E foi mais além: construiu a Belém-Brasília, na perspectiva de permitir que o desenvolvimento chegasse ao Norte do País. Isso aconteceu nos anos 50 e nós estamos em 2008.

Num outro momento, se pensou em desenvolver o estado do Amazonas com a criação da Zona Franca, que foi motivo de polêmicas e mais polêmicas. Todo mundo sabe que a região Centro-Sul do País não queria que fosse construída a Zona Franca de Manaus, que não se desse nenhum benefício para a Zona Franca de Manaus, porque certamente alguns pensadores imaginavam que no Amazonas e em toda a Amazônia só existia índio e,



portanto, índio não precisaria de desenvolvimento.

O que nós estamos fazendo aqui hoje é tentando provar que precisamos fazer uma mudança no comportamento do governo central e também na consciência política do País. O País será muito mais justo e terá muito mais possibilidades de se desenvolver se tornarmos o seu crescimento mais equânime, se nós o olharmos como um todo e se levarmos para cada região do País aquilo que tem possibilidade de se desenvolver lá.

Hoje nós estamos consagrando uma parte daquilo que, há muito tempo, a Vale começou a plantar aqui no estado, que é a mineração. Como também estamos fazendo no Nordeste, em cada estado, políticas de desenvolvimento adequadas às necessidades do Nordeste brasileiro. As regiões mais produtivas do País terão muito a ganhar quando as regiões mais pobres tiverem gente mais qualificada profissionalmente, com melhor poder aquisitivo e, portanto, como consumidores potenciais dos produtos produzidos nas regiões mais ricas do País.

Uma vez, conversando com o Roger, até por conta da grande movimentação que existia nas ferrovias da Vale, eu disse para ele: é preciso que a Vale comece a compreender que vai ficando cada vez mais inexplicável, uma empresa da magnitude da Vale, ser apenas exportadora de minério de ferro. Apenas tirar o minério de um estado e levá-lo para outro país ou mesmo para outra região do País, e não deixar no estado que fornece a matéria-prima nenhuma esperança e nenhum sinal de que pode ter um novo ciclo de industrialização a partir da matéria-prima que ele próprio produz. Começamos a discutir, então, a questão da necessidade de fazer uma siderúrgica aqui no Pará. Já tinha a reivindicação da companheira Ana Júlia, eu sei que outros governos também reivindicaram, em outros momentos, eu sei que outras pessoas também prometiam, possivelmente outros presidentes da Vale também prometeram. Havia sempre um emaranhado de promessas e de vontades que não se conseguiu cumprir.



Nós estamos aqui não apenas para inaugurar uma nova planta da Alunorte – eu já vim na outra e estou vindo agora – mas também para anunciar a construção de um pólo siderúrgico aqui na região. Não vai ser do dia para a noite, e é importante que a gente saiba que não anunciamos nenhuma coisa aqui que vá acontecer amanhã. Quando a galinha bota um ovo, ninguém espera que o pintinho nasça no dia seguinte. Ele vai ter que ser chocado e a partir daí é que vai nascer o pintinho. Se não chocar bem, ele vai gorar.

Estamos discutindo esse projeto com a Vale para que a gente faça um cronograma em que todos nós sejamos capazes de assumir compromissos. O governo do estado assume compromisso em relação àquilo que são a sua função e as suas obrigações. O governo federal, através dos Ministérios que têm vinculação direta com o pólo, terá que assumir também compromissos, com data, com o que vai acontecer em cada período. A Vale assume os seus compromissos. Se todos nós cumprirmos com nossos compromissos, nós poderemos, no final de 2012, estar inaugurando uma grande siderúrgica na cidade de Marabá, no estado do Pará.

O importante é que vocês sejam agentes construtores dessa idéia e cobrem da Ana Júlia, do governo, da Vale, para que a gente também possa cobrar dos ministros afins que cada um cumpra com a sua função. Se todo mundo fizer a lição de casa, o projeto estará garantido.

O que virá por trás de um projeto como esse? Atrás de uma siderúrgica vem, logo de cara, uma fábrica de cimento. Logo de cara é preciso produzir uma termoelétrica ou uma hidrelétrica para produzir energia para a siderúrgica. Aí vem um pólo metal-mecânico. É quase uma consequência natural vir um pólo metal-mecânico. A Vale é dona de quase metade das ferrovias do Brasil, portanto vai precisar comprar vagões, locomotivas e, em vez de importar, temos que aprender a produzir essas coisas aqui no estado e em outros estados também.



Quando a gente começa a fazer isso, vai colher daqui a cinco, seis, sete, oito anos um modelo de desenvolvimento que levou em conta as especificidades regionais, as características de cada estado. E quando isso acontecer, nós vamos perceber que o Brasil será mais equilibrado, que estará fazendo justiça aos seus 190 milhões de habitantes.

A mesma coisa estamos fazendo com o Nordeste brasileiro. Se a gente deixasse, sem nenhuma interferência do Estado brasileiro, as coisas acontecerem apenas por conta da vontade do mercado, sabe o que iria acontecer, meu caro Damian? A Petrobras, por exemplo, só iria fazer refinarias na região Centro-Sul, ou as empresas só iriam querer construir coisas onde tivesse comprador ou mercado. É como aquele negócio das telefônicas: todo mundo acha que é bom, que foi importante o processo de privatização da telefonia brasileira. Agora, quem cuida daqueles que moram bem distante não é quem está pensando no lucro, é quem está pensando na cidadania.

Nós agora estamos fazendo **(falha na gravação)**. É muito mais fácil fazer a ligação numa casa ou numa rua em que se pode puxar a ligação para dentro de casa do que sair no meio da Amazônia, com uma casa a 20 quilômetros de distância da outra, levando postes, fios, às vezes custando 5 mil reais uma ligação. O Estado tem que garantir e não tem que pensar em gastos. Tem que pensar em investimentos, porque essas pessoas têm o direito de ter acesso às coisas.

Eu, Ana Júlia, estou tão feliz quanto você e o Roger pelo dia de hoje, porque o sinal dado foi muito forte. O sinal não apenas da inauguração de uma empresa que se transforma na maior produtora de alumina do mundo, mas também do anúncio de que nós vamos fazer uma siderúrgica no estado do Pará. Isso vai acontecer porque o Brasil precisa. O Brasil passou 20 anos sem construir um alto-forno.

O Brasil pegou mania de ficar olhando, primeiro para a Europa, achando que ela iria nos dar aquilo que nós mesmos tínhamos que nos dar. Depois,



passamos 20, 30 anos olhando para os Estados Unidos, achando que eles iriam nos dar o que nós mesmos tínhamos que construir. Agora ficamos olhando para a China. “A China saiu de 60 para 400, 500 milhões de toneladas, a China cresceu”. Por que a China cresceu? Porque investiu, porque fez. Aqui no Brasil, nós ficávamos olhando a China crescer e não investíamos. Vinte anos sem criar um alto-forno no Brasil. Vinte anos é uma geração.

Nós, agora, resolvemos entrar na discussão com os nossos empresários do setor siderúrgico para começar a recuperar o tempo perdido. Como a construção civil vai crescer – e nós queremos que cresça – se não tiver aço para vender para construir os prédios que nós precisamos? Como vai crescer a indústria automobilística se não tiver o aço de que nós precisamos? Como vai crescer a indústria naval, que nós já recuperamos, se não tiver chapa de aço para vender?

O Brasil não pode se dar ao luxo de virar um importador de aço. O maior exportador de minérios do mundo ser um comprador de aço. É como se nós tivéssemos que importar feijão, soja, açaí para comer. É como se vocês, do Pará, fossem comprar açaí em São Paulo. Então, nós estamos fazendo aquilo que, não a inteligência, mas o bom senso ensina a gente a fazer. Nós estamos levando para o País a possibilidade...

Eu não tenho vergonha de viajar o mundo e dizer para (inaudível): vamos investir, mas em outro estado. Vamos investir em outro estado que não tem nada. Vamos levar a indústria automobilística, a fábrica de papel e celulose para outro estado. Senão, vai tudo para onde já está pronto, Damian. O Brasil vai ficando inchado, inflado de um lado: aquele monumento de riquezas cercado de miseráveis por todos os lados. O Norte e o Nordeste do País vão ficando esquecidos, como se fossem uma pátria distante do próprio território nacional.

Quero dar os parabéns, Roger... Quero dar os parabéns, companheira Ana Júlia, pelo trabalho, pela dedicação e pelo esforço que sei que vocês, do



governo, fizeram. Deve ter enchido muito a Dilma, deve ter tido muitos telefonemas, muitas reuniões. O dado concreto é que as coisas estão acontecendo. Nós conseguimos plantar a semente. A semente está plantada e agora vamos jogar água, adubar, para ver se em 2012 a gente colhe. Certamente que, em 2012, eu já estarei fora do governo há dois anos, mas espero ser lembrado e convidado para a inauguração do setor siderúrgico. Político sem mandato, nem vento bate nas costas. Eu só espero ser convidado para participar da inauguração desta siderúrgica.

O Roger sabe que nós queremos outras siderúrgicas. Nós precisamos levar as coisas pelo Brasil afora. Não é possível continuar assim. O Brasil vive um momento excepcional. Estou convencido de que entramos num ciclo duradouro de crescimento. O Brasil vai se transformar, definitivamente, em um país desenvolvido. O que precisamos é acreditar em nós mesmos. Tem uma parte de brasileiros que gosta de achar que não pode nada: “eu sou coitadinho, eu sou pobrezinho, eu não posso...” Ninguém vai para a frente assim. Eu não conheço uma pessoa que se levante azeda, de mau humor e desacreditada, que consiga vencer na vida. Nem namorado ela arruma. Tem que acordar acreditando que todo dia vai ser melhor do que o dia anterior, e tem que lutar para conquistar.

Eu estou convencido – e estou aqui na frente de empresários, de companheiros de muitas jornadas – de que no dia em que a gente fizer uma análise de algumas crônicas econômicas sobre o nosso governo durante esses seis anos, essas pessoas vão ganhar um prêmio, porque erraram 99% das análises econômicas que fizeram sobre o Brasil. Eu não tenho dúvida disso.

Agora mesmo estamos numa pequena polêmica, Damian. Achamos petróleo no pré-sal e tem alguns que acham: “o petróleo é da Petrobras”. O petróleo é da União, a Petrobras é da União, embora tenha acionistas estrangeiros minoritários. O que nós vamos fazer com esse petróleo? Vender, pura e simplesmente? “Quem quiser vir tirar petróleo aqui, venha, e pode levar



o quanto quiser que isso aqui...” Não. Deus não nos deu isso para que a gente continue fazendo burrice. Deus fez um sinal para nós: mais uma chance para o Brasil. Primeiro, deu inteligência aos nossos engenheiros, para conseguirem fazer da Petrobras a empresa de maior competência em prospecção em águas profundas. Esse petróleo está a quase 7 mil metros de profundidade, a uma temperatura de mais de 200 graus, e nós vamos buscá-lo. Na hora em que a gente for buscá-lo, precisaremos nos lembrar do seguinte: este país tem uma dívida histórica com a educação do seu povo. Este país tem uma dívida histórica com os pobres, que não são poucos.

É preciso que a gente aproveite este momento para tentar discutir como vamos utilizar esse petróleo. Quem é que vai explorar esse petróleo? O lucro vai ficar apenas para uma empresa, para dez empresas, ou parte desse lucro vai ficar para fazer as reparações históricas do que se cometeu neste país? A Noruega tem experiência nisso. Eu não tenho inveja da Noruega porque tem petróleo, porque tem tecnologia. Eu tenho inveja porque tem uma renda per capita de 76 mil dólares. Quem sabe, com mais pré-sal, a gente possa chegar a uma renda per capita... e aí o povo brasileiro vai ser muito mais feliz.

Mais do que isso, Roger, no dia 28 vamos fazer uma reunião para mostrar o que está acontecendo no Brasil. É uma coisa que se você mostrar, individualmente, não se tem noção do conjunto da obra. Se você imaginar que a construção civil no Brasil ficou quase 26 anos decrescendo; se você imaginar que outros setores industriais passaram muitos anos sem investir, uma geração... porque 20 anos é uma geração. É por isso que hoje está faltando engenheiro, carrinho de mão, grua, azulejista e pedreiro. Esta é uma falta boa. É uma falta da qual a gente não deve reclamar. Nós temos é que formar. Duro é quando tinha engenheiro e pedreiro desempregados querendo trabalhar e não tinha emprego; as construtoras fechando, a metalurgia fechando, a indústria automobilística mandando gente embora, o setor têxtil mandando gente embora; era triste. Mas quando se tem todo mundo ávido para contratar e falta



gente no mercado, todos nós acordamos para o erro que este país cometeu quando não fez os investimentos corretos em educação há 50 anos.

Este é o momento que a nossa geração está vivendo. Este é um momento extraordinário que a nossa geração vai deixar como legado para a geração que vier depois de nós. O país crescendo de forma sustentável, a classe média sendo fortalecida... Vocês viram os dados na semana passada: saímos de 34% de brasileiros na classe média para 52%. Isso é um sinal exuberante, e, mais importante, ela cresce no Norte e no Nordeste, que é outro sinal extremamente importante. As grandes cadeias de supermercado que antes passavam pelo Nordeste e não queriam nem olhar para baixo, hoje estão todas indo vender lá, porque os pobres estão começando a comer iogurte. Eu me lembro que há 25 anos a gente comprava, de manhã, um iogurte para cada filho. Eu pensava que era coisa de classe média. O povo está conquistando, aos poucos, aquilo que ele deveria ter há 50 anos.

Não quero culpar ninguém. Acho que é um erro de todos nós, uma visão equivocada da sociedade brasileira, daqueles que tinham e achavam que o restante não tinha que ter. Estou, Roger, prazerosamente satisfeito. A cada dia que acordo - sou um homem muito crente - fico imaginando o que aconteceu neste país nos últimos seis anos. Sei perfeitamente bem o que aconteceu, sei o que nós passamos, mas sei também que nós vencemos. Vencemos de forma sólida, e eu trabalho hoje com a consciência tranqüila de que nós vamos chegar em 2010 numa situação muito mais confortável do que a que estamos hoje. Muito mais empregos, muito mais crescimento do PIB, menos inflação, mais salários, mais Bolsa Família, mais universidades, mais escolas técnicas, mais doutores, mais técnicos, mais produção agrícola, mais exportação.

É por isso que nós todos brigamos, e é por isso que a gente pode, hoje, dizer que está feliz. Vamos chegar, com a China, a 35 bilhões na balança comercial deste ano; vamos chegar, com a Argentina – era de 9 bilhões a balança comercial Brasil-Argentina – a 35 bilhões de fluxo na balança



comercial. Por quê? Porque nós nascemos juntos, todo mundo olhando para os Estados Unidos, e não olhávamos para nós mesmos, para a China, para a Índia, para a África.

Agora começamos a olhar para o mundo como um todo, e não agimos de forma subserviente, indo atrás de quem é mais rico. Não. Nós vamos atrás de quem pode construir parcerias conosco, de quem tem similaridades conosco, de quem pode comprar e vender aquilo que não produz e que nós produzimos, daquilo que significa complementaridade. Podem estar seguros, sobretudo os jovens: vocês farão parte de uma geração que verá este país crescer pelo menos durante 15 anos consecutivos. Se isso acontecer, como eu prevejo, nós recuperaremos todas as mazelas feitas ao longo do século XX neste país.

Por isso, parabéns ao povo do Pará, à Vale e a nossa querida companheira Ana Júlia por ter hoje recebido esta notícia tão extraordinária. Espero que você continue brigando e que conquiste mais coisas. Se tiver problemas com o Roger, ligue para a Dilma, que ele termina cedendo.

Um abraço, gente.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da segunda usina comercial de biodiesel da
Petrobras**

Quixadá-CE, 20 de agosto de 2008

Companheiro Cid Gomes, governador do estado do Ceará,

Companheiros ministros que me acompanham: Dilma Rousseff, da Casa Civil; Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário; Fernando Haddad, da Educação; José Pimentel, da Previdência Social; e Pedro Brito, da Secretaria Especial de Portos,

Meus companheiros ex-ministros Ciro Gomes e Eunício,

Meu caro Francisco José Pinheiro, vice-governador do estado,

Meu caro prefeito Ilário,

Companheiros deputados federais,

Meu caro Márcio Zimmermann, secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia, que está aqui representando o ministro Lobão,

Meu caro senador Arruda,

Companheiros trabalhadores e trabalhadoras do estado do Ceará,

Meu caro companheiro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras, que está contribuindo de forma decisiva para que possamos implantar o projeto de biocombustíveis,

Meu caro Alan Kardec, presidente da Petrobras Biocombustível,

Meu caro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobras Distribuidora,

Meu querido companheiro Renato Maluf, presidente do Consea,

Meu caro Danilo Forte, presidente da Funasa,

Companheira Raquel Marques, deputada estadual, em nome de quem quero cumprimentar a todos os deputados que estão aqui,

Companheiros diretores da Petrobras Biocombustíveis,



Meus amigos e minhas amigas,

Minha companheira Antônia Ivoneide Melo Silva, que falou em nome dos agricultores,

Eu fico numa dúvida mortal se leio o meu discurso, se falo outras coisas com vocês ou se falo muito pouco porque nós já estamos utilizando o horário que tínhamos que utilizar em Juazeiro, e daqui a Juazeiro é uma caminhada ou, melhor, uma “voada” muito boa.

Meus companheiros e companheiras do estado do Ceará, meu querido companheiro Cid, eu penso que seria importante marcar o dia de hoje para que nós possamos, daqui a cinco anos, ou melhor, Cid, quando terminarem os nossos mandatos, analisar o que aconteceu a partir do dia de hoje.

É importante que tenhamos uma noção exata do que estamos fazendo aqui, porque o programa de biodiesel tem alguns apaixonados, todos estão aqui. Tem alguns críticos, que tentam vender incerteza. Esses dias, vi uma matéria dizendo que a mamona tinha fracassado no Brasil, e nós ainda nem começamos a dar uma dimensão industrial para o programa de biodiesel através da mamona, porque tem muita pesquisa para melhorar a qualidade da semente, para saber o que a gente faz com a glicerina, para saber que tipo de ração vamos produzir. Tem todo um processo a ser discutido. Mas aqueles que não acreditam no programa já começam a vender: “não vai dar certo”.

Os trabalhadores rurais, os nossos dirigentes sindicais do campo, a Contag, nós temos discutido com o Ministério do Desenvolvimento Agrário, sobretudo, que esse programa, por ser um programa novo, não podemos permitir que ele caia nos desvios que outros programas bem-intencionados caíram, no Brasil. É preciso olhar o desenvolvimento do programa com lupa. Primeiro, porque a discussão do biodiesel não é uma discussão fácil no mundo, é uma discussão que tem causado celeuma, tem causado grandes debates



entre aqueles que dizem que a produção de biocombustível vai substituir a produção do alimento.

Eu quero dizer a vocês que trabalham na agricultura familiar, que se alguém deixar de plantar um alimento e dedicar toda a sua terra para plantar coisas para biodiesel, está cometendo um erro. É preciso que se utilize uma parte da terra para isso e a outra para produzir alimento, criar um gadinho, uma cabra ou coisa parecida. Em segundo lugar: eu não acredito que um ser humano normal vá deixar de produzir combustível para o seu estômago, para suprir a necessidade energética orgânica de que precisa, para encher o tanque de um carro.

O que nós estamos querendo dizer é que é totalmente compatível termos uma grande política de biocombustível e uma grande política de produção de alimentos. É acreditando nisso e tendo certeza sobre isso que há dois meses anunciamos um programa chamado Mais Alimentos, pelo qual vamos financiar 60 mil tratores e 300 mil implementos agrícolas para a agricultura familiar deste país levar tecnologia para sua produção. Isso será financiado em dez anos, com três anos de carência e 2% de juros ao ano. São 25 bilhões de reais que nós disponibilizamos (inaudível) BNDES para financiar a agricultura familiar.

Por que estamos fazendo isso? Porque eu disse ao ministro do Desenvolvimento Agrário: até quando a gente vai continuar apenas desapropriando terra, sem levar uma política forte para esses companheiros produzirem? Está na hora de a gente apostar num grande investimento de financiamento de tecnologia e, ao mesmo tempo, levar assistência técnica para que todos aqueles que já têm suas terras a tornem a mais produtiva possível neste país. Plantar o que couber e plantar outras coisas. Fiz questão de dizer em Roma, quando fui ao encontro da FAO, que nós, brasileiros, não podemos aceitar que apontem os dedos sujos de óleo para o Brasil, que quer produzir um combustível limpo e renovável.



Estou convencido – por isso sou o maior entusiasta desse programa – de que é a grande oportunidade que nós temos de desenvolver uma parte deste país, que há 300 anos é conhecida como a parte mais miserável deste país, o semi-árido nordestino. Mais ainda, é importante que a gente tenha em conta que fizemos uma lei e temos compromisso. A lei diz que até este ano iríamos completar 2% de biodiesel no óleo diesel. Significa que a Petrobras tem que comprar o nosso biodiesel e misturar em todo o óleo diesel que ela vende. Na verdade, é a BR que faz isso. É a Petrobras, mas quem transporta é a BR. Nós já estamos colocando 3%. Nós precisamos de 1 bilhão e 200 mil litros por ano, já estamos produzindo 1 bilhão e 800 milhões de litros por ano, portanto, já estamos produzindo algumas reservas.

Nós tivemos problemas neste meio tempo. Acho que como o programa é novo, ele comporta todo e qualquer problema, porque nós estamos consertando. Isso é comum à criança. A mãe vai aprendendo a cuidar do filho em função das coisas que o filho faz todo santo dia. Como esse programa é muito novo, queremos transformá-lo quase numa tábua de salvação para uma parte empobrecida do País. Mas também precisamos que outros setores produzam, porque para a gente colocar 5% ou 10% de biocombustível no óleo diesel, haja terra para a gente produzir. É por isso que precisamos combinar os avanços tecnológicos, porque quanto mais tecnologia a gente tiver, mais litros vai produzir por hectare e, portanto, menos terra vamos utilizar. Vamos ter que escolher a oleaginosa que produz mais óleo, a que produz mais por hectare. Isso é um processo que pode levar cinco ou dez anos, até toda a cadeia que estuda esse assunto definir claramente qual é a oleaginosa mais importante para fazer biodiesel, sem deixar de lado as outras.

Por exemplo, a soja. Não pensem, companheiros do Ceará, que não tem pequenos produtores plantando soja. Tem muitos pequenos produtores plantando soja. É só ir ao Paraná, ao Rio Grande do Sul, que a gente vai ver dezenas de pequenos agricultores plantando soja.



Eu me lembro – e faço questão de dizer isso aqui, Governador – quando nós tomamos posse, em 2003, que descobrimos que tinha soja transgênica no Rio Grande do Sul. Eu me lembro que começamos a discutir o que fazer. Então, tem gente que faz um discurso para fora e outro para dentro. Aí me procuraram – pequeno, micro, médio e grande – quase querendo que eu obrigasse a China a comprar. E eu dizia: “A China é um país soberano. Ela não pode comprar. Nós vamos ter que utilizar uma parte aqui dentro e poderemos marcar o que é transgênico ou não”. Aí, todos queriam.

Reuni os empresários da soja, os produtores de biodiesel de soja, em outubro do ano passado, e disse para eles: Produzir biodiesel da soja e transformá-la na matriz principal é um equívoco e um erro, porque a soja tem o seu preço determinado pelo mercado internacional, melhor, pela Bolsa de Chicago, porque é commodity. E se o preço da soja subir muito no mercado internacional, como subiu no começo do ano, fica caro para produzir biodiesel. Aí, não é prudente. É prudente, sim, utilizar a soja quando tem excesso de produção, que o preço cai no mercado externo. Você pode utilizar a (inaudível) para fazer biodiesel, até para ajudar a regular o mercado de soja. Mas, como matriz principal, é muito perigoso colocar tudo o que for commodity, com preço determinado fora do nosso país.

É aquela desgraça que a gente, de vez em quando, vê acontecer e não sabe como tratar. De repente, eu estou vendo a inflação brasileira causada por commodities e a gente não pode fazer nada, porque o preço não é determinado no Brasil.

Então, estamos fazendo o programa e colocamos na lei um compromisso claro com a agricultura familiar. Vamos precisar do grande também, mas temos que fortalecer a agricultura familiar. É a chance de a gente garantir que as pessoas tenham um tipo de renda fixa por ano.

Estou dizendo ao companheiro Guilherme, que agora é o presidente do Conselho da Petrobras Biocombustível, e estou dizendo ao companheiro



Rossetto, que está na diretoria da Petrobras Biocombustível, para conversarem com os companheiros da Petrobras para discutir claramente se o preço que nós estamos pagando é um preço justo, que vai dar uma rentabilidade para o trabalhador, para que a gente não faça o trabalhador apenas trabalhar, entregar a semente e, depois, o que ele ganha não dá para pagar o custo que teve para produzir. Afinal de contas, não queremos isso.

Agora, como o programa é novo e envolvemos várias cidades aqui da região, nós vamos ter que, junto com o nosso querido Governador, ajudar a fazer as estradas vicinais que precisam ser feitas, porque senão o produtor vai produzir e não tem como trazer o produto até a usina. Nós vamos ter que ir criando as condições.

Vocês vão ter que se organizar em cooperativas. E cooperativa não é o governo que organiza. Cooperativa, ou nasce de baixo para cima ou nasce morta, se alguém quiser criá-la de cima para baixo.

Estou convencido de que este programa será um sucesso mundial porque nenhum país do mundo tem as condições do Brasil, nenhum país do mundo tem a quantidade de terra agricultável que tem o Brasil, nenhum país do mundo tem a quantidade de oleaginosas que tem o Brasil, poucos países do mundo têm a tecnologia que a Petrobras montou para fazer esta usina, e mais uma que vamos inaugurar em Minas Gerais.

Nós estamos convencidos de que o Brasil será o campeão mundial da produção de combustível renovável. Vou dizer para vocês porque acredito nisso. Porque hoje nós temos... Graças a Deus, a Petrobras... acho que Jesus Cristo, passando pelo Brasil, deve ter parado em uma plataforma ali perto da Bacia de Campos, e falado: “Eu vou ajudar esses meninos um pouquinho. Vou jogar um pré-sal, um petróleo mais fundo, para eles terem mais trabalho, mas eles vão buscar”. A ajuda foi tão boa que nós encontramos.

Agora, é importante lembrar que o petróleo... Faz pelo menos 30 anos que ouço falar no motor elétrico, até hoje não saiu; faz 50 anos que ouço falar



no motor a hidrogênio, que também não saiu, porque não conseguiram separar a molécula ainda. Nós temos o etanol, agora temos o carro *flex fuel* e temos o biodiesel, esse é renovável. O petróleo é muito importante, mas custa caro para a gente trabalhá-lo. Sabem quanto custa uma plataforma da Petrobras, daquelas grandes que mostram na televisão, que parecem uma cidade? Dois bilhões de dólares. Sabem quanto custa um navio, que a Petrobras chama de sonda, aquele navio que vai para o meio do mar para pegar petróleo? Agora, para pegar petróleo em alto mar, esse novo que ela encontrou, são 2 mil metros de água, depois 3 mil metros de rocha, depois 2 mil metros de sal. A Petrobras, a qualquer hora, vai sair com um japonezinho na broca, de tão profundo que está indo buscar, espero que traga logo um campeão olímpico. Então, custa por volta de 700 milhões de dólares ou custa, de aluguel, 500 mil dólares/dia.

Por que acho que o biodiesel é competitivo? A Petrobras tem que formar mão-de-obra qualificada: engenheiros, técnicos da mais alta competência. Depois, emprega 50 mil, 60 mil pessoas no Brasil inteiro ou no mundo inteiro. Então, o que eu acho? Que o biocombustível não vai competir, vai ser uma ajuda para o petróleo. Obviamente que o dia que o petróleo se esgotar, ele vai substituir.

Para plantar um litro de biocombustível, não precisa de muita coisa sofisticada. Primeiro, porque nós já temos a Embrapa. O que precisa é um ser humano que tenha capacidade de cavar um burquinho de uns 30 centímetros, plantar uma semente e, 18 meses depois, dependendo, ou seis meses depois, ele vai lá e começa a colher o seu petroleozinho com a própria mão, gerando mais empregos, mais renda e menos poluição na atmosfera. Esse é o grave problema, o aquecimento do Planeta. Os efeitos a gente vê todo dia: é mais furacão, temperatura cada vez mais alta, onde era mais frio faz mais calor, onde era mais quente faz mais frio, é enchente onde não tinha enchente, é



seca onde não tinha seca. Tudo isso por conta das mudanças climáticas. Daí a importância do biocombustível.

Por isso, o dia de hoje é gratificante, e nós vamos fazer muito mais. O trabalhador está sem crédito? Está. No Brasil e nessa região do Nordeste... Eu quero dizer uma coisa para vocês. Antes de nós chegarmos à Presidência da República, quando o governo anunciava o Pronaf na televisão, ele não passava do Rio Grande do Sul. Por que só lá, um pedaço de Santa Catarina, um tiquinho do Paraná e quase nada de São Paulo para cá? Porque só eles estavam organizados para o Pronaf.

Nós vamos a Juazeiro, daqui a pouco, começar a distribuição de 19 mil títulos em 12 municípios, e vamos começar com cinco. O companheiro sem o título da sua terra não é dono da terra, não é cidadão, nem tem condições de pegar um centavo no Banco do Brasil e em nenhum outro banco. Por isso é preciso dar o título da terra. Isso nós vamos começar hoje, e vamos fazer muito mais.

O que nós precisamos compreender é que a Petrobras, a Petrobras Biocombustível, o governo federal, o governo estadual, os prefeitos, os trabalhadores, os sindicatos, nós precisamos... Estou vendo aqui os companheiros da Contag, da Fetraf, os Sem-Terra. Eu cobro, todo santo dia: esse programa tem que ser acompanhado por vocês, eu não posso estar em toda cidade, não posso estar em todo lugar, vocês têm que acompanhar, denunciar para o governo o que está acontecendo de errado para a gente consertar. Se a gente consertar agora, pode ser um programa maravilhoso, se a gente deixar ele andar errado, pode estar plantando um monstro.

Essa é uma chance extraordinária. A entrada da Petrobras, com a criação da nossa subsidiária Petrobras Biocombustível, é a certeza de que a gente vai ter uma empresa pública, sob controle público, para que a gente possa balizar o padrão e o patamar do que vai acontecer com os trabalhadores rurais deste país que entrarem na questão do biocombustível. Os outros que



não entrarem vão ganhar mais, porque vão plantar outras coisas, vão criar galinhas, cabras, um bodinho, e mais gente vai ganhando dinheiro para comprar um bode para fazer uma buchada, uma galinhada. E assim, este país vai melhorar, este país vai dar um salto de qualidade.

Quero terminar parabenizando o Governador pelo anúncio feito aqui, de dar uma ajuda por cada hectare que as pessoas plantarem. É extremamente importante que no começo do programa a gente continue ajudando os pequenos, até consolidá-los.

No mais, meus companheiros e companheiras, quero de público agradecer aos nossos deputados, que votaram essa lei em tempo recorde no Congresso Nacional. Penso que ela foi aprovada de uma forma extraordinária. A implantação também já foi rápida, porque produzir 1 bilhão e 800 mil litros em tão pouco tempo é quase uma afronta à natureza, a gente não estava tão preparado para produzir tanto. A verdade é que a vontade do povo produtor é maior do que a gente previu na lei.

Agora nós temos que continuar com vontade de produzir, com vontade de organizar, para que a gente possa ter mais produção, mais renda, mais terras produzindo e melhor qualidade de vida para as mulheres e para os homens que trabalham no campo neste país.

Muito obrigado. Que Deus abençoe vocês. Meus parabéns por tudo.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do campus Cariri da Universidade Federal do Ceará e entrega de títulos de regularização fundiária a agricultores da região

Juazeiro do Norte-CE, 20 de agosto de 2008

Tenho muita experiência em participar de manifestações públicas e estou vendo um monte de gente fazendo gestos para mim de que está com fome. Só queria lembrar a vocês que nós nos levantamos, em Brasília, às 6h da manhã e até agora não almoçamos. Vamos almoçar na hora em que voltarmos para Brasília, às 9h da noite.

Quero agradecer a paciência de vocês. Tenham um pouco de paciência que as lombrigas maiores não vão comer as menores, elas vão ter paciência. Quero pedir dois minutos de paciência para vocês. Sempre falo dois minutos, mas falo 20. Vou tentar abreviar hoje para contar algumas coisas que me deixam, como cidadão brasileiro, presidente da República e nordestino, eu diria, prazerosamente satisfeito.

Eu me lembro – não vou nem cumprimentar os ministros aqui, o governador, os nossos companheiros – quando o Ciro era ministro da Integração, uma vez ele me falou: “Presidente, o Banco do Nordeste, no ano de 2002, só conseguiu emprestar 250 milhões de reais. E no primeiro ano, Presidente, já emprestamos mais de 1 bilhão de reais”. Vou dar um dado para vocês para mostrar o que está acontecendo no Brasil, que muitas vezes os companheiros da imprensa não têm informação, não divulgam corretamente, possivelmente porque nós tenhamos errado na comunicação à imprensa. Talvez o BNB não tenha um grande assessor que passe para a imprensa todas essas informações, mas quero dar um dado importante para vocês, para vocês perceberem por que a economia cresce, o Nordeste cresce, por que diminui a



desnutrição infantil no Nordeste, por que aumenta o poder de consumo do povo do Nordeste e, muitas vezes, a gente não consegue ver isso na grande imprensa nacional, possivelmente porque, e agora, de verdade, nós sejamos ruins de comunicação. Talvez falando assim as pessoas não me entendam, mas não tem problema.

No dia 1º de janeiro de 2003, o BNB emprestou no Brasil inteiro, prestem atenção – vou chegar no Nordeste, calma – pegando toda a região do Nordeste brasileiro, 256 milhões de reais. Em 2008, emprestamos, até agora, ao todo, de lá até aqui, 12 bilhões de reais. Imaginem o que significa para a economia do Nordeste brasileiro, sair de 250 milhões de reais para 12 bilhões de reais. No Ceará, em 2002, o BNB emprestou 40 milhões de reais. Em 2008, 2 bilhões de reais. Imaginem a diferença de 40 milhões de reais para 2 bilhões de reais circulando na economia do estado do Ceará.

Aqui tem um dado errado meu. Vou corrigir antes que a imprensa diga que eu errei. Na verdade, estava falando do Crediamigo. O Crediamigo, que é um programa do Banco do Nordeste, em 2002 emprestava 40 milhões de reais, e hoje está emprestando 1 bilhão de reais. É verdade, gente, cometi o segundo erro. Vou colocar os óculos direito aqui. Os números que falei, do Ceará, estão corretos: de 40 bilhões para 2 bilhões, está correto. O Crediamigo, que era de 40 milhões, passou para 1 bilhão em todo o Nordeste, e só no estado do Ceará o Crediamigo hoje empresta 200 milhões de reais. Só para vocês verem a diferença de números. Isso está acontecendo em todo o território nacional.

Além disso, o Pronaf, que é o empréstimo da agricultura, que antigamente era só para a região Sul do País, 80% dele ficava no Rio Grande do Sul, um pouco em Santa Catarina, um pouco no Paraná, chegava um pouquinho a São Paulo. Depois, o Pronaf não emprestava mais dinheiro porque os trabalhadores do Nordeste ou não tinham título de terra para entrar no Banco do Brasil, ou não tinham o hábito de entrar no banco, porque também o banco não estava preparado para emprestar para pobres, era mais fácil



emprestar dinheiro apenas para quem já tinha dinheiro. Hoje o banco empresta dinheiro para quem entra lá de sandália havaiana, ou de qualquer outra sandália, ou de alpercata, dessas que a gente usa aqui, no Nordeste. Hoje no Pronaf, que quando nós entramos tinha emprestado 2 bilhões de reais, para a safra 2008-2009 serão 13 bilhões de reais colocados à disposição para o trabalhador agrícola brasileiro, para a agricultura familiar.

Esses números dão conta do que está acontecendo neste país. E vai acontecer muito mais, porque hoje nós viemos ao Ceará não para anunciar pequenas coisas. Nós viemos ao Ceará – e eu quero agradecer ao nosso companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras – porque nós viemos anunciar aqui uma refinaria, que vai começar a ser construída no ano que vem e vai ter um investimento de 11 bilhões de dólares – não é de reais – e vai ser a segunda maior refinaria de todo o território nacional. Por detrás da refinaria vêm outros investimentos. E não é para produzir pouca coisa, não, é para produzir biodiesel de qualidade para a gente exportar para a Europa e para os Estados Unidos, para a gente exportar para o “chique”. Desse petróleo que nós encontramos lá no pré-sal a gente não quer ser exportador de óleo cru, a gente quer exportar produtos de alta qualidade para trazer mais dinheiro para este país e exigir mão-de-obra mais qualificada.

Eu disse ao companheiro Cid: pague para ver e espere, porque ainda este ano eu quero vir outra vez ao estado do Ceará para assinar com ele o protocolo de construção de uma siderúrgica em Fortaleza. Por trás da siderúrgica vem um pólo metal-mecânico e vêm milhões de empregos ou milhares de empregos.

É por isso que o Ministro da Educação falou: além do curso de engenharia civil nós vamos ter que criar aqui um curso de engenharia mecânica, vamos ter que criar um curso para formar e preparar gente para estudar e para a gente se tornar exportador de conhecimento e de inteligência.

Não é apenas isso, tem muito mais coisas. Nós vamos, se Deus quiser,



inaugurar a Transnordestina, uma ferrovia que liga o porto de Suape, em Pernambuco, ao porto de Pecém, no Ceará, passando por Eliseu Martins, no Piauí, para a gente poder transformar essa região numa região muito rica. Na minha cabeça, talvez por eu ser nordestino, tenho consciência de que não é possível o Nordeste atravessar o século XXI tão pobre como atravessou o século XX. É importante que as pessoas aprendam que nordestino não quer ser pedreiro ou ajudante de pedreiro para construir prédios para outros. Nós não temos nenhum problema em ser pedreiros, mas também queremos ser engenheiros, médicos, dentistas, também queremos fazer Filosofia, também queremos fazer tantos outros cursos neste país.

Por isso, eu vim aqui hoje. É a primeira fase desta universidade que estamos inaugurando, tem outras fases. Já disse à reitora e ao Ministro da Educação que todas as propostas que temos para extensão universitária, para escola técnica e para universidade, a gente não pode prometer inaugurar em 2011 ou em 2012, todas terão que ser inauguradas em 2010. Eu não vou deixar pequenas e médias obras pela metade porque depois, se entrar um governo que não quer fazer, vai aumentar o canteiro de obras não terminadas neste país. Eu não estou lidando com ponte ou com asfalto, estou lidando com seres humanos. Eu não quero uma escola que seja metade de uma escola, quero uma escola com a cara inteira.

É por isso que também decidimos fazer aqui no estado do Ceará, na cidade de Redenção – onde houve a primeira libertação de escravos no Brasil – uma universidade afrodescendente. Metade português (brasileiros) e metade de estudantes africanos, dos países de língua portuguesa, para que o Brasil comece a resgatar a dívida histórica que nossa sociedade tem pelos trezentos anos de escravidão a que os negros foram submetidos neste país. Não há dinheiro no mundo que pague o que eles fizeram neste país, inclusive a nossa raça, a nossa cor. A mistura entre negro, índio, europeu foi o que deu essa beleza de gente chamada de brasileiros e brasileiras.



Meu caro José Sergio Gabrielli – que é professor de Economia da Universidade Federal da Bahia, hoje presidente da Petrobrás – eu quero contar para você por que a minha obsessão pela... Quero dizer para vocês da minha obsessão pela educação. Hoje, tenho 63 anos – vou fazer em outubro – se alguém disser que não parece, vou dizer que está mentindo... Eu vou fazer 63 no dia 27 de outubro. Quem quiser mandar um presente pelo correio, pode mandar que eu serei muito grato. Eu já tive muita frustração na vida por não ter podido estudar, muita. Se eu tivesse podido fazer um curso superior, eu tinha vontade de ser economista, porque economista é uma beleza. Quando economista é oposição, ele tem solução para tudo. Quando ele chega ao governo, ele não tem solução para nada. Por isso, eu queria ser economista, que é também a profissão do meu Ministro da Educação. É verdade, eu gosto de ver economistas lidando com números, uma facilidade fantástica.

Eu queria ser assim, mas não sou. Deus me encaminhou para fazer um curso no Senai e eu não me arrependo, porque graças a eu ter podido fazer um curso técnico no Senai, arrumei um emprego para ganhar mais, fui trabalhar em uma empresa grande, fui ser diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, adquiri consciência política, fundei um partido, criei uma Central de Trabalhadores neste país. E, aí, me meti a ser candidato. Perdi três eleições, mas estou aqui.

Tem uma música do Ivan Lins que eu utilizava sempre, a cada vez que perdia a eleição, como diria o nosso saudoso Brizola: “você volta para casa para lamber as feridas”. A cada vez que eu voltava para casa para lamber as feridas, me lembrava da música do Ivan Lins que diz: “Desesperar jamais”.

Aí eu começava a imaginar por que não se fazia mais universidades, mais escolas técnicas. Eu senti na pele o que é um trabalhador com uma profissão e um trabalhador sem profissão. Um trabalhador ou uma trabalhadora com profissão, uma menina que faz um curso profissionalizante, ou um menino, vai procurar emprego, e mesmo que não tenha a vaga a empresa pega o



currículo e ele tem chance de ser chamado. Mas quando a gente não tem profissão, e perguntam para a gente: “O que você sabe fazer?” “Tudo”. Mentira, não sabe fazer nada. Ninguém sabe fazer tudo, a gente tem que saber fazer uma coisa bem-feita, isso é que é profissão. Ou se perguntarem: “Sabe fazer alguma coisa? Qual a profissão?” “Nada”. Também vai voltar para casa com a carteirinha profissional aqui, no bolso do bumbum, vai entortar a bichinha e não vai arrumar emprego. E quando arruma emprego é para ganhar o salário mínimo. Mas quando você tem uma profissão, tem chance de se levantar na vida.

Vou repetir para vocês uma coisa que estou cansado de dizer mas não disse para vocês ainda: eu sou o oitavo filho de uma família de Garanhuns. Fui o primeiro a ter o diploma primário, a fazer um curso no Senai. Eu fui o primeiro, portanto, a ter uma profissão, a ganhar mais do que um salário mínimo, a ter uma casa própria, a ter uma televisão, a ter um carro, e fui o primeiro a chegar a presidente da República.

Pois bem, se uma profissão me permitiu chegar onde cheguei, quero dizer para vocês que ela pode dar a vocês o mesmo que deu a mim, ou muito mais, porque vocês têm chance de estudar o que não estudei. Por isso é que nós resolvemos fazer escolas técnicas.

Vou repetir o número que o Fernando Haddad citou, vocês estavam com fome, a lombriga estava roncando e não prestaram atenção: em 1909 o Nilo Peçanha fez a primeira escola técnica na cidade de Campos, no Rio de Janeiro. De lá até 2003, portanto, quase 100 anos, eles fizeram apenas 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos fazer 214 escolas técnicas neste país. E vamos fazer porque estou cansado de ver na televisão... Quando a gente se senta à frente da televisão tem até medo de sair de casa: é bala perdida, é tiro para cá, é bandido para lá. A gente quase se abaixa embaixo do sofá. E todos que a gente vê presos são moleques de 20 anos, de 24 anos, de 25 anos, quase todos pobres e a maioria negros.



Fico pensando: será que aquela mãe que teve aqueles meninos tinha o útero predestinado a ter um bandido? Não! Foi a política econômica estabelecida neste país nos últimos 40 anos que fez gerar duas gerações de jovens sem oportunidades, porque o Estado não estava presente na favela, na educação, na cultura, no emprego. Esses jovens nasciam, ficavam adolescentes, ficavam adultos sem ter uma única esperança, morando nas grandes periferias deste país, disputando o metro quadrado com ratos, vendo o pai beber e bater na mãe, vendo mãe e filho brigarem porque moravam em quartos pequenos, onde dormiam, defecavam, cozinhavam e viviam. Como é que a gente pode exigir que apenas a polícia resolva esse problema? Pode encher de polícia que não vai resolver. O que vai resolver é dar oportunidade para essa meninada, é dar uma esperança para eles e mostrar que tem um caminho, uma saída. Aí passa pela recuperação da família. Fico pensando como é que minha mãe criou oito filhos e nenhum virou bandido, nenhum nunca roubou um centavo. Eu tinha vontade de comer maçã, passava por uma feira, tinha vontade de roubar e não roubava para não envergonhar minha mãe, porque ela era a referência da minha vida. Isso vale para cada um de vocês.

Agora, a gente liga a televisão e o que tem de cultura na televisão, o que tem de educação, de orientação? Não tem. Nós resolvemos investir em educação e é por isso que criamos o Fundeb – vou chegar no ProUni, meu filho. Qual era o problema que a gente tinha? A gente, no começo do governo, não tinha dinheiro para investir na educação e os estudantes gritavam: “escola pública e gratuita de boa qualidade”, mas a gente não tinha dinheiro. Eu também gritei muito quando era dirigente sindical. Então, eu comecei a dizer... O Fernando Haddad teve uma idéia genial e me apresentou uma proposta: “Presidente, vamos resolver os problemas dos pobres deste país? Vamos resolver a questão dos pobres da periferia deste país”, e me apresentou a proposta do ProUni.

Nós demos uma isenção fiscal às escolas particulares, trocamos o valor



da isenção por bolsas de estudos para jovens da periferia. Hoje, nós temos 380 mil jovens da periferia deste país fazendo universidade. Quando nós lançamos o ProUni disseram: “este governo está nivelando a educação por baixo, colocando pobres sem qualificação na universidade”. Depois de dois anos, o MEC foi fazer aferição da qualidade da educação deste país: de 14 matérias pesquisadas, os melhores alunos eram os pobres do ProUni que tinham estudado em escola pública. E por que esse fenômeno? Porque esses jovens conquistaram a oportunidade que eles pensaram que não tinham mais e aí não querem largar, trabalham aquilo com a alma do coração. Se os jogadores da seleção olímpica tivessem a mesma garra dos estudantes do ProUni, a gente teria agora que disputar a medalha no domingo. As mulheres são as mulheres. Por isso é que eu sou mais a mulher, porque as mulheres...

Quando nós criamos o ProUni tinha um tipo de gente que fazia discurso assim contra o governo: “estão privatizando a educação, estão dando dinheiro para universidade particular, estão fazendo isso”. Os babacas não percebiam que nós estávamos fazendo uma revolução na educação brasileira. Agora, outra vez este companheiro apresentou uma proposta: fazer o Reuni. O que é o Reuni? É uma coisa simples. Vamos dar um pouco mais de dinheiro para as universidades federais, que vão aumentar as vagas por professor. A média hoje é de 12 alunos por professor, nós vamos aumentar para 18. Nós aprovamos em todos os conselhos, das 56 universidades federais. Aí tem um tipo de estudante, daqueles que vocês sabem, que vão para a Reitoria querendo bater no reitor: “Dezoito alunos é muita gente na sala de aula, vai atrapalhar a educação”. O babaca rico, que já estudava, não queria que o pobre tivesse a chance de estudar. O que são 18 alunos por professor?

Vamos colocar mais 400 mil jovens na universidade, além das 12 universidades novas e das 88 extensões universitárias que vamos fazer neste país. O menino que falou aqui disse bem. Por que nós estamos levando para o interior? Porque a universidade tem que estar perto dos jovens, e não os



jovens se transferirem para as grandes cidades para disputar uma vaga em uma universidade. Por isso, companheiros, nós viemos aqui hoje, viemos aqui com muito orgulho porque eu, que não tive a oportunidade de estudar, quero que vocês tenham aquilo que os governantes da época não me deram. Quero que vocês tenham aquilo que eu não tive. Deus queira que quem vier depois de mim seja melhor que eu e faça muito mais do que fiz. Quem sabe, daqui para a frente, as pessoas aprendam que só tem lógica governar um país, uma cidade ou um estado, se a gente estiver disposto a fazer as coisas para quem precisa do Estado, para quem precisa do governo. O rico não precisa. Quem precisa do Estado é o pobre, é o pequeno. Os outros têm capacidade de sobreviver, o pequeno é que tem que ser ajudado. Por isso, eu digo todo dia: eu governo para todos, não discrimino ninguém. Não discrimino rico, nem pobre, sou presidente de todos.

Eu faço como a minha mãe: se eu tiver um bife, não tem filho mais bonito que vai comer sozinho não, todos vão dar uma lambidinha naquele bife. É assim que faz uma mãe. Governar este país não é apenas com a sabedoria da escola. Para governar este país é preciso combinar a inteligência que está dentro da nossa cabeça, o sentimento que a gente carrega no coração e os compromissos de origem que a gente tem. É por isso que vamos continuar fazendo. Por isso eu vim aqui, e é por isso que quero pedir desculpas a quem está com fome.

Muito obrigado pelo carinho que vocês dedicaram ao governo.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do terminal de regaseificação de gás natural
liquefeito**

Porto de Pecém, São Gonçalo do Amarante (CE), 20 de agosto de 2008

Meu caro companheiro Cid Gomes, governador do estado do Ceará,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa
Civil,

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Meu querido companheiro José Barroso Pimentel, ministro da
Previdência Social,

Meu querido companheiro Guilherme Cassel, ministro do
Desenvolvimento Agrário,

Meu querido companheiro Pedro Brito, secretário especial de Portos,
Meu querido companheiro Ciro Gomes, ex-ministro da Integração,
Meu querido companheiro Eunício, ex-ministro das Comunicações,
Meu caro Francisco José Pinheiro, vice-governador do estado do Ceará,
Deputado Domingos Filho, presidente da Assembléia Legislativa do
estado do Ceará,

Senador e companheiro Inácio Arruda,
Deputados federais, estaduais, secretários de Estado, secretários
municipais, prefeitos aqui presentes,

Meu caro Márcio Pereira Zimmermann, secretário-executivo do
Ministério de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,
Meu querido companheiro Roberto Schmidt, presidente do Banco do
Nordeste do Brasil,



Meu caro companheiro João Antônio de Moraes, coordenador-geral da Federação Única dos Petroleiros, em nome do qual saúdo todos os trabalhadores da Petrobras e subsidiárias,

Meus caros companheiros diretores da Petrobras; Sergio Machado, da Transpetro; Alan Kardec, da Petrobras Biocombustível,

Meu caro Paulo Roberto,

Minha querida companheira Graça,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Na verdade, eu penso que nós estamos vivendo um momento tão especial, que não tem dono. Eu acho que o dono deste momento especial que estamos vivendo é a crença e a perseverança deste povo que, mesmo nos piores momentos, não perde a esperança, não perde a perspectiva de que possamos construir um mundo melhor para eles.

Eu acho que tenho muita sorte e que sou abençoado por Deus, porque certamente tantos outros presidentes gostariam de ter vivido o momento que estou vivendo. Momento em que a gente bate recorde de geração de empregos com carteira assinada todo santo mês e todo santo ano; momento em que a economia brasileira cresce de forma sólida e sustentável; momento em que a gente cria uma empresa subsidiária da Petrobras, chamada Petrobras Biodiesel, para resolver o problema de uma nova matriz energética que estamos construindo no Brasil, que tem como base e um dos pilares o desenvolvimento da agricultura familiar no nosso país; momento em que o consumo no Nordeste cresce mais do que no Sudeste; e momento em que o Brasil conquista credibilidade internacional. Eu diria que em poucos momentos da história do Brasil nós vivemos esse momento.

E um momento ainda mais gratificante porque a Petrobras – e só pôde fazer isso com investimento – descobre petróleo, o que coloca o Brasil numa situação altamente privilegiada dentre os países detentores de grandes



reservas de petróleo. Eu ainda não sei quanto petróleo existe na camada pré-sal. Necessariamente eu não preciso saber tão rapidamente, porque vai ser a Agência Nacional de Petróleo que vai anunciar a quantidade. Certamente tem menos do que nós desejaríamos, mas tem muito mais do que a gente já pensou ter, em algum momento, neste país. Ninguém precisa me dizer os números porque eu vejo isso estampado na cara dos diretores da Petrobras.

Isso coloca o Brasil numa situação ainda mais privilegiada e com possibilidades enormes de ter um novo ciclo de crescimento, que possa durar 10, 15 ou mais anos, para a gente recuperar a quantidade de décadas que o Brasil ficou estagnado, não conseguiu crescer e só gerou desempregos.

Vivemos um momento auspicioso de crescimento da massa salarial, de crescimento da renda. Quando eu vejo a Fundação Getúlio Vargas publicar no seu Anuário uma pesquisa mostrando que há uma nova classe média neste país, composta de pessoas que eram das classes D e E, que ascenderam à classe C, e que essas pessoas estão podendo ter acesso ao seu primeiro carro, à sua primeira casa, ao seu primeiro computador, eu fico pensando: ter casa, carro, computador, ser bem-casado, ter uma boa família, um emprego com um salário que lhe permita sobreviver, é tudo na vida que um ser humano precisa para viver tranquilo e cuidar da sua família, e acreditar cada vez mais no seu País.

O Pimentel me deu outro dado extraordinário, agora no avião. Dos 2 milhões e 600 mil trabalhadores contratados no ano passado, entre a economia formal e a informal... Ou melhor, entre a economia informal – aqueles que tiveram emprego durante 12 meses – a formal e os temporários, que ficaram pelo menos um mês registrados, 22% desses trabalhadores são jovens com até 19 anos, e 42% são pessoas de 50 a 69 anos de idade.

Prestem atenção em dois fatos importantes. Primeiro, quando a gente contrata um jovem de 19 anos e dá a ele a possibilidade do emprego, nós estamos, na verdade, roubando, ganhando esse jovem do crime organizado,



da marginalidade, porque estamos dando uma oportunidade para ele. Quando nós empregamos um homem com mais de 50 anos de idade... Aqui neste plenário, eu tenho certeza de que muitas vezes vocês se queixaram: “Quem tem mais de 40 anos não arruma mais emprego”.

A verdade é que nós passamos 20 anos em que não arrumava emprego quem tinha 40, 50, 30, 20 ou 17 anos, porque a economia brasileira esteve atrofiada durante 20 anos neste país. Nós perdemos uma geração de jovens, que hoje vemos na televisão sendo presos porque cometeram algum delito, e esse delito foi causado pela impossibilidade de esse jovem ter tido acesso à educação, oportunidade de trabalho e a esperança que todos nós precisamos para sobreviver condignamente.

Quando eu vejo esses números, confesso a vocês que tenho motivos de sobra para ficar feliz. Passei metade da minha vida ouvindo dizer que eu não estava preparado, que eu não tinha diploma universitário, que eu não sabia governar, que eu não tinha experiência, e muitos falavam o que queriam falar. Hoje, o grave é que aqueles que falavam que nós não tínhamos competência para governar este país, são aqueles que falam o que o Cid falou: “O Lula tem sorte”. Deus queira que eu continue tendo muita sorte porque eu não sei se um ser humano conseguiria sobreviver sem um pouco de sorte.

Meus companheiros e minhas companheiras, viver este momento, para mim é gratificante, porque no dia 21 de novembro de 2006 nós estávamos com um problema muito sério com o companheiro Evo Morales, presidente da Bolívia: estávamos numa peleja muito grande, por conta do gás que importávamos de lá. Foi feita uma reunião do Conselho Nacional de Política Energética e eu fui convidado. Naquela reunião, eu disse aos companheiros que o Brasil precisaria trabalhar 24 horas por dia para se tornar um país independente no que diz respeito à questão energética e, dentro dessa questão, a do gás. Disse aos companheiros que nós não queríamos deixar de importar o gás da Bolívia, que queríamos continuar importando porque ela está



muito perto do Brasil e é um fornecedor importante, mas que não poderíamos ficar dependentes apenas de um país. Era preciso que ampliássemos as possibilidades de ter outros fornecedores para ter mais flexibilidade e garantir a soberania brasileira na questão de energia.

Naquela reunião, houve a primeira reunião sobre a questão dos navios, e eu me lembro que alguns companheiros, dentre eles o José Sergio Gabrielli, nos comunicavam que não tinha navios no mundo, que tinha que alugar, e tinha que esperar quase dois anos para alugar um navio. Para alugar o segundo era mais um ano, e ele iria fazer um esforço imenso para que a gente pudesse alugar um navio e construir a estação para a gente receber.

Veja que engraçado, José Sergio. Hoje, menos de dois anos depois, já estamos inaugurando este terminal aqui no Porto de Pecém, a partir de um projeto inédito no mundo. Vocês estão vendo aquele navio e aquela roda. Eu tinha que virar aquilo para dar por inaugurado o terminal, mas como vocês já foram vítimas de tantas promessas que não aconteceram, eu pedi à companheira Graça para a gente deixar mais para a frente.

Nós estamos hoje fazendo uma visita, mas ele vai ser inaugurado mesmo dentro de 10 ou 15 dias, porque falta uma peça e o navio está chegando de Trinidad e Tobago. Então, eu não vou fingir inaugurar uma coisa para, amanhã, os que me tratam muito bem na imprensa dizerem “Lula inaugura uma obra que não está pronta”. Não vou fazer isso. Daqui a 15 dias a companheira Graça virá até aqui com o pessoal da Petrobras, com o governador, e poderá virar a roda com duas mãos, uma sua e uma minha. Aí, considero inaugurado este terminal.

O importante é que o Brasil é o primeiro país que usa navios adaptados, tanto para armazenar GNL quanto para realizar a regaseificação. Eu não consigo imaginar, José Sergio, uma coisa congelada abaixo de 160°C. Um sorvete que a gente põe na boca já dói a língua, imaginem uma coisa a 160°C abaixo de zero. Eu prometo, quando estiver funcionando, vir aqui para ver



como esta coisa funciona, porque a minha cabeça e a minha inteligência não me permitem entender como alguém pega gás, o transforma numa coisa gelada e ele diminui 600 vezes. Botam num navio, trazem para cá, o esquentam, ele volta ao seu estado natural, entra no gasoduto e vai para a indústria, para as casas, para os carros, para as termelétricas.

É importante lembrar, Cid, que a preferência do gás é para as termelétricas. É importante a gente lembrar porque, obviamente que nós gostaríamos de atender toda a indústria, todos os táxis do mundo, mas a prioridade é não deixar faltar energia na casa das pessoas. Obviamente que se a gente não precisar utilizar o gás durante o ano inteiro, naquela parte que se tem gás e não se está utilizando para produzir energia, ele pode servir para outras coisas. Mas as pessoas têm que entender que um país que tem álcool, gasolina, não pode ficar utilizando gás, que é uma coisa que nós não temos a totalidade de que precisamos, e precisamos importar. Precisamos, então, utilizá-lo como uma coisa nobre. É como aquela garrafa de vinho que você ganha de presente, você só vai tomar num momento nobre. Então, o gás terá preferência para a energia elétrica.

Companheiros e companheiras, o Eunício e o Ciro estiveram no governo quase três anos. Tem gente neste país que eu acho que ganha dinheiro vendendo má notícia. Tem um tipo de gente que fica dizendo “vai faltar energia, vai faltar energia”. Eu posso dizer para vocês que não vai faltar energia neste país. Eu também não poderia dizer de forma diferente, eu sou o presidente da República, mas eu dei um pouco de ênfase para contrariar aqueles... eles não falam para mim, se falassem para mim seria ótimo, eles falam para a imprensa. Então, vira e mexe, a imprensa fala: “não sei quem disse que vai faltar energia”. São os mesmos, Ciro, que administravam o País na época do apagão, eles vivem torcendo.

E não é apenas aqui que a gente está fazendo esse terminal. Estamos fazendo um na Baía da Guanabara e, se for necessário, faremos outros em



outros lugares, para que a gente não deixe o Brasil correr o risco de não ter energia elétrica para tocar a sua vida.

Somos também os primeiros a adotar o modelo de transferência de GNL de um navio supridor para outro navio regaseificador. Vocês vão ver, quando chegar aqui, que dá até para fazer uma festa, porque vai vir um navio com umas bolas brancas, todas de aço, cheias de gás dentro. E tem um outro todo vermelho, do outro lado, esperando o gás.

O Brasil é o primeiro país do mundo a ... – tem uma palavra que eu não vou dizer porque não sei o que é – eu vou ler aqui, José Sergio, veja que o pessoal que faz o meu discurso é letrado. Somos também os primeiros a adotar o modelo de transferência de GNL de um navio supridor para outro navio regaseificador, por meio de braços criogênicos. Eu vi lá os braços, não sabia que eram criogênicos, mas agora estou sabendo que são por causa do (inaudível). Nada como um dia atrás do outro, a gente aprende, vai virando.... quem sabe, quando terminar este mandato, eu estarei preparado para governar o País.

O que é importante lembrar é que este terminal foi construído em um tempo recorde de oito meses. Este é um dado pelo qual eu quero dar os parabéns à direção da Petrobras, que cuidou disso. Isso significa que a Petrobras, aos poucos, vai se transformando em mais do que uma empresa de petróleo. Todo mundo que é muito grande, muito importante, às vezes esnoba um pouco. A Petrobras não gostava muito de gás, não, o negócio dela era petróleo. Ela não gostava de álcool, não gostava de biodiesel. Aos poucos e com muito cuidado, nós vamos discutindo política com os companheiros e vamos mostrando que não é o Brasil que é da Petrobras, é a Petrobras que é do Brasil. E aí eles vão assumindo... Aliás, a propaganda que vocês fizeram na televisão está maravilhosa. Parabéns, não sei qual foi a empresa que fez, mas aquela conversa da Petrobras com o Brasil é a conversa que Dilma e eu temos todo mês com o José Sergio Gabrielli. Só que na televisão eles estão



convencendo mais o povo brasileiro do que eu e Dilma convencemos o José Sergio Gabrielli.

Bem, companheiros, eu vou parar de ler o meu discurso, apenas para dizer a vocês que eu tenho uma convicção: muitas das coisas que nós colocamos em prática possivelmente sejam resultado de eu ter vivido mais de dois terços da minha vida do outro lado, neste País, por conhecer profundamente a vida do povo nordestino, a vida do trabalhador brasileiro, por conhecer profundamente o dissabor do desemprego, de não ter estudado quando se tinha possibilidade de estudar ou quando se precisava estudar.

É por isso que esta viagem ao estado do Ceará, hoje, eu diria, é uma viagem bastante heterogênea. Nós estamos aqui anunciando a inauguração do terminal de regaseificação; nós vamos, daqui a pouco, a Quixadá anunciar e inaugurar a segunda usina de biodiesel da Petrobras; depois nós vamos a Juazeiro inaugurar a primeira parte do campus universitário que estamos fazendo lá.

Isso está acontecendo no Nordeste inteiro. Muitas vezes, tanto com o Eunício quanto com o Ciro, a gente discutia “por que o Nordeste tem que ser a parte do Brasil que tem menos mestrado, que tem menos doutor, que recebe menos investimentos em cultura?” Tudo ia para a parte que já tinha mais.

Como eu fui muito pobre a vida inteira, a minha mãe comprava um bife e repartia... Bife de pobre, não sei se vocês sabem como é. Bife de pobre, bate-se tanto com aquele martelinho, amassando, que o bicho vai esticando. Chega a ficar deste tamanho assim, mas desta finurinha. Você compra um bife e depois come quase uma gilete. Às vezes era preciso repartir aquilo para três ou quatro pessoas. Eu, às vezes, fico pensando: acho que de vez em quando a minha mãe o amarrava num barbante, a gente engolia e ela puxava de volta para o outro comer. Era pouco para muitos. Imaginem oito filhos sentados à volta de uma mesa sem ter o suficiente em calorias e proteínas. Depois eu tirei o desconto. Vocês viram que eu estou gordinho.



Eu aprendi, com isso, que só tem sentido governar um país, uma cidade ou um estado se tiver a opção clara de ajudar a parte menos favorecida da sociedade. Não é que aqui estejamos falando em tomar nada de ninguém. O que queremos é criar as condições para que os outros tenham as possibilidades e as chances que aqueles que têm mais poder aquisitivo tiveram. A revolução do ProUni é uma demonstração... Nós não tínhamos dinheiro para fazer universidade. Este moço simpático que está aqui, o Fernando Haddad, pensou numa coisa chamada ProUni. Nós demos isenção fiscal para as universidades particulares. Em troca, pegamos o equivalente ao imposto em bolsas de estudo e hoje temos 380 mil jovens da periferia deste país fazendo universidade.

Este ano vai ter a primeira turma formada, que são quase 60 mil jovens. Pela graça de Deus, em todos os testes feitos pelo MEC, os alunos do ProUni têm sido melhores do que os que não são do ProUni, numa demonstração de quê? De que esses jovens estavam esperando uma oportunidade. Na hora em que tiveram oportunidade, pegaram e não querem largar mais. O importante é que, desses 380 mil jovens, 40% são negros. Essa é uma coisa que me dá muito orgulho: perceber que os de baixo estão começando a subir os degraus de ascensão na vida social e econômica deste país.

Não é possível fazer isso sem pensar no Nordeste, no Norte do País. Quantas vezes eu discuti, dentro do governo, a necessidade de se pensar no desenvolvimento regional. O que vai significar essa ferrovia vindo para cá? Vocês pensam que é fácil fazer? O Ciro se lembra, a Dilma se lembra. Quando começamos a discutir, Cid, o que o pessoal dizia? “Presidente, não tem viabilidade econômica”. O pessoal só quer fazer as coisas onde já tem um monte de contêineres empilhados para carregar. É preciso que a gente tenha consciência de que em alguns lugares já tem desenvolvimento, e tem que fazer infra-estrutura para escoar aquilo. Em outros lugares, não tem desenvolvimento



e tem que fazer a infra-estrutura porque é ela que vai trazer o desenvolvimento para aquela região.

Por isso, nós construímos uma engenharia financeira que custou mais de 4 bilhões de reais, financiados na sua maior parte pelo BNDES, com o dinheiro do FNE, do Fundo Constitucional, e essa ferrovia vai sair. Eu já ouvi críticas: “é muito dinheiro, é muito dinheiro”. A minha preocupação é sempre essa: não perguntem quanto eu vou gastar. Perguntem quanto o povo do Nordeste vai ganhar com aquela ferrovia.

Vocês sabem o que nós apanhamos pela transposição das águas. Não foi pouca surra que a gente tomou. “É um projeto inútil, é um projeto...” O cara que fala que é um projeto inútil é o cara que abre a geladeira e toma água Perrier gelada. Perrier é uma água francesa, chique. Nós tomamos da torneira mesmo, por isso temos barriguinha grande. Um pouco de verminose não faz mal a ninguém.

As pessoas não têm a dimensão do que é carregar um pote d'água na cabeça. Vocês viram que eu não tenho pescoço? Vocês sabem o sacrifício que eu faço para colocar uma gravata pela manhã, para levantar o pescoço? É de tanto carregar água. As pessoas não sabem o que é carregar uma lata d'água, por seis léguas, na cabeça. O cidadão só abre a torneira em casa e já toma banho, quente ou frio, abre a torneira da pia e lava... nem lava mais, porque tem uma tal de máquina de lavar louças, nem suja mais as mãos, joga lá dentro e liga a máquina. Mas uma coitadinha, que a água com que lava a louça é a mesma com que dá banho na criança, tira a gordura do prato e coloca na criança... Quem viveu isso sabe que esse canal de transposição é uma das coisas mais importantes que vai acontecer neste país, neste século XXI. E só vai acontecer porque nós temos um governo disposto a fazer. Primeiro eu coloquei o José Alencar para trabalhar o projeto, depois coloquei o companheiro Ciro Gomes. A gente tem que inventar briga. Depois, com muito carinho, a companheira Marina deu o licenciamento prévio. Na questão do



meio ambiente, nós precisamos tomar cuidado. Precisamos preservar a natureza, mas também precisamos preservar a espécie humana, porque se ela for proibida de tudo, ela morre.

O Nordeste brasileiro... nós queremos cuidar de todos os estados. Essa refinaria vai custar 11 bilhões de dólares. Imaginem o que isso vai significar de geração de empregos, a quantidade de indústrias que virão para cá. Ciro, vai sair a siderúrgica; Cid, vai sair a siderúrgica; Eunício, vai sair a siderúrgica. Eu nunca prometi siderúrgica aqui. Mas eu sei que em outros tempos foi prometido, foi assinado acordo, aquele negócio todo. Mas agora vai sair a siderúrgica. Podem ficar certos de que eu vou voltar aqui para anunciar a siderúrgica.

Da mesma forma, estamos fazendo isso nos outros estados, estamos tentando levar o desenvolvimento, porque na hora em que o Brasil for mais igual no seu desenvolvimento e na sua distribuição de renda, os estados mais ricos não perderão nada. Pelo contrário, terá mais consumidor aqui no Nordeste para consumir os produtos que não se produz aqui e vender mais, para lá, os produtos que vamos produzir aqui. Nós não estamos fazendo nada mais, nada menos, do que compreender que o Brasil tem 8,5 milhões de quilômetros quadrados, que tem brasileiros morando em toda a sua extensão, que tem 27 estados da Federação (26 mais o DF), e que o papel do governo é distribuir de forma justa e equânime as possibilidades de desenvolvimento, os investimentos na educação e o dinheiro do governo.

É por isso que se vocês andarem no Brasil, hoje, verão poucas cidades que não têm uma obra do PAC. Se olharem em Fortaleza, Recife, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, todas as principais obras são do PAC, em parceria entre o governo federal, governo estadual e prefeituras. Não olhamos partidos, não olhamos religião, não olhamos time de futebol. Se fosse assim, a cada vez que o Ceará ou Fortaleza derrotassem o Corinthians, eu cortaria o dinheiro que viria para cá. Não vou cortar porque sou um esportista



democrático.

Por isso, meu querido companheiro Cid, é uma alegria estar vivendo esta primeira hora com você, aqui. Eu já vi que hoje não vai ter almoço. Mas eu quero dizer que é um momento feliz para mim, é um momento feliz para os deputados que têm contribuído para que a gente possa aprovar as coisas no Congresso Nacional, mas sobretudo será um momento muito especial para o povo do Ceará.

Tudo isso que foi anunciado aqui da Petrobras, a refinaria e a siderúrgica, são obras que demoram de 4 a 5 anos para fazer. Senão, daqui a pouco está alguém na televisão, já agora para a eleição: “o Lula veio aqui falar, cadê? Não estou vendo nada”. Não vai ter nada agora, mesmo. Agora o compromisso é elaborar o projeto e o compromisso é que o Cid, que é muito jovem, vai me convidar, mesmo sem eu ser presidente, para a inauguração da refinaria e da siderúrgica, para fazer a primeira viagem no trem da Transnordestina e para tomar a primeira água da transposição.

Muito obrigado, parabéns ao povo do Ceará, e Deus queira que mais investimentos aconteçam aqui.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia comemorativa ao 20º aniversário da Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (CNTM)

Brasília-DF, 21 de agosto de 2008

Meu querido companheiro Lupi, ministro do Trabalho e Emprego,
Meu caro companheiro deputado Magrão, presidente da Federação dos Metalúrgicos de São Paulo,

Meu caro companheiro Eleno, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos,

Meu caro companheiro Antônio Fernando dos Santos Neto, da Central Geral dos Trabalhadores do Brasil,

Meu caro companheiro Grana, presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT,

Meu caro companheiro Paulo Pereira, da Força Sindical, e deputado federal,

Meu caro companheiro Medeiros,

Meus caros companheiros e companheiras dirigentes sindicais,

Meu caro Hargreaves, ex-ministro do governo Itamar Franco,

Meu companheiro... Estou vendo aqui o Jorge (inaudível) Neto, para os mineiros o tempo não passa,

Estou vendo aqui companheiros da velha e da média guarda,

Nossa querida presidente da Suframa, que está aqui.

Na verdade, eu não vou ler o discurso. O discurso é só se eu esquecer alguma coisa. Primeiro, a minha alegria de poder estar dirigindo umas palavras a vocês, como presidente da República.

Eu passei muito tempo no movimento sindical e trago na minha



bagagem de dirigente sindical a certeza de que construí muito mais amizades no movimento sindical do que inimizades. Naquele tempo, a gente não discutia muito se tinha dirigente sindical conservador ou não conservador, eu era amigo de todos, porque a amizade é uma coisa que eu prezo profundamente. Eu acho que a única coisa que a gente carrega com a gente é a relação de amizade que a gente fez.

Eu nunca me importei se alguém acusasse alguém de ser mais conservador, de ser mais esquerdista, não era essa a minha relação. A minha relação é uma coisa um pouco química: se eu olhar na cara da pessoa e gostar, ela será minha amiga, independentemente de qualquer coisa. E também nunca aceitei que alguém fizesse com que eu tivesse, antecipadamente, preconceito contra alguém: “Não vai conversar com fulano, porque ele não presta”. Isso, para mim, não vale. Pode não prestar para você, eu não conheço, então vou conversar para saber se presta para mim.

Isso me permitiu construir uma relação de amizade no movimento sindical, por todas as correntes do movimento sindical, quando eu era apenas presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, quando eu era presidente do PT e agora, como presidente da República. Não há nenhum companheiro que possa dizer que em algum momento houve qualquer discriminação minha na relação com os dirigentes sindicais brasileiros, antes, durante, e tenho certeza que depois.

Sempre, também, houve uma recíproca. Também os companheiros dirigentes sindicais das mais diferentes correntes sempre me trataram com carinho e com respeito, mesmo em momento de divergências. Por exemplo, quando queria fundar o PT, o Arnaldo Gonçalves era contra, porque naquela época ele estava muito engajado no Partidão, e ele achava que o Partidão era o Partido dos Trabalhadores. Mas nós nunca deixamos de ser amigos, nunca deixamos de conversar, de fazer as coisas juntos. Eu não consigo levar para a minha relação pessoal as divergências políticas. E eu acho que isso me fez me



sentir bem no meio dos dirigentes sindicais.

A segunda coisa, companheiros, é que nós estamos num processo de construção deste país. Sempre fico lisonjeado com os elogios. Eu tenho a nítida e a exata noção dos avanços que nós estamos tendo, mas também tenho a nítida e a exata noção de quanto nós ainda precisamos avançar para conquistar – se é que um dia os trabalhadores podem conquistar isso – a plenitude de uma relação de trabalho, em que as pessoas sejam respeitadas na sua integridade e na sua dignidade. Não é uma coisa fácil, e não me digam que tem regime político que resolve isso, que não resolve. É só andar pelo mundo, e eu andei muito, que a gente percebe que essa relação é complicada em qualquer regime político. Entretanto, as conquistas que nós já obtivemos ganham uma dimensão infinitamente maior porque nós somos uma geração de dirigentes sindicais de duas décadas perdidas.

Eu entrei no movimento sindical em 1969 como delegado de base lá na Villares, em São Bernardo, fui para a diretoria do Sindicato em 1972, para a executiva, e assumi a presidência do Sindicato em 1975. A minha geração não conheceu aumento real de salário, não conheceu momentos tão importantes, como o da criação de empregos, como nós estamos vendo hoje. A minha geração, e certamente a geração do Medeiros, era a geração que ia para a porta de fábrica chorar o número de desempregados que eram mandados embora todo dia. A nossa geração, e a do Arnaldo também, era a que reivindicava 80% de aumento de salário e voltava a trabalhar por 50% achando que era uma vitória. Depois de muitos dias de greve, depois de chegar de uma audiência no Tribunal Regional do Trabalho, e muitas vezes o juiz achava que a nossa pauta de reivindicação era comunista. Muitas vezes, a briga entre aqueles que concordavam – no meu caso, com a Federação dos Metalúrgicos de São Paulo... os que não concordavam eram tratados dentro do Tribunal como se fossem (inaudível).

Eu me lembro - e aqui possivelmente só tenha, daquela época, o Jorge



(inaudível) Neto e o Arnaldo – que em 1976 eu entrei com uma ação que foi julgada no Tribunal Superior do Trabalho, dizendo que a Federação não me representava. E por que eu dizia isso? Porque nós fazíamos uma pauta de reivindicação da categoria, convocava-se uma reunião de todos os sindicatos membros, e lá naquela reunião de dirigentes sindicais eles queriam mudar a minha pauta de reivindicação que tinha sido aprovada na assembléia. Eu não admitia, eu achava que a Federação deveria representar cada um, com a sua pauta de reivindicação, e brigar por todos. Até porque eu era de uma categoria mais avançada, do ponto de vista econômico, do ponto de vista da formação profissional. Enquanto alguns estavam reivindicando envelope de pagamento, naquele tempo, nós estávamos reivindicando melhoria na qualidade da alimentação, ônibus com ar-condicionado. Então, a gente não aceitava. Perdia (Inaudível). Quem não se lembra, aqui, do nosso saudoso amigo, com quem eu tive tantas divergências, mas também muito carinho, o advogado Sebastião de Paula Coelho. Ele muitas vezes ficava na briga, do lado da Federação, e eu contratava o Almir Pazzianotto, que tinha sido mandado embora da Federação porque tinha sido advogado do Marcelo Gato, que era tido como comunista do Sindicato de Santos. O Almir era meu advogado e o Coelho era advogado da Federação. E eu me lembro que nós viemos ganhar aqui uma coisa simples, Jorginho: (inaudível) quem representa os trabalhadores é o Sindicato.

Hoje, vendo vocês juntos aqui, eu acompanho o trabalho que vocês têm feito, eu ainda sonho que não seremos cinco ou seis centrais no Brasil, ainda sonho que nós vamos diminuir. Mas isso também não tem decreto lei, não tem portaria, nem medida provisória, isso é um processo. É um processo de aprendizado, é um processo de amadurecimento da consciência política do povo, que vai levando a gente a entender que nós estamos no mesmo barco, e se ele afundar, não há quem escape sozinho.

Então, essas coisas do passado que eu e outros companheiros vivemos, é possível contá-las ainda hoje, e em muitos lugares elas ainda persistem. O



Paulinho disse uma coisa importante, às vezes nós fazemos reunião dentro do Palácio do Planalto, e se tem muitas centrais e elas não se entendem, fica muito difícil querer que o presidente da República opte por uma. A questão dos trabalhadores rurais, se a Contag, a Fetraf e os Sem Terra não se entenderem, não sou eu que vou fazer a opção de tomar uma atitude e beneficiar uma, contra as outras. Eles que se entendam e me tragam uma proposta unificada, para que a gente possa bancar. A questão do Estatuto da Igualdade Racial, que está para ser votado no Congresso Nacional, eu disse na Conferência Nacional da Igualdade Racial que não adianta ficarem três ou quatro correntes do movimento negro, cada uma achando que a sua tese é a verdadeira, porque nem o Congresso votará e nem eu tomarei partido. Ou eles se juntam, aprendem a conversar, conciliam e escolhem uma coisa que pode unificá-los - e aí facilita para ser aprovado na Câmara, facilita para o governo apoiar - ou vão ficar sem o Estatuto.

Eu penso que vocês aprenderam rapidamente, muito rapidamente que juntos nós seremos infinitamente mais fortes. Divididos, qualquer um tira proveito da divisão para fragilizar o movimento sindical, no Brasil e em qualquer lugar do mundo.

Terceira coisa, meus companheiros, Eleno, não existe a prática de governantes receberem dirigentes sindicais, no mundo. Eu participei do G-8 agora, e participo todo ano porque já vi que ficou chique participar do G-8, mas você pega aqueles presidentes e nenhum deles nunca se reuniu com os dirigentes sindicais do seu país. Eu me reúno mais com os dirigentes sindicais deles do que eles. Por exemplo, se você perguntar se o presidente Bush já recebeu alguma vez os dirigentes sindicais, ele nunca recebeu. E toda vez que eu vou a Nova Iorque, eu me reúno com os sindicalistas americanos. Com os franceses é a mesma coisa, com os italianos, com os alemães, porque foi uma relação construída ao longo de 30 anos. Eu me lembro que a Confederação Nacional dos Trabalhadores da África do Sul pediu para ter uma reunião



comigo para se queixar de que o presidente da África do Sul não conversava com eles. Então, eu fui lá pedir ao presidente Mbeki, que é meu companheiro, para receber a Cosatu, que os companheiros só querem ajudar. Qual é o problema de um dirigente político que assume um cargo importante? É que aquilo que antigamente parecia suave aos seus ouvidos, fazendo críticas a quem estava no governo, passa a ser ofensivo quando você é o governo. As mesmas palavras que soam nos seus ouvidos quando é você que está falando, soam diferente quando é você que está ouvindo.

Eu sempre disse para os dirigentes sindicais: não tenham medo de reivindicar coisas para mim. Tem duas coisas: ou você pode dar ou não dar; ou você pode negociar ou não pode. Eu me comporto aqui como, tenho certeza, a maioria de vocês se comporta dentro do Sindicato. Não adianta vocês quererem que eu dê mais do que possa dar. Cada um de vocês é um pequeno governo dentro do Sindicato de vocês, e às vezes os funcionários não estão ganhando tão bem quanto vocês pensam que ganham. Muitas vezes, vocês não podem dar para os funcionários de vocês o que vocês acham que eu posso dar.

Como eu vivo essa realidade na carne e essa coisa permeia o meu sangue, eu não tenho nenhum problema em que qualquer companheiro faça qualquer reivindicação, a qualquer hora. Primeiro, porque não existe reivindicação proibida. Segundo, porque não existe reivindicação que não possa ser atendida, total ou parcialmente. Terceiro, se não der para atender, nós temos que dizer que não dá para atender, porque nós também temos limites. Como seres humanos, como administradores, todo mundo tem limite: pode dar ou não pode.

Essa é uma relação que eu quero manter com o movimento sindical, da mais alta cordialidade. Eu posso não ser muita coisa quando deixar a Presidência, mas certamente eu serei o presidente da República que passou para a história como aquele que mais teve relação com o movimento sindical,



sem perguntar a que central pertencia, para que time torcia, a que partido era filiado, ou se tinha votado em mim ou não. Nunca perguntei e nunca vou perguntar. Vocês serão sempre tratados com a deferência que a representatividade de vocês merece que eu os trate. No dia em que não merecer, com a mesma franqueza eu direi a vocês, não tenham dúvida disso.

O que eu acho importante neste momento que estamos vivendo? Falar de números de melhoria da situação do salário, do salário mínimo, da quantidade de empregos, seria repetir o que todos vocês têm discutido nas assembleias, têm publicado nos jornais de vocês. Mas é importante a gente pensar um pouco no que está previsto para nós nos próximos anos. Certamente, os companheiros que participam do Conselho de Desenvolvimento Econômico, no dia 28 nós vamos fazer um debate sobre a fotografia que nós queremos para este país até 2012 ou para os próximos anos. Vocês sabem que durante os últimos 23 anos nós tivemos momentos de muitos dissabores no movimento operário deste país e com os deserdados deste país. Eu diria que os prejuízos foram incontáveis. Eu diria mais, eu diria que esses milhões de jovens, que estavam deserdados esses dias - muitas vezes a gente vê um jovem sendo preso, com 20 anos, e a gente sentado no sofá assistindo, já o chama, de pronto, de ladrão, achando que ele é culpado por ser daquele jeito, sem levar em conta que essa molecada que caiu na criminalidade é o resultado da irresponsabilidade da qual foi vítima na sua infância, na sua adolescência e depois que ficou adulta. Das políticas econômicas que geraram desemprego, que geraram inflação de 80% ao mês, que jogaram milhões de jovens no desemprego, ninguém é culpado. O culpado é a vítima.

Eu tenho uma definição, por isso criamos o PAC. Eu recebi ontem, Lupi, uma notícia boa do ministro Pimentel. De 2 milhões e 600 mil trabalhadores com carteira assinada, em 2006, e uma parte em 2007, 21% são jovens de até 19 anos. E pasmem, que coisa importante: 42% são de jovens de 50 a 69



anos. Vejam que está havendo uma combinação, eu diria, quase perfeita. Eu também sou da geração do movimento sindical em que a gente dizia sempre: “o coitado, com 40 anos, já é considerado velho; o coitado, com 50 anos não arruma mais emprego”, nós somos dessa geração. E por que as empresas estão contratando hoje? Como o País passou 20 anos só desempregando, e agora ele já está há alguns anos só contratando, falta mão-de-obra qualificada.

E o que as empresas estão fazendo? Estão procurando aqueles que 15 anos atrás não tinham chance de trabalhar, porque eram velhos, para que possam adentrar o mercado de trabalho e exercer sua função. Esse é um dado, para mim, extraordinário, porque significa que quando a economia cresce – e ela cresce em todos os setores da sociedade de uma única vez, seja na construção civil, no setor têxtil, no comércio, na metalurgia – você começa a dar chance a todas as pessoas e a todos os segmentos. De vez em quando aparecem empresários e falam: “Presidente, está faltando engenheiro, está faltando engenheiro mecânico, civil, está faltando azulejista”, e eu falo que esse é um bom problema. Significa que agora a gente vai ter que formar, porque tem mercado para trabalhar. Antes não tinha mercado, não se formava, e era comum ver advogado vendendo água de coco na praia de Santos, ver engenheiro indo trabalhar em outros países. Hoje nós estamos contratando gente do Uruguai, da Argentina, porque está escassa a formação de mão-de-obra altamente qualificada neste país. Por quê? Porque não se pensou nisso nos últimos 22 anos. Vinte e dois anos é uma geração, é ver o filho da gente nascer e ficar com 20 anos sem ter oportunidade de trabalhar. Então, eu penso que esse é um problema que nós estamos resolvendo. Estamos resolvendo com formação profissional, com o ProJovem – o ProJovem Trabalhador, o ProJovem Campo –, estamos criando as condições para que possamos jogar no mundo do trabalho os milhões de jovens que passaram parte da sua vida esperando uma oportunidade.

Ontem, Lupi, eu fui a Quixadá, no Ceará, inaugurar uma fábrica de



biodiesel da Petrobras, a fábrica de biodiesel mais moderna do mundo, só a Petrobras poderia fazer. É uma fábrica em que se mistura óleo velho de cozinha – que era para ser jogado fora; depois de fritar o 15º bife tem que trocar o óleo, senão ele fica com gosto de óleo diesel – sebo dos frigoríficos, mamona, girassol, dendê. Você pode misturar tudo isso e jogar na usina, que vai sair na ponta um biodiesel de primeiríssima qualidade. No começo do programa, não podia misturar: era óleo de soja para um lado, óleo de mamona para o outro, óleo de dendê para o outro. Agora, não, agora pode misturar tudo. É a segunda que eu inauguro, e vou inaugurar a terceira em Montes Claros, Minas Gerais.

O que acontece com uma usina de biodiesel que vai produzir 57 milhões de litros de óleo por ano? No mínimo ela vai envolver 22 mil famílias agrícolas produzindo para ela. É uma coisa extraordinária, e vamos ter que produzir mais uma na Paraíba, uma no Rio Grande do Norte, uma em Sergipe, mais uma na Bahia, sem a preocupação de que haverá incompatibilidade entre a produção de alimentos e a produção de biocombustíveis.

Para resolver o problema dos alimentos, nós lançamos o programa Mais Alimentos, que vai financiar 25 bilhões de reais, pelo BNDES, para a agricultura familiar até 2010, para financiar 60 mil tratores e 300 máquinas, que nós chamamos de implementos agrícolas. Por que nós fizemos isso? Porque eu também acho que o problema não é mais só discutir se vai assentar mais ou menos famílias.

No governo passado, em oito anos, foram desapropriados 18 milhões de hectares de terras. É terra para caramba. Nós, em seis anos, desapropriamos 38 milhões de hectares, assentamos 501 mil famílias. Eu descobri que não adianta apenas assentar, é preciso assentar e não permitir que as pessoas continuem tão pobres como estavam antes, pois elas deixam de ser marginais na cidade e vão ser marginais no campo. Então, nós precisamos levar tecnologia e assistência técnica para que esse cidadão no campo possa dobrar



a produção, para acabar com esse conceito que muitas vezes nós, da esquerda, tínhamos, de que era preciso produzir a cultura de subsistência: o cidadão ter a terrinha e produzir a mandiocinha, a macaxeira, o milho só para comer.

Na verdade, nós queremos que ele plante, coma e venda muito para que aprenda a ganhar dinheiro, a ter acesso a bens materiais. Ele quer ter uma televisão, uma geladeira, um ar condicionado, uma motocicleta. Se for só na cultura de subsistência, ele não vai sobreviver. Jorginho, as indústrias de tratores deste país... fizemos um acordo com a Anfavea e vão reduzir 20% no preço dos tratores. Portanto, meu caro, vamos vender mais tratores do que já foi vendido em qualquer outro momento da história deste país.

A indústria vai crescer, porque é um conjunto. Vocês estão lembrados do que acontecia na construção civil neste país. Acho que tem alguém da construção civil aqui. Está acontecendo uma revolução neste país. Eu duvido que algum de vocês já tenha visto a quantidade de obras na cidade em que mora, como está vendo nesses últimos anos, e vai ver no ano que vem quando o PAC tiver sido implantado na sua totalidade.

Hoje nós temos, Paulinho, obras financiadas com o dinheiro do governo federal em todas as capitais brasileiras e em 5 mil e 200 dos quase 5 mil e 600 municípios brasileiros. O Estado adquiriu essa possibilidade de fazer investimentos. Possivelmente os outros não tiveram a mesma sorte que eu tive, porque o FMI andava com uma espada na cabeça de todo mundo. Era o FMI que dizia a política monetária que tinha que fazer.

Fui agora ao Congo. O presidente do Congo queria fazer uma estrada, o FMI foi lá e não deixou porque tem medo que, se ele gastar dinheiro com a estrada, não vá sobrar dinheiro para garantir o pagamento da dívida. Graças a Deus, com a ajuda de vocês e do povo brasileiro, nós não precisamos de nada disso. Mandamos o FMI embora e hoje temos 205 bilhões de dólares de reservas neste país.



Ainda temos que fazer muitas coisas. Temos que aperfeiçoar o nosso sistema democrático, fazendo a reforma política. Não é possível que não se entenda que é preciso fazer a reforma política neste país para dar maior representatividade aos partidos políticos e para que as pessoas tenham, efetivamente, a valorização do partido. Senão a gente não resolve o problema. Que a gente tenha um fundo eleitoral financiado, público, para evitar que os deputados e os vereadores fiquem na mão dos empresários. pedindo dinheiro para campanha, e depois fiquem dependendo do mandato. Tudo isso vai acontecer.

Nós estamos com um projeto de política de reforma tributária dentro do Congresso Nacional, para ser votado com uma certa urgência. Estamos criando um fundo garantidor para poder ter mais liberdade, inclusive para investir em empresas brasileiras, para comprar empresas de outros países. É importante que o Brasil tenha empresas multinacionais, é muito importante. Certamente, nós só iremos fazer isso se compreendermos que estamos no mesmo barco.

A nossa querida dona, em termos, da Zona Franca de Manaus, que está aqui, é testemunha... não sei se em algum momento ela vai falar para vocês. Quando nós tomamos posse, a Zona Franca tinha apenas 50 mil trabalhadores, e hoje já temos 120 mil trabalhadores na Zona Franca de Manaus.

Essas coisas todas vão acontecer e vão acontecer muitas mais, podem ficar certos. A indústria naval brasileira está recuperada, mas é preciso fazer muito mais. Nós temos condições de voltar a ser uma grande indústria naval no mundo, já fomos a segunda na década de 70. Só a Petrobras tem encomendas de 200 navios, 38 sondas e dezenas de plataformas que podem gerar milhares e milhares de empregos, e milhões e milhões de salários que queremos gerar neste país.

Dizem que eu tenho muita sorte, e graças a Deus eu tenho sorte.



Imaginem se a Seleção brasileira feminina tivesse tido sorte hoje. Jogamos melhor o tempo inteiro, demos um banho, mas tivemos azar: as americanas chutaram a bola e marcaram o gol. Então, como eu sou um homem de sorte, nós encontramos petróleo a seis mil metros de profundidade. Tem muita gente ouriçada: “O que vai acontecer com o petróleo? O governo quer não sei das quantas”. O governo não quer nada. O governo quer o seguinte: esse petróleo é do povo brasileiro. Esse petróleo não é da Petrobras, não é do Lula, não é de nenhum estado. Esse petróleo é de 190 milhões de brasileiros, e nós vamos fazer valer a idéia de que ele é nosso.

Daí porque eu disse que nós temos que utilizar esse petróleo para resolver um problema crônico de investimento na educação do nosso povo, para tirá-lo do atraso de 50 anos a que foi submetido. Ao mesmo tempo, utilizar uma parte desse dinheiro para resolver o problema dos miseráveis deste país, das pessoas que ainda não conquistaram sua cidadania. Já começou a melhorar.

Vocês sabem que eu fico feliz quando vejo o IBGE dizer: “cresce a classe média, cresce o salário, sindicalistas reajustam acima da inflação”. Tudo isso é o que eu sempre quis fazer como sindicalista e nunca consegui. Apanhava mais da polícia, o governo se metia muito nas greves. Hoje o governo não dá palpite. Querem fazer greve, façam. Eu passo aqui às vezes e os funcionários públicos estão me xingando. Pois bem, companheiros, xinguem-me, porque o direito de xingar foi uma conquista democrática deste país.

Tem os sindicalistas que pedem, e quando você atende eles não querem, porque acham que foram enganados. Tem também os covardes. O dirigente sindical covarde é aquele que tem coragem de subir no caminhão e decretar uma greve, e não tem coragem de acabar com a greve. É muito mais fácil blasfemar contra os outros do que assumir a sua responsabilidade.

Aqui, não. Essa turma que está aqui, todos que eu conheço, com a



mesma coragem com que decretam uma greve, no dia seguinte falam: “Companheiros, vamos voltar a trabalhar”. E voltam a trabalhar, às vezes até sendo xingados pelos trabalhadores, como eu voltei em 1979. Em 1979, eu terminei a greve sendo chamado de traidor. Eu dizia: estou fazendo isso porque acho que é o melhor para vocês. Demorou um ano para os trabalhadores compreenderem que estávamos certos.

Em 1980 eles me diziam: “nós agüentamos greve por dois anos, três meses, oito meses. Se o Sindicato deixar, a gente faz greve (inaudível)”. Então vocês vão fazer. Eu estava preso. O pessoal falava: “Lula, você tem que sair da cadeia (inaudível). Você precisa ver, nós precisamos acertar, a gente precisa conversar com o governo, você tem que deixar a cadeia para parar com a greve”. Eu falava: não, se depender de mim, eu fico preso oito meses e essa greve vai durar oito meses.

O que aconteceu? Quando chegou no 23º dia, as empresas começaram a mandar carta de abandono de emprego. Todo mundo sabe que quem vive de salário tem conta de luz para pagar, tem leite para comprar, tem aluguel. Não é isso? Aí, quando chega nessa hora, a bravata vai encolhendo e a razão vai crescendo. O cara fala: “Puxa vida, eu não era tão brabo quanto eu pensava, eu não tinha tanta força”. Os advogados iam lá: “Lula, pede para parar”. Não peço, agora vamos até o final. Conclusão: ficamos 41 dias, Jorginho. O que aconteceu? Foi a maior lição de sociologia política que aquela peãozada teve, porque todos me encontravam e falavam: “Puxa, Lula, você tinha razão em 1979. A gente não pode tudo, como pensava que podia”.

O dado concreto é esse... a vida prática... Eu vou contar esse último caso, para ir embora. O Grana se lembra de uma empresa (inaudível) chamada (inaudível). Estava em greve há 29 dias. O Vicentinho, aperreado. Quando a coisa começa a dar errado, o pessoal fica aperreado. Querem ver um dirigente sindical começar a perder o discurso, é o patrão não querer conversar com ele. Aí passa um dia, dois dias, 10, 15 dias, e ninguém conversa. Não tem mais o



que falar na assembléia, não tem mais promessas. O cara fica pedindo a Deus para ter uma janelinha para conversar.

Chamaram-me em (inaudível) São Bernardo, fui a um hotel e a negociação estava lá: essa empresa, os companheiros do Dieese e o advogado. Discurso, discurso e nada. O patrão era um alemão que eu tinha conhecido porque tinha sido ferramenteiro na Karmann ghia. E não negocia, não negocia... O pessoal me explicou a pauta de reivindicação, e eu pedi um tempo na reunião. Aí, Grana, fizemos um estudo.

O pessoal estava reivindicando 10% de aumento de salário. Isso era mais ou menos no mês de setembro. A data-base era em abril. Isso significa que eles tinham sete meses para ganhar o aumento de salário. A média de salário daquela época era de 450 reais. Vamos arredondar para 500. Então, significa que o companheiro estava reivindicando 10%, e ia receber 50 reais de setembro a abril, quando vencia a data-base.

Em sete meses, ele ia receber quanto? Trezentos e cinquenta reais, mais o 13º salário, mais 50 reais, dava 400 reais. Acontece que ele já tinha perdido 30 dias, então já tinha perdido o salário. Ele já tinha perdido as férias, parte do 13º salário e o Fundo de Garantia. Ele estava perdendo, na verdade, quase 800 reais, para conquistar 350. Eu falei: Vicentinho, a coisa mais inteligente que a gente tem que fazer é convencer esses trabalhadores que, se o empresário resolver não pagar os dias, eles vão ter (menos) do que os 10% que estão reivindicando.

Fomos para a assembléia às cinco horas da tarde. Mas é duro. Eu sempre marquei assembléia pela manhã. Não sei por que você marcava à tarde. Assembléia à noite, meu filho, lá naquela rua do Carmo, na rua João Bastos, em São Bernardo, era um inferno. O companheiro chega às cinco horas da tarde, a assembléia vai começar às dez, um cara oferece uma cerveja, o outro oferece uma caninha, e os companheiros vão esquentando o clima. Aí, meu caro, quando você chega à assembléia, está todo mundo... O



Guevara, perto deles, não é nada.

Eu fui às cinco horas da tarde. Com todo cuidado, eu falei: Vicentinho, tem que comunicar o pessoal com cuidado. Quando o Vicentinho abriu a boca para dizer “companheiros, nós estamos pensando...”, a peãozada: “Não. Aqui não vai ter traição. Não pode”. Eu falei: Vicentinho, vamos suspender isso, e amanhã às 7h da manhã a gente vem aqui. Fomos lá, levamos um quadro-negro – podia ser um quadro-branco, se tivesse giz negro – e falamos: “companheiros...” Vamos pegar um de vocês aqui como exemplo. Medeiros, venha aqui na frente. Quanto você está reivindicando? “Tanto”. Quando você ganha? “Tanto”. Então você vai ter 10% de aumento, o que vai significar tanto. Significa que você vai ganhar tanto até setembro. Eles concordavam. Colocava de um lado do quadro-negro. Agora vamos ver o outro lado. Você está em greve há 29 dias? “Estou”. Você sabe que já perdeu 30 dias? “Sei”. Quanto é 30 dias do seu salário? Você sabe que já perdeu o 13º? “Não”. Mas já perdeu. Você sabe o que já perdeu de férias? “Não”. Colocava lá e somava. Você sabe que já perdeu o dobro do que está reivindicando?

Companheiros, a sugestão de bom senso... Eu não sou dirigente sindical, estou afastado do Sindicato, mas vim aqui dizer para vocês: pelo amor de Deus, gente. A grande conquista de vocês é voltar a trabalhar, e o empresário não descontar Fundo de Garantia, não descontar férias, pagar os dias parados. Vocês vão ganhar o dobro do que estão reivindicando. Todo mundo concordou. Tinha uma outra reivindicação: o patrão não podia mais ser chamado de nazista, porque é como eles o chamavam. Eu falei: vocês façam disso um compromisso. Fizemos o acordo, festa, todo mundo compreendeu. No dia seguinte me liga o patrão: “Está suspenso o acordo, Lula”. Por quê? “Porque eu cheguei aqui e tinha uma faixa me chamando de agente do nazismo”. Toca voltar para a porta da fábrica e negociar.

Estou contando esse caso porque vocês já passaram por isso. No meu Sindicato teve um momento em que a gente recusou um acordo de 14%,



fizemos uma greve de 15 dias e, depois de 15 dias aceitamos os 14% e a peãozada gastou tudo pagando cerveja para nós, tal era a alegria.

Eu penso que essa habilidade... Acho que o movimento sindical hoje... De vez em quando eu vejo notícias: “o movimento sindical no tempo do Lula era mais forte”. Não é verdade. O movimento sindical, naquele tempo, era de outro tipo porque a gente trabalhava muito com a emoção. A gente não tinha muita organização, era muito mais emoção, era muito mais enfrentamento político na porta de fábrica. Hoje não. Hoje você vai a sindicatos pelo país, eles estão tão organizados, que nem precisam convocar assembléia para decretar greve. A comissão de fábrica decreta a greve. Eu ficava um mês me esgoelando na porta de fábrica, xingando todo mundo. Depois que você xinga é difícil, porque vai conversar e o cara fala: ‘não, você me xingou’.

Eu penso que vocês tiveram uma evolução extraordinária. Hoje vocês vivem num mundo muito mais fácil para fazer sindicalismo, com um agravante. Eu comecei dizendo que a minha geração não tinha tido nenhuma conquista de aumento de salário. Vocês pertencem à geração que já conquistou e que pode conquistar muito mais. Não existe, na história do sindicalismo universal, momento de crise em que o trabalhador ganhe. Em momentos de crise, o trabalhador coloca o rabinho no meio das pernas e fica pedindo a Deus para não ser mandado embora. A hora de brigar é esta. A economia está crescendo, as empresas estão crescendo, e esta é a hora de brigar, de reivindicar.

Eu disse, Paulinho, naquele encontro com os dirigentes sindicais: não me peçam para fazer medida provisória reduzindo a jornada de trabalho. Essas coisas, também, é importante aprender a conquistar, porque é importante politizar a sociedade. Eu acho que os dirigentes sindicais já devem estar fazendo isso. Na porta das fábricas, tem que pegar assinaturas, fazer um projeto de lei de iniciativa popular, e dar entrada no Congresso Nacional. Depois, os próprios trabalhadores que assinaram, se sentem moralmente comprometidos a irem ao Congresso Nacional conversar com os deputados,



pedir para eles.

Para terminar, quero dizer o seguinte: eu estou convencido de que nós vamos avançar muito mais nesses dois anos. Penso que se a gente continuar com essa relação, levantando os problemas, discutindo, e criar as condições, Paulinho... O problema é criar as condições.

O jogo político é complicado. Não basta ter maioria ou ter razão. É preciso que se tenha sempre a capacidade de convencer. Às vezes um companheiro está bronqueado porque nos encontrou em um lugar e a gente não falou “bom dia” ou “boa tarde”. A gente não viu e ele acha que a gente está... É um jogo. Isso é como um casamento. Você é casado e sabe: todo santo dia você tem que tentar ganhar a sua mulher, todo dia. É uma sobrevivência. Vocês sabem que, nessa dança, o homem é a parte mais frágil. Quem é do Pará aqui? A dança do carimbó é um pouco isso, é a dança da conquista.

Penso que, se a gente continuar fazendo essas danças harmoniosas, sem submissão, mas com autonomia, que eu acho que vocês têm que ter... e não abram mão dela. Jamais vou pedir, em nome da minha amizade com algum de vocês: não reivindicuem isso porque vai prejudicar o governo. Não vou. Mas, quando for necessário, vou argumentar da inconveniência ou não de um gesto.

Se a gente fizer isso, as chances de evoluirmos são muito grandes. Se Deus quiser, Paulinho, Eleno, Grana e companheiros... temos que preparar a caminhada para 2010 no momento certo. Eu estou convencido, tenho dito isso, de que temos condições de fazer a nossa sucessão, em nome de tudo o que já fizemos e em nome de tudo o que vamos fazer até 2010. Vão acontecer muito mais coisas e, portanto, vai haver muito mais melhorias na vida do povo trabalhador deste país.

Quero, companheiro Eleno, lhe dar os parabéns pelo encontro. O companheiro Juruna insistiu para que eu estivesse aqui presente, para eu



arrumar um horário na agenda. Quero agradecer a cada um de vocês e dizer o seguinte: nós temos muito trabalho pela frente, a adversidade está aí à nossa porta, as coisas não acontecem com facilidade. O que está acontecendo com o Paulinho já aconteceu com outros. A única coisa que eu peço para todo mundo: na hora em que a dificuldade entrar pela nossa porta, não joguemos a nossa dignidade pela janela. O direito de andar de cabeça erguida é uma coisa que não tem preço, e nós conquistamos isso. Eu me lembro, em 1978, quando falei: nunca mais ousem duvidar da capacidade da classe trabalhadora brasileira.

Eu vivo, meu caro Jorginho, 24 horas do dia tentando provar que sou mais capaz do que eles. Todo santo dia. Por quê? Porque qualquer um que for presidente neste país e der errado, não acontece nada. Volta para a universidade, vai dar curso não sei onde, vai para qualquer lugar. No meu caso, se não desse certo, iria levar 500 anos para o trabalhador pensar em ser presidente da República deste país. Então, eu trabalho todo santo dia, não com a idéia de ser melhor do que quem quer que seja. Mas trabalho todo santo dia para, quando a gente for fazer o balanço final, poder comparar com 500 anos de história e saber quais os momentos que a classe trabalhadora conquistou. Aí, sim, ela vai começar a balizar melhor as suas referências. Estou certo de que todos nós estamos aprendendo muito com o momento que estamos vivendo.

Meu caro Eleno, parabéns, boa sorte neste encontro. Medeiros, Paulinho, Grana, Lupi, boa sorte. Todos vocês, companheiros, saibam do seguinte: vocês têm mais do que um presidente da República no Palácio do Planalto. Vocês têm lá um companheiro, e companheiro é coisa séria porque é a gente que escolhe.

Um abraço e boa sorte.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o
18º Congresso Brasileiro de Contabilidade**

Gramado-RS, 26 de agosto de 2008

Senhora governadora do estado do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius,
Senhores deputados aqui presentes,

Meus caros ex-governadores do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra e
Germano Rigotto,

Meu caro Pedro Henrique Bertolucci, prefeito de Gramado, em nome do
qual saúdo os prefeitos e as prefeitas aqui presentes,

Ministro Augusto Nardes, do Tribunal de Contas da União,

Secretários do estado,

Secretários municipais,

Meu caro companheiro Nelson Machado, secretário-executivo do
Ministério da Fazenda,

Nossa querida Maria Clara Bugarim, presidente do Conselho Federal de
Contabilidade,

Meu caro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,

Meu caro companheiro Antônio Trevisan, presidente da Organização
Não-Governamental Ação Fome Zero,

Meu caro Rogério Rokembach, presidente do Conselho Regional de
Contabilidade do Rio Grande do Sul, em nome do qual saúdo os demais
presidentes de Conselhos Regionais aqui presentes,

Meu caro Valdir Pietrobon, presidente da Federação Nacional das
Empresas de Serviços Contábeis,

Senhoras e senhores participantes do 18º Congresso Brasileiro de
Contabilidade,

Jornalistas presentes,



Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, a alegria de estar presente neste dia de hoje e pedindo desculpas por não ter vindo no domingo à noite. Vocês sabem que o presidente... O pessoal da segurança tem um cuidado especial com o presidente e, então, disseram que não era prudente eu vir, por causa do helicóptero. Mas, graças a Deus, o tempo melhorou e vocês vão poder, à noite, ver o céu azul desta região serrana do Rio Grande do Sul. Vocês vão ficar agradecidos por terem participado deste 18º Encontro aqui, nesta cidade extraordinária do Rio Grande do Sul, e neste estado, que é um estado singular também para o nosso País.

Eu preciso fazer esse comunicado porque saiu publicado no Diário Oficial da União hoje, o Nelson vai falar amanhã, e quando ele for falar, a notícia já estará velha. É o seguinte: foi publicada no Diário Oficial da União, hoje, a portaria do Ministério da Fazenda determinando ao Tesouro Nacional participar, com o Conselho Federal de Contabilidade, do processo de análise e busca da convergência internacional das normas de contabilidade aplicadas ao setor público. Isso, certamente, é uma conquista de vocês. Não é à toa que o Nelson já virou padrinho, em tão pouco tempo aqui.

Não se impressionem com a quantidade de papel, porque as letras são grandes. Vocês sabem que depois dos quarenta a gente começa a enxergar menos, depois dos cinquenta menos ainda, depois dos sessenta menos ainda. Aí, ao invés de usar óculos, para mostrar que a gente não está usando óculos, a gente então disfarça com umas letras maiores e o volume de papel fica bem grande. Mas o discurso é pequeno.

Este é um grande evento que reúne profissionais indispensáveis ao bom funcionamento da economia e da sociedade. Participar, portanto, deste Congresso Brasileiro de Contabilidade é uma oportunidade excepcional para mim, como brasileiro e como presidente da República.



Os números que expressam a força e a importância da classe contábil são impressionantes: mais de 400 mil profissionais que atuam em cerca de 67 mil escritórios no Brasil e são fundamentais para qualquer atividade econômica pública ou privada.

Quero começar destacando o fato de que o Conselho Federal de Contabilidade, pela primeira vez em mais de seis décadas de existência, é hoje presidido por uma mulher, e aí, uma preocupação especial: as mulheres estão com a bola toda. Como se não bastasse as mulheres darem o banho que deram nas Olimpíadas, mesmo quando perderam, como a nossa seleção de futebol feminino, elas foram consideradas melhores do que as suas competidoras.

Portanto, minha querida Maria Clara, meus parabéns. Espero que outras mulheres, e mais outras, comecem a ocupar cada vez mais cargos públicos, tenham cada vez mais importância na administração das empresas, porque assim a gente vai, de uma vez por todas, diminuir o preconceito de gênero que existe no Brasil. Pelos aplausos que você recebeu, eu não sei se os homens que presidiram a entidade por 60 anos foram melhores do que você. Portanto, você está quebrando um paradigma existente, e Deus queira que seja seguido pelos outros. Por isso receba, minha querida Maria Clara Bugarim, os meus especiais parabéns pelo cargo pioneiro que exerce e por ser uma das grandes responsáveis por reunir mais de 5 mil e 600 profissionais de Contabilidade em Gramado.

Meus amigos e minhas amigas,

Quando recebi o programa deste evento, pude perceber a preocupação de vocês com dois temas de importância fundamental para mim: educação e responsabilidade social. Fico feliz em saber do interesse que esta categoria dedica à educação contábil brasileira, tema que será abordado em três fóruns durante este evento, que tem a participação de mais de mil professores da área.



Constato que a temática de responsabilidade social também ganha espaço, o que demonstra profunda atenção com os brasileiros mais carentes. Neste particular, quero registrar meu entusiasmo e o de minha companheira Marisa pela decisão que vocês tomaram de abraçar a causa da merenda escolar como principal programa do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Contabilidade.

Quero também lembrar a contribuição dos profissionais de Contabilidade com a transparência e a simplificação dos processos administrativos financeiros, contábeis e fiscais, observadas na elaboração da Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas, sancionada em 2006. Essa Lei, como vocês bem sabem, estabeleceu normas diferenciadas para as micro e pequenas empresas, e abriu novas oportunidades para que um número cada vez maior delas possa participar, de maneira especial, da economia brasileira. Como resultado desse protagonismo, surgem novas oportunidades de trabalho para a classe contábil.

O grande impulso para os contabilistas, contudo, é o mesmo que está consolidando um novo patamar para a economia brasileira, e o nome desse impulso é desenvolvimento sustentável. Nossa produção cresce de forma sólida e constante há 25 trimestres consecutivos, e isso vem ocorrendo em um ambiente de inflação baixa e sob controle, dando ainda mais fôlego para a criação de empregos e a distribuição de renda.

Só para termos uma idéia do que essa mudança significa, devemos lembrar que, desde 2003, foram criados mais de 9 milhões e 500 mil empregos formais no País. Se considerarmos também as novas ocupações informais, esse número ultrapassa 11 milhões e 500 mil pessoas.

A grande verdade é que o brasileiro está vivendo melhor. De 2003 para cá, a pobreza nas regiões metropolitanas caiu de 35% para 24%, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-Ipea, e, pela primeira vez em nossa história, a maior parte dos brasileiros passou a pertencer à classe média.



Segundo a Fundação Getúlio Vargas, 44% de nossa população era de classe média em 2002. Hoje, esse índice chega a aproximadamente 52%.

Tudo isso significa que o comércio, a indústria e a agricultura estão aquecidos como há muito tempo não ocorria no nosso país. Cresce o número de empresas e mais negócios são realizados a cada ano. Todo esse novo ambiente exige processos contábeis velozes e eficientes e, é claro, profissionais preparados para dar sustentação a um novo e virtuoso ciclo de nossa economia.

Minhas amigas e meus amigos,

No que se refere à melhoria dos processos e das transações dos negócios, baixei, em janeiro de 2007, o Decreto 6.022, que trata do sistema público de escrituração digital. Essa sistemática faz parte do Programa de Aceleração do Crescimento-PAC, e se constitui em um novo avanço na informatização da relação entre o Fisco e o contribuinte. O sistema traz benefícios às empresas e à sociedade, com a redução de custos, a dispensa de emitir e armazenar documentos, e a eliminação de papel. Além disso, racionaliza e simplifica as obrigações tributárias.

Outro fato relevante para a classe contábil foi a sanção da Lei 11.638, de 28 de dezembro de 2007, que incorpora o Brasil ao processo de harmonização das normas e práticas contábeis mundiais. Essa alteração, cujo Projeto de Lei tramitou por sete anos no Congresso Nacional, propicia o alinhamento às Normas Internacionais de Contabilidade adotadas em mais de cem países. Possibilita, também, o aumento do fluxo de investimentos internos e externos para o capital produtivo e dá transparência às sociedades de grande porte, submetendo-as à auditoria independente.

É certo que essa Lei deve mobilizar um grande contingente de contabilistas no auxílio às empresas que necessitam de apoio para se ajustarem aos padrões internacionais. É um grande desafio também para os cursos de Ciências Contábeis, porque devem formar contabilistas capacitados



para essa nova missão, e eu confio que vocês estão preparados para dar conta desse recado.

O envio, ao Congresso Nacional, do projeto de reforma tributária neste ano de 2008 também busca simplificar e racionalizar o complexo sistema tributário brasileiro. Boa parte das medidas encaminhadas incorporou sugestões da classe contábil, que tem sido extremamente ativa na difícil tarefa de interpretar o complexo sistema fiscal brasileiro e de garantir que contribuintes executem a sua obrigação tributária de forma legal e eficaz.

Quero destacar duas grandes reivindicações feitas ao governo federal que já foram atendidas. As empresas de contabilidade já podem se beneficiar do sistema tributário simplificado, por meio do Super Simples, e terão suas alíquotas reduzidas com a sua inclusão em uma tabela com menores custos.

Aqui, vou aproveitar, antes de falar ao final, que o companheiro... Obviamente que eu pedi autorização ao companheiro Nelson Machado, porque no fundo, no fundo, ele que vai prestar contas ao Guido Mantega. Vocês precisarão ser enquadrados no Simples-Anexo III, porque eu acho que isso... Essa notícia, na verdade, era para o Nelson dar amanhã, mas como quem deve bater o pênalti num time de futebol é o presidente, o Nelson não vai ter notícia ruim para dar amanhã, essa ele não vai poder dar mais.

Minhas amigas e meus amigos,

Como vimos, a interlocução entre o governo federal e a classe contábil gerou, nos últimos anos, uma série de resultados extremamente positivos. Quero conclamá-los, portanto, a aprofundar ainda mais esse diálogo e a continuar nos trazendo as suas propostas. Estou certo de que muitos temas que vão ser debatidos neste Congresso resultarão em material significativo para o planejamento e a elaboração das políticas públicas.

É o caso, por exemplo, da contabilidade pública, sobre a qual está sendo realizado um fórum específico aqui em Gramado. Neste particular, adianto aos senhores que nosso governo está totalmente aberto para receber as



contribuições que daí surgirem, até porque trabalhamos atualmente na revisão de todo o modelo contábil público brasileiro.

Da mesma forma, temos muito interesse na discussão que será feita aqui sobre o modelo da avaliação do custo público. Contar com as boas metodologias deste tipo, afinal, nos permite saber de forma apurada qual é a eficiência das políticas públicas e, com isso, empregar os recursos de forma adequada.

Por fim, quero dizer que em audiência com os representantes da classe da contabilidade recebi o anteprojeto de lei para alteração da Lei 6.925, de 1946, e do Decreto-Lei 1.040, de 1979, que tratam da profissão contábil no Brasil. Fui informado de que esse anteprojeto foi elaborado por uma comissão nacional composta por profissionais de vários estados da Federação e que foi exaustivamente debatido em audiências públicas até ser aprovado no plenário do Conselho Federal de Contabilidade.

A proposta reflete, portanto, a busca da classe contábil brasileira pela modernização da profissão e o anseio por uma maior participação no desenvolvimento econômico e social do nosso país. Por isso, decidi solicitar à minha assessoria e, certamente, o Nelson Machado estará presente – ele, como é padrinho, não pode negar nada a afilhado. Por isso decidi solicitar à minha assessoria que analise a possibilidade de encaminhar esse projeto como iniciativa do Executivo Federal, para que tenha trâmites mais céleres, como é o desejo de vocês.

A classe contábil brasileira é fundamental para o desenvolvimento do empreendedorismo e da economia brasileira. Sua profunda competência técnica possibilitou a adesão de cerca de três milhões de empreendedores ao Super Simples. A cada mês, 20 mil novas empresas vêm sendo incluídas nesse regime tributário. Tenho certeza de que todos os contabilistas e técnicos em contabilidade, representados neste grande evento, continuarão levando conhecimento de qualidade e inovação a todos os empreendedores do Brasil,



fortalecendo a nossa economia e ajudando a criar um país cada vez mais rico de oportunidades.

Meus amigos e minhas amigas,

Não pensem que vou acabar, eu preciso dar mais duas palavrinhas com vocês. Primeiro, quero pedir o apoio de vocês. Nós estamos com uma proposta de política tributária no Congresso Nacional. Eu acredito que a política tributária é uma das coisas mais importantes, necessárias e prioritárias que tem que acontecer neste país. Nós precisamos acabar com a guerra fiscal neste país. Precisamos garantir que a tributação brasileira seja mais eficiente e mais justa para cumprir um sonho que todos nós temos, de fazer com que as pessoas paguem menos impostos, mas todos paguem – e não apenas uns paguem e outros não paguem.

Vocês sabem que política tributária é uma coisa que todo mundo deseja, todo mundo fala, todo mundo faz discurso, todo político em campanha promete, todo deputado, todo senador, todo presidente, todo governador, todo prefeito, todo vereador, todo jornalista escreve e é favorável. Ela está lá, foi pactuada com todo mundo. O companheiro Rigotto participa de uma comissão especial junto com o Toninho Trevisan. Tem empresários grandes e pequenos, sindicalistas, gente de igrejas participando do nosso fórum que constrói essa política tributária, mas quando a gente chega ao Congresso Nacional – todo mundo é favorável, todo mundo concorda – ela começa a ter problemas.

Eu queria pedir a colaboração de vocês. Penso que temos condições de aprová-la até o final deste ano se houver um trabalho muito sério de todos nós. Se houver um trabalho sério, é possível aprovar e mudar um pouco a página da discussão política neste país. Não falaremos mais em política tributária e vamos falar em outras coisas. Então, eu queria pedir o apoio de vocês: conversem com os deputados, com os senadores que vocês conhecem, mostrem... Se não conhecerem o projeto, mandem um e-mail para o Nelson Machado, que ele manda o projeto para vocês, porque ele também tem



responsabilidade por ter feito... O Conselho de Desenvolvimento Social também pode contribuir com os debates.

Uma outra reforma que nós queremos fazer é a reforma política. Não é possível que não se entenda que o Brasil precisa fazer uma reforma política para dar legitimidade aos partidos políticos, que se acabe com essa história de os políticos viverem correndo atrás de empresários e mais empresários para financiarem sua campanha, e depois terem que pagar a conta. Na verdade, a melhor forma seria o financiamento público da campanha. Nós achamos que não é o Poder Executivo que tem que fazer, isso é uma coisa da sociedade, dos partidos e do Congresso Nacional. Nós estamos dando a nossa sugestão para que isso seja levado em conta no debate.

Por último, meus amigos e minhas amigas, depois desta condecoração que recebi aqui, acho que já posso até chamá-los de companheiros e companheiras. Agora eu fui aplaudido, mas no começo dos anos 70, se chegasse em algum lugar e falasse “companheiros e companheiras”, alguém do meio já gritava: “comunista”. Agora somos todos companheiros.

Eu queria mais 30 segundos para dizer a vocês da minha crença e do porquê eu sou o brasileiro mais otimista neste momento da história do Brasil. Penso que vocês sabem perfeitamente bem – nos escritórios de contabilidade de vocês – que a situação no Brasil melhorou, e melhorou muito. Deve ter muito mais gente procurando um contabilista para pedir assessoria. Na hora em que um cidadão vira contribuinte, paga o seu Imposto de Renda e pode montar um pequeno negócio, o primeiro lugar que ele vai procurar é – o Paulo pensa que é o Sebrae – um escritório de contabilidade.

Vocês devem estar acompanhando o momento excepcional que vive a economia brasileira. Certamente, trabalhamos com a convicção de que nem tudo está acabado, de que nem tudo está pronto e que tem muita coisa por fazer. Agora mesmo, neste bom momento que vivemos, a economia americana dá sinais de crise e até de recessão. Até agora, não chegou ao Brasil. A



Europa começa a dar sinais de crise também, por conta da crise americana, com uma certa diminuição no ímpeto do crescimento em vários países europeus. Certamente que isso tudo pode resvalar no Brasil, na medida em que o Brasil tem uma política comercial muito forte com esses países.

Entretanto, temos um cenário novo na economia mundial que é a ascensão dos chamados países emergentes, sobretudo os chamados BRICs, de que fazem parte Brasil, Rússia, China e Índia. A Índia, que está... e a China que vive um momento muito importante, de crescimento econômico. Na América do Sul, um momento importante do crescimento da economia.

Hoje eu dizia, numa reunião, que se nós conseguirmos estabelecer uma boa relação, procurando novos parceiros, nós poderemos não sofrer as conseqüências de uma possível recessão nos Estados Unidos, se levarmos em conta países que podem comprar produtos manufaturados do Brasil e, ao mesmo tempo, se explorarmos corretamente o potencial do mercado interno brasileiro, que ainda é muito grande, e ainda não tem muita gente participando desse mercado interno.

Portanto, para vocês terem consciência, na quinta-feira nós vamos fazer um grande encontro em Brasília, onde vamos tentar mostrar uma fotografia do que está acontecendo no Brasil. Uma fotografia, porque o dado concreto é o seguinte: quando o anúncio é feito individualmente, de uma empresa que vai fazer um investimento de um bilhão, de dois bilhões, isso não tem nenhuma repercussão na imprensa, a imprensa não dá nem uma notinha. Agora, se em vez de o empresário ir anunciar o investimento de um bilhão de dólares num negócio novo, ele fosse me avisar que a sua empresa, de 30 empresários, vai mudar para a Argentina, aí a manchete seria assim: “Desindustrialização do Brasil”.

Então, eu quero pegar todas as coisas que estão acontecendo no Brasil e mostrar, para que o povo brasileiro e para que a imprensa brasileira saibam o que está acontecendo neste momento. Se aqui tem gente representando todo



o território nacional, vocês são testemunhas de que não tem qualquer capital deste país que não tenha um conjunto de obras do PAC, que vai gerar mais emprego e mais dinheiro no próximo ano e portanto, melhoria das condições de vida das pessoas.

Hoje nós temos obras do governo federal em mais de 5.200 municípios brasileiros. Isso, há muitas décadas não acontecia. Só para vocês terem idéia, faz mais de 23 anos que o Brasil não construía um alto-forno. Agora, nós temos seis siderúrgicas novas anunciadas, inclusive uma na sua terra, viu, Maria? Lá em Fortaleza, lá em Pecém.

Há 18 anos, Olívio Dutra e meu caro Rigotto, não se construía no Brasil uma nova fábrica de cimento. Cimento e ferro, que são imprescindíveis, sobretudo para o setor da construção civil. Imaginem o que é um país passar 18 anos sem construir uma nova fábrica de cimento, e um país passar 23 anos sem construir um novo forno. Significa que nós passamos praticamente 20 anos com a economia atrofiada.

Isso, agora, um pouco que desabrochou. Nós temos tanta sorte, não foi de graça, porque teve muito investimento em pesquisa e decisão de governo para que isso acontecesse: a gente descobriu o pré-sal. O pré-sal é um novo momento da independência do nosso país. Não sei quantos barris de petróleo nós temos, a sete mil metros de profundidade. Só sei que é muito mais, Governadora, do que as reservas atuais que o Brasil tem. Nós vamos aproveitar esse petróleo não para virarmos exportadores de petróleo. Não. Nós queremos aproveitar esse petróleo para recuperar a indústria naval brasileira, fazendo os estaleiros que faltam fazer pelo país afora, construindo os navios e as sondas que precisam ser construídos.

Cada sonda, que é aquele navio que vai para o meio do mar para tentar fazer o primeiro furo, custa 700 milhões de dólares. E o Brasil vai ter que produzir 38 sondas, fora as plataformas e fora 200 navios que nós temos que comprar, petroleiros e navios de apoio, para poder fazer fluir essa riqueza que



encontramos lá embaixo. Em vez de sermos vendedores de óleo cru, queremos vender produtos de valor agregado, ou seja, vamos produzir refinarias para produzir gasolina premium, exportar para a Europa, para os Estados Unidos, exportar óleo diesel premium. Não vamos ser exportadores de óleo cru.

O mais importante de tudo isso... Aqui no Rio Grande do Sul, por exemplo, na cidade de Rio Grande, a P-53 está para entrar no mar. A P-53, que é uma plataforma feita no estaleiro de Rio Grande, está para entrar no mar este mês. Qual é a minha preocupação? O que virá no lugar dela. Senão, você faz a festa de despedida de uma grande plataforma que gerou milhares de empregos em Rio Grande e é a triste partida: a plataforma parte e não fica nada no lugar, vai ficar desemprego para os trabalhadores. Nós estamos trabalhando fortemente com a Petrobras para que a gente possa, ao tirar a P-53, colocar alguma coisa no lugar para manter os trabalhadores em Rio Grande e não permitir que tenha desemprego.

Essa coisa do pré-sal, vamos começar na semana que vem. No dia 2, vamos ao Espírito Santo tirar o primeiro pouquinho de barril lá, por volta de 10 a 15 mil barris. Em março, vamos tirar mais do poço de Tupi. Em tudo isso, vai acontecer uma coisa fantástica. Tudo isso vai gerar mais garantias na estabilidade econômica deste país, as pessoas vão olhar o Brasil com muito mais respeito do que já olham, vai surgir muito mais dinheiro, conseqüentemente mais empresas, e mais e melhores salários. O que vai sobrar em tudo isso? Conseqüentemente, mais empregos nos escritórios de vocês.

Por último, a questão da educação, da formação profissional na categoria de vocês. Eu não sei se vocês sabem, até o dia 31 de dezembro de 2010 vamos concluir no Brasil dez universidades federais e 88 novas extensões universitárias. Vamos fazer uma universidade específica para a América Latina, com currículo, professores e estudantes latino-americanos.



Vamos fazer, na cidade de Redenção, no Ceará, uma universidade afrodescendente, metade africana e metade brasileira, para que a gente possa ir, aos poucos, pagando a nossa gratidão – já que não podemos dar em dinheiro, vamos dar em formação profissional – aos serviços que os africanos, durante 300 anos, produziram neste país, quando eram homens livres lá e chegavam aqui como escravos.

O mais importante – é o desafio que estou fazendo para a nossa querida presidente – é que vamos convidá-la para ir a Brasília, Toninho Trevisan, se sentar junto com o nosso ministro da Educação, para a gente ver, nessas novas universidades e escolas técnicas que estamos fazendo, o grau de participação que a categoria pode dar para formar milhares e milhares de pessoas neste país, para fazer crescer ainda mais a contabilidade no País.

Por último, quero agradecer o carinho de vocês. É sempre muito bom ser bem tratado. Eu gosto e vocês gostam, e isso é extremamente importante. Quero agradecer a presença da Governadora, dos ex-governadores, do Prefeito, e dizer para vocês que se eu soubesse que seria tão bom assim, teria vindo a pé num domingo e iria embora no outro domingo.

Muito obrigado, e que Deus abençoe cada um de nós.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva sobre os investimentos no País, durante reunião ampliada do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES)

Palácio do Planalto, 28 de agosto de 2008

Quero pedir a todos os companheiros, convidados e convidadas, para se colocarem de pé para um minuto de silêncio em homenagem ao dr. Olavo Setúbal. Obrigado.

Meu caro companheiro vice-presidente da República, José Alencar,
Meu caro senador Garibaldi Alves, presidente do Senado Federal,
Meu caro deputado Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Meu caro José Múcio Monteiro, ministro de Relações Institucionais, e nossa querida companheira Dilma, ministra-chefe da Casa Civil, por meio dos quais quero cumprimentar todos os ministros aqui presentes. Não sei por que o Lobão está perdido, fora da bancada de ministros.

Quero cumprimentar os senadores e as senadoras, os deputados e as deputadas federais presentes,

Quero cumprimentar Marcelo Déda, governador do estado de Sergipe,
Quero cumprimentar Luciano Coutinho, presidente do BNDES,
Quero cumprimentar José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,
Quero cumprimentar o professor Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas,

Quero cumprimentar cada empresário, cada trabalhador, cada membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social,

Quero cumprimentar os amigos da imprensa.

Antes de começar o meu discurso, quero explicar para vocês por que nós estamos fazendo este ato de hoje. Eu fui a Portugal, no mês passado.



Fomos anunciar um investimento da Embraer em Portugal: 57 milhões de dólares. O discurso que as autoridades portuguesas fizeram me dava a impressão de que nós estávamos investindo 570 bilhões de dólares. Eram só 57 milhões de dólares, mas era um pouco da imagem do brasileiro feliz com o futuro. Na verdade, eles estavam imaginando que a Embraer estava apenas colocando a ponta do pé dentro de Portugal, e que ela pode, no futuro, fazer novos investimentos.

Depois, viajando para a China, eu falei: por que é que no Brasil nós não fazemos isso? Por que é que nós não damos ao conjunto da sociedade brasileira a dimensão exata das coisas que estão acontecendo aqui no Brasil? Eu estava vendo, por exemplo, o José Sergio Gabrielli falar, e quando a Petrobras fala, são tantos e tantos bilhões, que o Guido fica até com vergonha: por que é que ele não tem tanto assim?

O Roger deve entrar com recurso para fazer uma exposição, também, do que a Vale está fazendo de investimentos no Brasil que, certamente, vão chegar muito próximos dos da Petrobras. Outros setores também poderiam ter se apresentado aqui, mas não queríamos que fosse um desfile de setores fazendo apresentações porque no terceiro ou no quarto todos nós estaríamos cansados. É apenas um retrato daquilo que está acontecendo e muita gente não sabe, porque nunca leu, nunca viu na televisão e nunca ouviu no rádio. Muitas vezes, quem sabe nós tenhamos culpa de não fazer as coisas acontecerem como deveriam.

Quero dar os parabéns à nossa Central Única dos Trabalhadores-CUT, porque completa hoje 25 anos de vida. Junto com a CUT, à Maria das Graças, da Petrobras, que fez aniversário ontem e nós não pudemos homenageá-la. Mulher, a gente não pode falar a idade. Então, deve ser uns 38, 39 anos.

Meus amigos, quero do fundo do coração, agradecer a participação de cada um de vocês porque eu penso que o que estamos colhendo hoje é resultado daquilo que plantamos juntos. Em tudo isso tem o dedo do



Congresso Nacional, dos trabalhadores, dos empresários, do Poder Executivo federal, estadual e municipal, e da imprensa. Eu acho que cada um de nós deu uma contribuição para que pudéssemos chegar, neste dia, e ouvir esses números que, para muitos de vocês, era inimaginável ouvir neste país.

Eu sei que vocês vão voltar para casa muito mais convencidos de que o crescimento que está acontecendo no Brasil não é, como diria um bom economista, um vôo de galinha. É, na verdade, o de uma águia que descobriu que pode voar mais alto do que estava acostumada a voar.

Dito isso, eu vou começar a perturbar vocês um pouco. Meus companheiros, eu peço paciência. Não irei... Eu ouvi o José Sergio gritando ao microfone, não sei se o som estava ruim. O Luciano Coutinho, falando mais alto do que costuma falar, não sei se o som também não teve retorno. O meu tem, eu estou me ouvindo bem. Então eu vou tentar... Talvez tenham feito um preparo especial aqui no meu microfone e tiraram o de vocês. Mas, perdoem. Obrigado, meu caro Marcelo Neri, pela exposição.

Eu queria começar dizendo aos meus companheiros: os números das apresentações que acabamos de assistir não são só importantes, são também estimulantes. Mostram claramente que o Brasil está vivendo um momento excepcional, tanto na área dos investimentos quanto no mundo do trabalho. E não deixam dúvidas de que estamos entrando num novo patamar de produção e de desenvolvimento.

Atualmente, não há uma semana em que eu não receba dirigentes de grupos empresariais que vêm anunciar a ampliação de suas fábricas ou a abertura de novas plantas para atender à demanda crescente.

São investimentos em praticamente todos os setores da economia. Investimentos de bilhões de reais, que vão aumentar de forma vigorosa a capacidade produtiva do País, gerar milhares de empregos e responder ao consumo em franca expansão.

Infelizmente, esses anúncios não costumam ter grande destaque no



noticiário. Talvez por isso o País ainda não tenha uma visão de conjunto sobre a intensidade e o alcance das grandes transformações que estão em curso neste país.

Por isso, convidei-os para essa conversa. Quero chamar a atenção de todos para a importância do atual momento. Quero dividir com vocês minha convicção de que estamos vivendo uma nova etapa de desenvolvimento econômico. O Brasil começou a dar um grande salto para o futuro.

Não foi fácil dar essa virada. Foi necessário trabalho duro e muito sacrifício de todo o povo. Mas todos juntos conseguimos construir um novo ambiente, extremamente positivo, que vem estimulando o País a dar o melhor de si mesmo.

Hoje podemos dizer que o Brasil logrou atravessar o deserto da estagnação econômica, que, durante 25 anos, exauriu nossas melhores energias e frustrou os sonhos de toda uma geração. Agora estamos caminhando em terra fértil. O País está semeando e colhendo. Semeando um novo tempo de investimento e de trabalho, e colhendo uma nova era de esperanças e de oportunidades. São muitos os exemplos de que a situação mudou da água para o vinho.

O último grande alto-forno no Brasil foi inaugurado em 1986, ou seja, 22 anos atrás. Depois, tivemos um longo período de estiagem de investimentos. Só recentemente esse quadro mudou. E como mudou. Hoje, estão projetadas dez novas grandes siderúrgicas, que dobrarão a produção nacional de aço em seis anos. Outro exemplo: nos anos 90, foram construídas apenas cinco fábricas de cimento. Agora, há dez novas plantas em construção.

Na petroquímica ocorreu o mesmo fenômeno. Só o Comperj, no Rio de Janeiro, receberá investimento de 13 bilhões de reais. Isso sem falar nos investimentos privados decorrentes da reestruturação societária no setor. É bom lembrar que o último pólo petroquímico implantado no Brasil, o da Copesul, é da década de 80.



E o que dizer da indústria automobilística? Como líder sindical e dirigente político, passei os anos 80 e 90 vendo as montadoras reclamando do estreitamento do mercado, demitindo trabalhadores e ameaçando fechar fábricas. Agora elas estão em franca expansão. Este ano serão produzidos aproximadamente 3,5 milhões de veículos. Em 2013, graças aos investimentos já anunciados, a capacidade instalada será de 6 milhões de unidades por ano. Prestem atenção: passaremos a ser a quinta ou a sexta produção de automóveis do mundo.

No setor de petróleo, a última refinaria construída no País foi exatamente em 1980. Agora, até 2010, a Petrobras implantará cinco novas refinarias. Nos próximos anos, ainda sem incluir a exploração e a produção no pré-sal, a Companhia pretende investir US\$ 19,5 bilhões por ano, um salto simplesmente espetacular em relação ao que aconteceu na década passada.

Praticamente todos os setores estão vivendo um clima semelhante. A indústria de papel e celulose dobrará sua capacidade produtiva nos próximos anos. Na mineração, os investimentos até 2012 alcançarão cerca de R\$ 100 bilhões. Na agroindústria, as perspectivas também são extraordinárias.

Mas talvez nenhum outro setor retrate tão bem o que se passou no País nos últimos 25 anos como a indústria naval. No início da década de 80, ela era a segunda do mundo, com 36 mil trabalhadores. Aí inventaram que não tínhamos competitividade e que era mais barato comprar navios lá fora. Resultado: em pouco tempo, nossos estaleiros foram a pique. Na virada do século, empregava menos de dois mil trabalhadores.

Quando assumi o governo, a Petrobras encomendou a primeira plataforma de petróleo à indústria naval brasileira, a famosa P-51. De lá para cá, já contratamos mais quatro plataformas e iremos contratar mais oito até 2017. Seu índice de nacionalização – diziam que a gente não tinha conhecimento tecnológico – já chega a 72%. Além disso, os números que disse o José Sergio Gabrielli e o que a Transpetro está fazendo, mostram que nós,



finalmente, recuperamos a indústria naval brasileira e queremos fazê-la muito maior.

Além disso, a Transpetro também passou a encomendar navios aqui dentro. E serão construídas no País, nos próximos anos, pelo menos 28 sondas de perfuração. Aqui, um dado que o José Sergio não fala: cada sonda daquelas custa, pelo menos, 700 milhões de dólares. Então imaginem o que nós poderemos criar de empregos aqui, meu caro Feijóo, para os metalúrgicos que vocês, do movimento sindical, representam. Resultado: hoje, a indústria naval brasileira já emprega 40 mil trabalhadores. Renasceu das cinzas do incêndio que, durante mais de duas décadas, consumiu a confiança do País nas próprias forças e na própria capacidade. Ainda bem que esse tempo ficou para trás.

Para garantir a logística e a infra-estrutura necessárias à vigorosa retomada do crescimento, o governo lançou, no início do ano passado, o PAC. Nessa área temos muito o que comemorar.

A oferta de energia elétrica necessária para o crescimento do País está garantida para os próximos anos. A "turma do contra" que me desculpe, mas não haverá apagão no Brasil.

Estão aí os leilões vitoriosos das hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau que, juntas, agregarão mais de 6 mil megawatts ao nosso sistema. No ano que vem, licitaremos Belo Monte que quando estiver concluída, responderá por mais 11 mil megawatts.

Além disso, a Petrobras vem aumentando fortemente a oferta de gás. Estamos incorporando novas fontes de energia, como a biomassa e a eólica, e decidimos retomar o programa de usinas nucleares neste país. Ou seja, foram-se os tempos em que a falta de planejamento e de investimento condenavam o País a viver sob a ameaça do racionamento.

Também graças ao PAC, nossas rodovias foram ou estão sendo recuperadas. E os leilões de concessões, não só derrubaram fortemente as



tarifas antes vigentes, como estão permitindo investimentos privados significativos em algumas das estradas de maior tráfego no nosso País.

Quanto ao transporte ferroviário, praticamente abandonado antes, está renascendo. Aí estão as obras da ferrovia Norte-Sul, da Transnordestina e da Ferronorte. E no ano que vem, estaremos realizando os leilões para a concessão do trem de alta velocidade que ligará o Rio , São Paulo e Campinas, e da ferrovia de integração Oeste-Leste, na nossa querida Bahia. Os portos também estão sendo dragados e recuperados.

E a infra-estrutura de saneamento, que marcava passo há décadas, vive uma verdadeira revolução. Até 2010, o governo federal, os estados e as prefeituras investirão 40 bilhões de reais em abastecimento de água e esgotamento sanitário, beneficiando no mínimo 22 milhões de domicílios no nosso país.

Constato com satisfação que o Projeto São Francisco avança agora a passos largos. Em muitos trechos, as obras já foram iniciadas. Em outros, estão contratadas. Enquanto isso, os programas de revitalização do Velho Chico estão em pleno andamento e seus resultados começam a aparecer, beneficiando as populações ribeirinhas. Até 2010, o Eixo Leste será inaugurado. Meu sucessor poderá inaugurar o Eixo Norte em 2012. Essa obra, sonhada desde o Império por D. Pedro II, finalmente está virando realidade. Em breve, doze milhões de nordestinos estarão livres do flagelo da seca e terão água boa para beber e plantar.

Tudo somado, o investimento no País, sacudindo duas décadas e meia de letargia, está em forte expansão. Tem crescido nos últimos anos a taxas duas vezes superiores às do crescimento do PIB. O fato é que o País não só voltou a crescer, como tem apetite de crescer ainda mais.

Aqui é importante falar um minuto do São Francisco. Eu quero agradecer, em primeiro lugar, ao companheiro José Alencar, ao ex-ministro Ciro Gomes e ao companheiro Geddel. Se não fosse a disposição deles de



enfrentar todas as contrariedades colocadas no caminho, nós hoje não poderíamos estar dizendo que vamos inaugurar o primeiro trecho até 2010. E não é apenas o rio São Francisco. É importante lembrar, ex-presidente Collor, que o Canal do Sertão de Alagoas vai tirar mais água por segundo do que do rio São Francisco, e que os projetos Salitre e Alto Irecê, também na Bahia, vão tirar mais água do que toda a água que estamos tirando da transposição do rio São Francisco. Essa é uma obra que eu penso que é uma conquista do povo brasileiro e, certamente, todos nós viveremos para ver o que vai acontecer no semi-árido nordestino quando a água por lá estiver sendo definitiva.

Meus companheiros e minhas companheiras,

A tudo isso vêm se somar as recentes descobertas de petróleo e gás no pré-sal, feitas pela nossa querida Petrobras, uma empresa criada em 1953, sob críticas de alguns e aplausos de muitos. Empresa que, depois de levar mais de 50 anos para conquistar a auto-suficiência, fez as descobertas das enormes jazidas do pré-sal, que tornarão ainda mais importante sua posição no cenário mundial.

Se os recursos do pré-sal forem aquilo que imaginamos, o Brasil dentro de alguns anos se transformará num grande produtor mundial de petróleo. É uma perspectiva nova, que abre extraordinárias possibilidades de desenvolvimento para o País, mas que contém também desafios e riscos, que precisam ser enfrentados. Afinal, não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar essa imensa riqueza.

Por isso mesmo, constituí uma Comissão Interministerial que está estudando os diferentes modelos para a exploração do pré-sal. Dei à Comissão algumas orientações. Primeira: o Brasil não quer ser um mero exportador de óleo cru. Ao contrário, queremos consolidar no País uma forte indústria petrolífera, com toda sua cadeia produtiva, que agregue valor aqui dentro e exporte os derivados. Segunda orientação: nossa Constituição diz que as reservas de petróleo são da União. Não podemos perder isso de vista. Seus



frutos devem beneficiar, em primeiro lugar, todo o povo brasileiro. Terceira recomendação: não é porque tiramos um bilhete premiado que vamos nos deslumbrar e sair por aí gastando o dinheiro que ainda não temos.

O pré-sal é um passaporte para o futuro e sua principal destinação deve ser a educação das novas gerações e o combate à miséria ainda existente no nosso país. Trata-se de um debate muito importante, que interessa de perto a todos os brasileiros e brasileiras. No fim de setembro, a Comissão me entregará suas sugestões sobre o assunto e, em seguida, o governo abrirá uma ampla discussão com a sociedade brasileira. Estou seguro de que todos juntos tomaremos as decisões mais acertadas para o nosso país.

Minhas amigas e meus amigos,

Nos últimos anos, investimos na distribuição de renda e conseguimos combinar crescimento com redução da pobreza. Hoje o Brasil está construindo um novo modelo de desenvolvimento, voltado para todos.

O emprego está aumentando e milhões de trabalhadores estão entrando no mercado formal de trabalho, com carteira assinada. A taxa média anual de desemprego é de 8,2% em 2008, a menor desde 2002, quando foi iniciada a série histórica do IBGE.

A renda dos trabalhadores também está aumentando e, pela primeira vez, milhões de brasileiros têm acesso ao crédito e podem adquirir bens antes inacessíveis para a maioria da população.

A classe média constitui hoje a maioria da população nas seis principais regiões metropolitanas do nosso país. Cerca de 20 milhões de brasileiros deixaram as classes D e E, rumo à classe C. Espero que no próximo ano subam para a classe A, Marcelo Neri.

Sob o impacto desse novo mercado de massa, a economia brasileira deu um salto à frente e mudou de patamar de crescimento. Isso só foi possível porque o País não se conformou com a desigualdade e foi capaz de superar o preconceito e a estreiteza.



Até bem pouco tempo, o pensamento predominante no Brasil era de que o País poderia crescer mantendo à margem do processo produtivo a maior parte do nosso povo. Por incrível que pareça, esse pensamento preocupava-se em arrumar o País apenas para 50 milhões de brasileiros, deixando três quartos da população entregues à própria sorte.

Na prática, a maioria dos brasileiros e brasileiras era vista como se fosse um estorvo, como um peso, como uma amarra, que impedia o desenvolvimento do País. Daí o enorme preconceito de alguns setores contra o Bolsa Família e outros programas, semelhante em muitos aspectos às críticas virulentas lançadas em outros países contra políticas sociais de alcance similar, como o *New Deal* do presidente Roosevelt.

Sempre haverá aqueles que não conseguem perceber que programas dessa natureza, além de generosos e solidários com os menos afortunados, têm enorme repercussão na atividade econômica. São capazes de transformar o que parece peso em impulso e alavancar o surgimento de grandes mercados de massa, decisivos para a retomada do crescimento no nosso país.

O fato é que hoje vivemos um círculo virtuoso de crescimento com distribuição de renda. O aumento da demanda estimula o crescimento do investimento, que gera aumento de produtividade, eleva os lucros e permite aumento dos salários, o que acaba por gerar um novo aumento de demanda, e o Gerdau gosta disso.

Minhas amigas e meus amigos,

Não poderia deixar de assinalar outra conquista importantíssima nos últimos anos. O País voltou a crescer reduzindo também as desigualdades regionais. Regiões antes relegadas a um segundo plano estão recebendo atualmente grandes investimentos.

O Nordeste, que não possuía sequer uma refinaria de petróleo, em poucos anos contará com quatro: em Pernambuco, no Maranhão, no Ceará e no Rio Grande do Norte. Além disso, duas grandes siderúrgicas serão



construídas, uma no Ceará e uma no Pará. Nesse último estado também será instalada uma planta de alumina de grande porte. Além disso, o compromisso do Roger, com mais uma no Maranhão e com a do Espírito Santo.

Aqui, um parêntese para explicar essa questão. Hoje nós exportamos muita bauxita, e o companheiro Roger, numa exposição feita a mim e à ministra Dilma, no Pará, contou a seguinte história: exporta a tonelada de bauxita a 30 dólares, a tonelada de alumina já vai para 500 dólares, e a tonelada de alumínio vai para 3 mil dólares. Está claro que nós precisamos – o BNDES está à disposição, e Belo Monte vai surgir para isso – garantir a energia para colocar valor agregado e gerar empregos para os brasileiros da região Norte que precisam trabalhar neste país. Portanto, fiquem certos de que logo, logo nós também seremos exportadores de alumínio, e não apenas exportadores da nossa tão rica bauxita. Prepare-se, Roger, que o BNDES está aí. Pernambuco, por seu lado – vocês percebem que falar de Pernambuco é uma coisa mais especial – sediará um novo pólo petroquímico.

Mas não é apenas a indústria pesada que vem se instalando nessas regiões. Atraídas pelo mercado em expansão, inúmeras empresas estão abrindo no Norte e no Nordeste novas fábricas de materiais de construção, de alimentos, de tecidos, de químicos. Assim, o Brasil hoje está crescendo de forma mais harmoniosa e equilibrada, o que é uma grande novidade, que não aconteceu no século passado. A triste verdade é que durante séculos o Brasil, mesmo quando crescia, crescia torto e desequilibrado. Resultado: esquecida e abandonada, boa parte da população das regiões mais pobres acabava migrando para os grandes centros urbanos do Sudeste, contribuindo para o inchaço das cidades. Era um jogo onde todos perdiam e ninguém ganhava.

Nos últimos anos, felizmente esse quadro mudou. Graças aos programas sociais, aos investimentos do PAC e à dinamização de seus mercados, o Norte e o Nordeste voltaram a crescer, inclusive a taxas maiores do que a média do País. Se compararmos 2006 com 2005, a renda cresceu



11% no Nordeste e 9% no Norte. O consumo também se elevou de forma significativa. Em consequência disso, os investimentos estão se multiplicando nas duas regiões. Por conta disso, grandes cadeias de supermercados que antes só ficavam na região Centro-Sul do País, hoje estão se implantando em vários estados do Nordeste brasileiro.

Repete-se aqui o mesmo fenômeno a que me referi antes: o Brasil, devido à predominância de um pensamento político estreito, passou séculos vendo as regiões mais pobres como um problema, quando, na verdade, elas eram e são parte da solução dos problemas de todo o País. Se o País hoje está começando a dar um salto para o futuro é porque soube superar as limitações desse pensamento, ao mesmo tempo egoísta e tacanho.

Na longa travessia do deserto da estagnação, talvez as mazelas econômicas não tenham sido as mais difíceis de vencer. Piores foram os grilhões do pensamento esterilizante, os gargalos do preconceito e as armadilhas montadas contra a auto-estima nacional.

Meus amigos e minhas amigas,

Os avanços dos últimos anos são motivo de orgulho e devem ser comemorados. Mas o momento não é de acomodação, ainda há muito por fazer. Temos de preservar e aperfeiçoar conquistas importantes, temos de enfrentar e vencer novos desafios.

A democracia é a mais importante de todas as nossas conquistas. Queremos vê-la cada vez mais forte. Por isso mesmo, devemos cuidar de aperfeiçoar nossas instituições, tornando-as mais transparentes, eficazes e representativas.

Nesse sentido, meu governo está enviando ao Congresso algumas propostas para a reforma do sistema político. Sabemos que essa é uma tarefa que, em última instância, caberá aos deputados e aos senadores. Mas queremos dar nossa contribuição, como um estímulo para que o tema ocupe, na agenda nacional, o lugar de destaque que merece.



Também conquistamos a duras penas a estabilidade monetária e forjamos fundamentos macroeconômicos sólidos. Quero deixar claro que, em hipótese alguma, permitiremos a volta da inflação e a irresponsabilidade fiscal neste país. E continuaremos nos esforçando para melhorar ainda mais o ambiente econômico. Por isso mesmo, esperamos que o Congresso Nacional aperfeiçoe e aprove a tão sonhada reforma tributária que todos nós precisamos.

Crescimento econômico com inclusão social, crescimento econômico com redução das desigualdades regionais, crescimento econômico com base num amplo mercado de massa. Essa é a outra conquista que veio para ficar. Sabemos hoje que a única forma duradoura de crescer é incluindo, e não segregando. É integrando, e não abandonando.

Ao crescer, não queremos reeditar modelos adotados em outros países, que não se preocupavam com o meio ambiente. Nosso país, que possui grandes riquezas naturais e extraordinária biodiversidade, vem respondendo com responsabilidade aos desafios de crescer respeitando o meio ambiente.

Temos a matriz energética mais limpa do Planeta. Produzimos e consumimos etanol e biodiesel, dando um exemplo ao mundo. Não nos interessa crescer de qualquer forma, agredindo a flora, a fauna, a água, o ar. Temos compromisso com a vida e com o futuro. Mas também não encaramos a natureza como um santuário, que deva permanecer intocado na sua riqueza, enquanto, ao lado, homens e mulheres mal sobrevivem na miséria neste país. Por isso, é necessário encontrar um ponto de equilíbrio. Algumas vezes não é fácil, mas a experiência deste governo mostra que é possível construir caminhos para o desenvolvimento ambientalmente sustentado.

Outro desafio importante é o de aumentar nossa presença num mundo cada vez mais globalizado. Presença em defesa da paz, da autodeterminação dos povos e do respeito aos fóruns internacionais.

A opção de nossa política externa pela diversificação de nossas relações



diplomáticas e comerciais foi e continuará sendo fundamental para resistirmos a choques externos da economia. No entanto, para entrarmos definitivamente no time das grandes economias mundiais, o Brasil precisa avançar no processo de integração com os demais países da América Latina e, em especial, com a América do Sul.

Integração não apenas comercial, mas também cultural e, especialmente, da infra-estrutura produtiva. Ela aumenta o peso específico dos nossos países e faz nossa voz ser ouvida muito mais longe. Juntos, na América do Sul, formamos um mercado de 400 milhões de pessoas, o que é um trunfo fantástico numa economia totalmente globalizada.

Meus amigos e minhas amigas,

Hoje nosso maior desafio é dar um salto na educação. Lançamos o Plano de Desenvolvimento da Educação, para melhorar a qualidade do ensino. Através do Fundeb, aumentamos em seis vezes os recursos transferidos da União para estados e municípios para a educação básica.

Estamos construindo 214 escolas técnicas federais, 12 novas universidades federais e dezenas de extensões universitárias. Segundo o nosso ministro da Educação, 88 extensões universitárias. Oferecemos 400 mil bolsas do ProUni nas faculdades particulares e estamos abrindo 400 mil novas vagas nas universidades públicas. Em parceria com a iniciativa privada, até 2010, levaremos internet em banda larga a todas as 55 mil escolas públicas urbanas do nosso país, de graça. É muito, comparado com o que encontramos, mas ainda é pouco perto do que necessitamos.

Vivemos hoje na sociedade do conhecimento. O que faz a diferença entre as pessoas e entre as sociedades é a educação, o estudo, o saber. Por isso mesmo, não podemos nos conformar com padrões que podiam ser aceitáveis no passado, mas não estão à altura das exigências atuais.

Não basta que todos saibam ler e escrever. Não basta que a esmagadora maioria dos jovens esteja na escola. É preciso avançar muito



mais, qualificando o ensino, estimulando a criatividade e o pensamento crítico, despertando a potencialidade de todos. Esse é um desafio para todos nós. De todos os tipos de investimento, o mais decisivo para o desenvolvimento do País é o que nós iremos fazer na educação brasileira. É investimento no futuro dos nossos filhos, dos nossos netos, enfim, no que temos de melhor e de mais promissor.

Minhas amigas e meus amigos,

O Brasil vive um momento excepcional e eu poderia dizer, como o Neri, mágico. Vencemos grandes obstáculos e estamos no caminho certo. Estou convencido de que entramos num ciclo duradouro de crescimento. O Brasil vai se transformar, definitivamente, em um país desenvolvido.

O que precisamos é acreditar em nós mesmos. Nenhuma nação do mundo conseguiu se desenvolver de forma vigorosa sem acreditar nas suas próprias forças, sem despertar suas energias adormecidas, sem ser estimulada pela esperança de um mundo melhor.

Por isso, convoco todos vocês a confiar no País, sobretudo confiar no seu povo, e a olhar com redobrada confiança para o nosso futuro. Não podemos desperdiçar o momento que estamos vivendo e esta extraordinária oportunidade que Deus nos deu. Se depender do governo, nós não vamos desperdiçá-la, e tenho certeza que se depender de vocês, nós não iremos desperdiçá-la. A hora é agora, meus companheiros. A hora é agora para que nós, a partir do patamar em que estamos, discutamos conjuntamente quais os passos seguintes a dar.

Ontem, meu caro Luciano Coutinho, fizemos um encontro com a indústria da construção civil, e eles me diziam que está faltando cerâmica vermelha. Eu achei que era cerâmica, daquela quadrada que vai no chão. Não. Era aquele famoso tijolinho que nós conhecemos como tijolinho baiano, tijolo da Bahia. Você vai ver logo, logo o BNDES recebendo gente para podermos financiar todas as cadeias produtivas que dependem de pequenas empresas e



que estão estranguladas porque não têm capacidade de investimento para (inaudível) a produção. Nós vamos ter que fazer investimentos.

Este é o momento de o governo mostrar a sua criatividade, a sua competência, a sua capacidade de gerenciamento e a sua capacidade de ser o estimulador para que este país não volte atrás como voltou em outros momentos que também pareciam, diante dos nossos olhos, como momentos brilhantes.

Nós estamos mais sólidos. Eu pensei que aqui nós iríamos dizer alguma coisa dos investimentos que estão acontecendo no País. Uma coisa importante que aconteceu e que muita gente não sabe, porque nem sempre a gente lê isso, é que em 2002 o BNB, o nosso querido Banco do Nordeste... Quando eu perguntei ao ministro Ciro Gomes quanto o BNB investiu de crédito, ele me disse: 260 milhões de dólares. De reais. Pelo amor de Deus! O dólar está tão baixo que é melhor a gente falar em reais, porque está mais forte. Veja, Gerdau, em 2002 o BNB tinha financiado crédito de 260 milhões de dólares. De reais. Hoje, o BNB está financiando 13 bilhões de reais. O Banco do Brasil, quando nós chegamos aqui, estava financiando apenas... O Banco do Brasil tinha, para crédito, 59 bilhões de reais. Hoje, o Banco do Brasil tem 203 bilhões de reais.

Vou terminar dando um número para vocês. Em 2003, o Brasil inteiro tinha 380 bilhões de reais. Hoje, só o Banco do Brasil tem dois terços daquilo que o Brasil inteiro tinha seis anos atrás. Essa é uma revolução que está acontecendo, com programas como o Crédito Amigo, como o programa do Desenvolvimento Regional do Banco do Brasil, que já atinge um milhão de famílias, com programas que, muitas vezes, nem o próprio governo sabe do conjunto das coisas que estão acontecendo.

Quando eu vi o José Sergio Gabrielli e o Luciano Coutinho fazerem sua apresentação aqui, fiquei pensando: coitados, não sabem o que está acontecendo no Brasil. Se vocês forem pesquisar, é muito mais do que foi



detectado pelo nosso mirante, o nosso farol, como disse ele, que está num lugar privilegiado.

O que está acontecendo no Brasil... Nem nós, do governo, temos ainda o conjunto das informações, das coisas que estão acontecendo. Não estamos levando em conta a revolução, porque os estados estão tendo dinheiro, coisa que você não teve, Rigotto, para governar, coisa que outros governadores, na gestão passada, tiveram dificuldades. Neste ano, todos os estados – o Marcelo Déda está aqui de prova – têm muito dinheiro para fazer investimentos. Certamente, não tudo o que eles precisavam, mas mais do que tiveram nos últimos 20 anos.

Além disso, as prefeituras... Hoje existe investimento do governo federal em mais de 5 mil e 200 das quase 6 mil prefeituras. Nas cidades grandes, em parceria com os prefeitos e com o governo federal... Quem vive nas cidades grandes pode testemunhar que há 30 anos não se via o conjunto de obras que existe em todas as regiões metropolitanas deste país. Isso não é conquista do presidente Lula ou dos ministros. Isso é uma conquista da facilidade que o Congresso Nacional pôs neste país, quando votou as leis que precisavam ser votadas para favorecer a construção civil brasileira. Votar com a rapidez, Arlindo, que precisava, nas mudanças que precisávamos para fazer o PAC.

Muitas vezes nós só olhamos o lado ruim, e eu acho que é importante a gente sempre lembrar que a moeda tem mais de uma face. Tem muita coisa ruim, mas a verdade é que neste país tem muito mais coisa melhor, tem coisa muito mais extraordinária que, muitas vezes, a gente não consegue visualizar. Eu não sei se é uma deficiência cultural.

O dado concreto é que eu espero que no dia de hoje, nesta reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, o governo possa ter mostrado para vocês uma parte daquilo que está acontecendo. Volto a reafirmar: os números parecem grandes. Eu poderia provocar aqui empresários importantes da indústria naval, poderia provocar o Roger, o Gerdau, os



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

empresários do meio de comunicação e dizer: que bom que todos vocês e eu estejamos vivos para viver este momento extraordinário que, até então, não tínhamos vivido no nosso país.

Muito obrigado a todos. Vamos continuar trabalhando porque o Brasil precisa de nós.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de posse do ministro de Estado da Cultura, João Luiz Silva Ferreira

Palácio do Planalto, 28 de agosto de 2008

Meu caro companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Meu caro João Luiz Silva Ferreira – eu jamais soube que ele se chamava João –, ministro da Cultura,
Companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil, por meio de quem quero cumprimentar todos os ministros aqui presentes,
Meu caro companheiro Gilberto Gil, ex-ministro, sempre ministro,
Meus queridos companheiros governadores Jaques Wagner, da Bahia; Alcides Rodrigues Filho, de Goiás; e Marcelo Déda, de Sergipe,
Companheiros e companheiras senadores aqui presentes,
Companheiros e companheiras deputados federais,
Senhoras e senhores representantes do corpo diplomático,
Meus amigos artistas e representantes de entidades culturais,
Meus amigos e minhas amigas,

Eu já disse aqui, e vou repetir, que o momento de troca de ministro é um momento de muita ambigüidade no discurso do presidente da República. Primeiro, de tristeza, porque alguém vai embora ou, pelo menos, não vai mais partilhar da briga pelo Orçamento todo ano. Segundo, com o que entra, há sempre a possibilidade de você construir uma outra boa relação de amizade, estabelecer novo grau de companheirismo e tocar o barco para a frente.

Normalmente, quando a gente substitui um ministro, a gente fica torcendo para que o que vai entrar seja tão bom que faça com que o outro caia no esquecimento do cargo. Eu penso, Juca, que isso não vai acontecer com



você, porque certamente o Gil vai aparecer mais na televisão do que você. Certamente, ele vai conseguir juntar mais gente do que nós nas ruas deste país – nós, para falar mal de alguém, e ele para cantar.

De qualquer forma, quero dizer a todos vocês que foi muito gratificante ter o companheiro Gilberto Gil como ministro. Num primeiro momento, pensei que estava juntando a fome e a vontade de comer. Eu queria que o PV viesse para o governo e, como já tinha uma certa relação de amizade com o Gil e o Gil era um ambientalista fervoroso, eu falei: chamando o Gil, estou chamando o PV para o meu governo. Qual não foi minha surpresa quando, depois, descobri que o Gil não era militante do PV coisa nenhuma. Ele era um grande artista, ambientalista, e que o PV passou a gostar dele como nós. E falei: o Gil não precisa representar nenhum partido político.

Eu acho que de vez em quando as pessoas precisam compreender que o Brasil é capaz de produzir pessoas tão significativas e tão importantes, que elas são de todos os partidos e, ao mesmo tempo, não são de nenhum partido. Imagine se eu exigisse, Gil, que o Chico Buarque entrasse para o meu Partido. Ele certamente iria ficar mais chato. Imagine se o Caetano Veloso entrasse para o PSDB, certamente iria ficar mais chato.

Então, eu penso que precisamos adorar as grandes figuras, os grandes artistas brasileiros, os grandes criadores brasileiros, sem exigir que eles preencham a ficha de um partido para ocupar um cargo importante no País. Sobretudo na cultura, porque a cultura é um movimento extremamente complicado. Quem pensa que os partidos são complicados, nunca participou de uma reunião para discutir cultura em alguns estados deste país.

De qualquer forma, penso que hoje, ao deixar o Ministério, o Gil conseguiu uma proeza que até então não se havia conseguido no Ministério da Cultura. Primeiro uma coesão, de fazer com que o País, também do ponto de vista cultural, seja mais equânime, mais justo, mais distributivo. Não foram poucas as críticas que o Gil recebeu quando, por exemplo, resolvemos fazer



com que o Norte, o Nordeste e o Centro-Oeste brasileiros tivessem uma fatia dos recursos disponibilizados para a cultura neste país.

Eu me lembro de quando nós resolvemos fazer algumas mudanças na Lei do Audiovisual, o quanto apanhamos até sem ter o projeto. O projeto não estava pronto e a gente já estava apanhando pelo futuro. De qualquer forma, o Gil conseguiu uma proeza. Desde 1988, participo com muitos artistas, pelo Brasil inteiro, sempre pedindo o voto e o apoio deles. Como presidente da República, posso viver este momento extraordinário em que há uma compreensão, também no meio artístico brasileiro e em todas as entidades culturais deste país, de que o governo está fazendo as coisas acontecerem sem permitir que os ricos fiquem mais ricos e os pobres fiquem mais pobres. Tentando elevar os de baixo, aqueles que fazem, muitas vezes, a verdadeira cultura brasileira, e que nem sempre são reconhecidos pelo poder público ou por uma parte da sociedade brasileira.

Quero dizer, Gil, que foi uma coisa extremamente gratificante. Certamente, não conseguimos fazer tudo o que tínhamos vontade de fazer. O Juca tem dois anos e quatro meses para fazer o que nós não conseguimos nos primeiros 66 meses. Quero lembrar aqui algumas coisas que o Gil fez e que acho importante registrar. Primeiro, o Gil, no Ministério, deu consistência e significado à ação do Estado na área da cultura, construindo pela primeira vez uma política cultural de Estado, coisa que a gente não tinha neste país. Segundo, o caráter republicano. Realizou uma política cultural sem discriminação territorial ou de setor, rompendo privilégios e democratizando o acesso aos bens culturais e aos incentivos. Atendeu ao conjunto das manifestações culturais, populares ou eruditas, compreendendo todas as manifestações como ricas expressões da diversidade do povo brasileiro.

Algumas realizações importantes: Programa Mais Cultura, que visa aos 2.615 municípios com IDH menor e populações excluídas; entre 2003 e 2007 triplicou os recursos do Ministério e quadruplicou os recursos da Lei Rouanet;



terceiro, 742 Pontos de Cultura já implantados e convênios com 24 estados para a instalação de mais 1.298 Pontos de Cultura; Programa de Museus, que fez crescer em 1.000% os recursos para museus e prepara a criação do Instituto de Museus.

Juca, sei que você gostaria que eu assinasse a mensagem para que a gente pudesse contratar funcionários para os museus brasileiros, para o Instituto, mas eu acho que não é bom você ganhar muita coisa antes de assumir. Primeiro assuma, marque uma audiência comigo e aí vamos tratar de atendê-lo corretamente. Senão, eu estaria sendo prejudicado porque tem dois ministros aqui, fazendo pressão.

Grande ampliação do Monumenta, reconhecido como exemplo pela Unesco; ampliação de 11 Pontos de Memória; bibliotecas públicas: meta de zerar o déficit de bibliotecas municipais; entregues os primeiros 300 kits de bibliotecas municipais.

Estas foram apenas algumas das coisas que, certamente, tanto ele quanto o Juca irão retratar com mais fidelidade nos discursos que vão fazer daqui a pouco no Ministério. Eu queria dizer ao companheiro Gilberto Gil: o carinho que tenho por você é tão grande, que se amanhã você quiser ser ministro outra vez... Eu não posso prometer. O único cargo que posso prometer aqui é o meu. Para isso, tem que disputar uma eleiçãozinha e convencer o povo. Mas eu e o José Alencar estamos dispostos a fazer concessões para você, se você um dia quiser voltar ao governo.

Quero te dizer, Gil, que foi gratificante, foi uma vivência excepcional. Eu acho que trabalhar com você, não sei se a Flora pensa a mesma coisa, mas trabalhar com você é um trabalho de uma leveza profissional e política, extraordinária.

Posso te dizer que não sei quanto tempo vai levar para que o Brasil tenha uma pessoa da sua qualidade no Ministério da Cultura. Por isso, muito obrigado pela sua colaboração e por tudo que você representou no nosso



governo.

Ao meu querido companheiro Juca, que pela formalidade do Cerimonial descobri, agora, que chama-se João Luiz Silva Ferreira. Eu quero dizer, Juca, sinceramente, que você me ganhou para ser ministro na apresentação do PAC da Cultura, quando você apresentou o Programa Mais Cultura no Teatro Nacional, aqui em Brasília.

Obviamente todo mundo sabe que o Gil, já no segundo mandato – em janeiro tive uma conversa com ele – tinha disposição de sair. Um cidadão como o Gil, que tem uma família grande para sustentar, não podia viver com 10 mil reais por mês, é esse o salário. Como não tem trambique para pagar mais, era normal que o Gil tirasse o seu domingo para fazer um showzinho, um sábado, era normal e eu achava isso bom, porque seja em Paris, seja no Brasil, ele sempre será um extraordinário Ministro da Cultura. Sempre achei assim e continuo achando assim.

Mas sempre achei também que quando o Gil viajava, o Ministério continuava com um vigor extraordinário. Até na greve dos funcionários. Eu falava: espera aí, tem alguém lá que deve ter muita força também. Na apresentação daquele programa tive a nítida noção, Juca, de que você tinha uma visão completa das necessidades culturais deste país, do que precisaria ser feito. Naquela exposição, depois que o Gil já tinha demonstrado – eu pedi para ele ficar mais um tempo – comecei a pensar: o Gil vai sair... Eu vou colocar o Juca no lugar do Gil, para ter continuidade. Também porque não tinha sentido estabelecer uma nova disputa, colocar alguém que chegasse hoje, novo, que precisaria ter um secretário-executivo novo, um chefe de gabinete novo. Até conhecerem a máquina, terminaria o mandato. E poderia ter um que quisesse ser candidato a deputado federal, que teria que parar em março do ano de 2010, seria pior ainda.

Quero dizer, companheiro Juca, que tenho consciência de que parte do sucesso do meu companheiro Gilberto Gil dependeu do seu trabalho, meu



companheiro Juca Ferreira. Tenho clareza disso.

Por isso, quero desejar a você, meu caro – você não precisa fazer mais nada, Juca – só cumprir aquilo que é anunciado pelo chamado Programa Mais Cultura, para o nosso país. Se conseguirmos cumprir o Programa Mais Cultura até o dia 30 de dezembro de 2010, não terei dúvida nenhuma de que fizemos em oito anos, enquanto governo, o que não foi feito em 80 anos para a cultura brasileira.

Por isso, quero te desejar toda a sorte do mundo. Quero dizer a você que terá todo o apoio. É importante que você aprenda rapidamente os caminhos para aumentar a verba do orçamento da Cultura. Se ficar brigando apenas com o Paulo Bernardo, certamente a chance é você perder. É importante que de vez em quando você chore para a Dilma, é importante que você reclame para o José Alencar. E, sobretudo, é importante que você descubra a potência que o José Múcio tem para te ajudar a liberar emendas dentro da Câmara dos Deputados.

Posso aqui testemunhar, na frente de todos vocês, que nesses dois anos e quatro meses em que serei o chefe do Juca, não faltará apoio para que ele possa concluir tudo aquilo que ele e o Gil conseguiram apresentar.

Boa sorte, Juca. Obrigado, Gil. Boa sorte para todos vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração do bloco B do campus da UFABC**

Santo André-SP, 29 de agosto de 2008

Meu caro companheiro Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Meu caro companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Companheiro Vicentinho, deputado federal,

Meu caro Avamileno, prefeito de Santo André,

Meu caro companheiro José de Filippi Júnior, prefeito de Diadema,

Meu companheiro Elói Pietá, prefeito de Guarulhos,

Meu caro companheiro professor Luizinho, a quem nós devemos muito por esta universidade existir aqui, hoje, em Santo André,

Meus companheiros deputados estaduais, deputadas,

Meu caro companheiro magnífico reitor Adalberto Fazzio – chique e magnífico, não é?

Meus caros alunos e alunas da Universidade Federal do ABC,

Vou tirar o paletó, porque assim o pessoal pensará que sou estudante também.

Meus companheiros professores, professoras, funcionários e funcionárias,

Jornalistas – mesmo os que escreveram ontem que nós estávamos inaugurando uma obra inacabada.

Fico feliz porque estamos inaugurando o bloco B da Universidade Federal do ABC, um sonho da região – porque esta região pagou o preço de ser a região mais desenvolvida do País nos últimos 40 anos e, por conta disso, as coisas não vinham para cá. Aqui não tinha o Hospital das Clínicas, não tinha



universidade federal, dando a impressão de que a gente pagava o preço por ser de uma região mais rica, que tinha a classe operária mais bem-remunerada do Brasil. Parece que a gente era castigado por isso.

Estou muito feliz por estar inaugurando este bloco. Muito mais feliz por ouvir do ministro Fernando Haddad e do reitor Adalberto que esta universidade, dentro de pouco tempo, estará entre as cem melhores universidades do mundo. Hoje, a USP está em 115º lugar na classificação. Nós estamos dizendo que esta aqui estará entre as cem melhores do mundo em pouco tempo.

Vocês podem mandar um telegrama para o pai e para a mãe de vocês, e dizer: “nós estamos estudando numa universidade que será uma das melhores do mundo dentro de pouco tempo”. Por quê? Porque estamos fazendo uma universidade e tentando utilizar nesta universidade o que há de mais moderno no mundo. Estamos tentando colocar esta universidade para ser, efetivamente, muito aparelhada. Que nenhum professor sinta saudade de ter trabalhado na USP, na Unicamp, que sinta aqui o seguinte: condições de trabalho impecáveis. É isso que queremos para esta universidade.

Mais gratificante ainda é saber que é no meu mandato, como presidente da República, que a gente pode dizer: não apenas Santo André vai ter universidade, mas vai ter extensão em São Bernardo do Campo, já tem em Diadema, em Guarulhos, em Osasco, em Santos... Se Deus quiser, vamos fazer uma extensão em Mauá, porque Mauá é uma cidade grande e é preciso que a gente cuide para deixar todas as cidades importantes com um braço universitário, para que as pessoas não tenham que se deslocar, às vezes, 40 minutos ou uma hora de carro. Vamos cuidar disso com muito carinho.

O importante, Arlindo, e gratificante para mim é que já tomei uma decisão na minha vida. Quando eu deixar o meu mandato, cada um dos meus ministros terá que ir ao cartório no dia 30 de dezembro e vamos protocolar, registrar em cartório, cada coisa que cada ministro fez, por uma simples razão: sou um corpo estranho na República brasileira. Não estava previsto nos livros



de sociologia, pelo menos até outro dia, que um torneiro mecânico de São Bernardo poderia chegar à Presidência da República, não estava previsto, não estava escrito. A grande inquietação dos preconceituosos contra mim era dizer que não tenho diploma universitário e, portanto, se eu não tenho diploma universitário, como é que eu queria ser presidente da República? Possivelmente, é o fato de não ter diploma universitário que me faz ter a preocupação que quem já tem o seu diploma e governou este país não teve.

Quero criar as oportunidades que eu não tive para a juventude brasileira e para os meus filhos. Se cada presidente da República tivesse cumprido com a sua tarefa, criando as universidades federais de que o Brasil precisa, não teríamos no estado mais rico da Federação 82% dos estudantes universitários estudando em escolas privadas. Nós teríamos, pelo menos, a metade em escolas públicas. Nós não teríamos, no Nordeste, 65% dos estudantes universitários estudando em escolas privadas, uma maioria que estaria na pública.

Por que isso aconteceu? Porque houve um pensamento predominante neste país que dizia que o mercado resolvia tudo. O mercado pode resolver algumas coisas, mas o Estado é imprescindível para manter os princípios da justiça, da igualdade e da oportunidade para todos. Se não é o Estado, isso não acontece. Por que estamos fazendo isso e por que eu disse que vou para o cartório? É porque, a partir do meu governo, qualquer presidente que entrar vai receber da minha mão todos os documentos registrados em cartório, primeiro para que cada ministro me conte absolutamente a verdade, porque ninguém pode registrar uma mentira no cartório. Chega da grilagem de terra no País, que é registrada sem o cara ser dono.

Por que quero isso? Porque a partir do dia 1º de janeiro de 2011, quando outro estiver na Presidência, o que vai acontecer? Ele vai pegar e dizer: “espera aí, gente, não posso mais parar de cuidar da educação. Por que como é que pode um metalúrgico, que não tem diploma universitário, fazer dez



universidades novas, mais uma latino-americana, mais uma afro-brasileira e 88 extensões universitárias espalhadas pelo território nacional?” No mínimo, por orgulho, ele vai dizer: “eu tenho que fazer mais”. Deus queira que todos tenham o ego bastante ferido e digam: “eu não posso perder para o Lula, tenho que fazer no mínimo 15, tenho que criar no mínimo 100 extensões”. Aí vamos nacionalizar as oportunidades para que todas as pessoas, da mais rica à mais pobre cidade, tenham o direito de ter oportunidade de estudar em um curso universitário. Se a gente acabar com o vestibular e permitir que o Enem seja o grande teste para a nossa juventude entrar na universidade, estaremos criando mais oportunidades para a nossa juventude.

Sei o quanto fomos atacados por conta do ProUni. No início, diziam assim: “o governo está querendo fortalecer as universidades privadas”. Outros diziam: “o governo vai nivelar o ensino por baixo, colocando pobre da periferia na universidade? É um absurdo”. Quem quiser ver, veja a imprensa de dois anos atrás. Vocês verão o que era dito sobre o ProUni. Conclusão: hoje temos 385 mil jovens – mulheres e homens deste país, da periferia, todos estudantes de escolas públicas –, fazendo curso universitário e, em todas as provas, os alunos do ProUni são considerados os melhores. Pelo menos no primeiro teste feito, em quinze matérias, os alunos com as melhores notas foram os alunos do ProUni.

Por que isso aconteceu? Porque eram jovens que já tinham perdido a oportunidade de estudar, que não tinham mais esperança. Na hora em que apareceu a proposta, muito criativa, do Fernando Haddad, os jovens perceberam que poderiam voltar a estudar, agarraram-se àquela oportunidade com unhas e dentes e não vão largar. Este ano, se Deus quiser, vamos participar da formatura dos primeiros 60 mil jovens que devem se formar pelo ProUni. Vamos chegar em 2011 a 720 mil alunos no ProUni, o que é uma revolução impensada há cinco anos.



Através de outra idéia criativa do ministro Fernando Haddad... me angustiava o fato de a gente não poder criar mais linhas de crédito para financiar estudantes. Eu soube da briga de um sindicalista lá no estado do Paraná para conseguir colocar o filho na universidade, tinha carteira vazia dentro da sala de aula e os professores não queriam colocar mais gente. Alguns professores, algumas entidades – para não dizer o nome aqui – não queriam colocar mais gente. Esse sindicalista começou a fazer movimento, a ir para a porta da universidade e, um belo dia, resolveram aceitar o filho dele.

O que é o Reuni? O Reuni é para aumentar um pouco a verba para melhorar as condições nas universidades. Aumentar a média de 12 alunos por professor para 18 alunos por professor vai permitir que a gente coloque, em quatro anos, mais 400 mil jovens na universidade brasileira. No mesmo prédio, na mesma sala de aula, com o mesmo professor, vamos colocar mais 400 mil jovens na universidade. Isso significa o quê? Significa que estamos formando aquilo que a gente chama de profissionais do conhecimento.

Estamos aperfeiçoando a inteligência da sociedade brasileira porque é o que conta no trabalho de mercado hoje. É o que conta para qualificar um país na disputa comercial neste mundo globalizado. É o que conta na nossa competência para produzir produtos com cada vez mais qualidade e para o Brasil deixar de ser exportador de matéria-prima – ou commodities na agricultura, ou minério de ferro – para passar a ser exportador de produtos acabados.

Vou dar um exemplo para vocês: quando a gente exporta uma tonelada de bauxita, da qual se faz o alumínio, exporta a tonelada por 30 dólares. Quando a gente transforma a bauxita em alumina, que é o subproduto antes do alumínio, já exporta a tonelada por 500 dólares. Quando a gente produz o alumínio, exporta a tonelada por 3 mil dólares. Saímos de 30 dólares e chegamos ao fim da cadeia produtiva exportando a tonelada por 3 mil dólares. Se a gente transformar esse alumínio numa peça de carro, numa peça de



avião, a gente vai exportar não uma tonelada, mas um pacotinho de peças por 3 ou 4 mil dólares. É isso que está em disputa.

E o que aconteceu no Brasil? Eu pensei que vocês iam gritar: “é bandeirão, é bandeirão”. Vocês não gritaram, porque sabem que vamos fazer o bandeirão.

Tem um problema hoje, no Brasil, que vocês vão compreender: está faltando mão-de-obra qualificada neste país. Está faltando engenheiro, está faltando pedreiro, está faltando colocador de azulejos. Ontem eu fiz uma reunião com a construção civil, Arlindo, está faltando até “tijolinho baiano”, que é como eles chamam, na linguagem da indústria, a cerâmica vermelha; está faltando carrinho de mão no Nordeste; está faltando aquela máquina que mói cimento, que mexe o cimento; está faltando grua; está faltando cimento. Está faltando jornalista? Não está faltando jornalista.

Veja o que aconteceu, vou dizer para vocês entenderem: há exatamente 22 anos que o Brasil não fazia um alto-forno, 22 anos que o Brasil não construía um alto-forno. Não construindo alto-fornos, não se aumentava a capacidade de produção de aço do Brasil. Estamos produzindo 35 milhões de toneladas há muito tempo.

Na medida em que cresce o mercado interno, cresce o mercado da indústria naval, cresce a indústria automobilística, cresce a construção civil, o que acontece? Falta aço. E quando falta aço... Quando aparecem 20 de vocês para procurar uma casa para alugar aqui, para morar, o dono da casa fala: “Puxa vida, tem 20 pessoas procurando uma casa, vou aumentar o preço”. Se estiver com uma placa lá e, durante 20 dias, não aparecer ninguém, ele fala: “vou ter que abaixar o preço”.

A lei da oferta e da procura é que determina o preço das coisas em qualquer país do mundo. Então, na medida em que não se produz, aumenta. Nós ficamos 18 anos sem construir, no Brasil, uma fábrica de cimento. Quando a construção civil começa a crescer, como está crescendo, falta cimento.



Esta universidade... quero voltar aqui. Não sei se a construtora está aqui, estou vendo o reitor, deve ter gente da comissão aqui. Quero voltar aqui, no mais tardar... Eu faço aniversário no dia 27 de outubro do ano que vem. Eu faço este ano também, mas, no do ano que vem... eu não vou pular este ano. Quero ver se no dia 27 de outubro do ano que vem eu venho aqui para a gente inaugurar toda esta universidade, o bloco A, e que já estejam prontos o restaurante, a biblioteca, os laboratórios. E também a de São Bernardo do Campo.

É importante a gente acertar com... Porque é uma coisa absurda. Vocês viram aqui, eu ouvi do reitor o seguinte: não falta dinheiro, o dinheiro já está depositado, está no caixa. É a primeira vez na história do Brasil que se começa a contratar uma obra, o dinheiro já está garantido, e as dificuldades, às vezes, é porque falta mão-de-obra ou falta matéria-prima.

A Petrobras demorava – ela tem mais de 3 mil fornecedores – 265 dias, em média, para receber as entregas que ela contratava. Sabem quanto está demorando hoje? Quatrocentos dias. Por quê? A economia cresceu, as indústrias cada vez querem mais e não tem matéria-prima para entregar.

Por isso é que neste momento nós temos que priorizar a formação de mão-de-obra qualificada. Vou dizer para vocês: enquanto alguns, que tiveram a oportunidade de fazer um curso universitário, tratavam o dinheiro da educação como gasto e por isso não faziam, eu trato como investimento, e é o investimento de retorno mais rápido que a gente tem neste país.

No dia em que a gente estava anunciando a devolução do terreno da UNE e o financiamento da construção, assinei o projeto de lei para a gente refazer o prédio da UNE, lá no Rio de Janeiro. Anunciei que o pré-sal que descobrimos, essa nova jazida de petróleo que coloca o Brasil entre os países com maior reserva de petróleo do mundo... Podem estar certos de que é muita coisa e que a gente está bem situado. O Brasil não vai ficar exportando óleo cru, nós vamos exportar derivados de petróleo. É por isso que vamos fazer



uma refinaria de 600 mil barris/dia no Maranhão, para exportar; é por isso que vamos fazer uma de 300 mil barris em Fortaleza, para exportar; é por isso que já estamos fazendo uma no Porto de Suape, em Pernambuco, e um pólo petroquímico; vamos fazer uma em Natal.

Ao mesmo tempo, vamos pegar parte do dinheiro do pré-sal para resolver dois problemas, que são uma dívida histórica deste país. Parte desse dinheiro é para resolver o problema da dívida educacional que temos com este país, e outra parte é para resolver o problema da pobreza crônica que foi criada durante tantos e tantos séculos.

Agora, temos condições de arrumar a casa, e a casa está sendo arrumada. Fico muito feliz quando vou a uma cidade pequena do Nordeste que tem uma extensão universitária. Fico ainda mais feliz quando as pessoas me entregam uma pauta de reivindicação e a reivindicação é a seguinte: “Presidente, queremos uma escola técnica. Presidente, queremos uma extensão universitária”. Este pedido soa aos meus ouvidos como se fosse uma coisa de Deus, porque o povo começa a reivindicar aquilo que jamais deveria ter lhe faltado, a condição básica que está na nossa Constituição: o direito de estudar, porque o estudo garante que todos sejam iguais e disputem as mesmas oportunidades.

Por isso, estou feliz. Estou inaugurando a universidade inacabada do ABC, o seu bloco B, que é onde vim hoje. No ano que vem eu venho inaugurar o bloco A. O refeitório, espero que seja inaugurado antes, com um pouco de pressa aí, não é, reitor? Afinal de contas, vai ser no ex-matadouro de Santo André. Vamos fazer aí o bandeirão, comida de qualidade, sem colocar salitre na comida, como as fábricas colocavam na nossa, para a gente engordar e ficar forte.

Tem um problema que foi levantado aqui, naquela portinha – viu, Fernando Haddad, prefeito – a questão da segurança em volta da universidade. É preciso anotar aí para falar com o governador, para mandar um



pouco de polícia para ajudar a tomar conta disso.

Tem uma outra coisa que vocês levantaram, além do bandeirão, que é a questão da moradia. Bom, alguns já têm o auxílio. O que aconteceu aqui foi uma novidade, eu digo, boa. Qual é a novidade boa? A cidade ganhou uma universidade, vem para cá gente de outras partes do País, sequiosas por estudar. O cidadão está com um “quarto e cozinha”, ali, paralisado, é a chance que ele tem de tentar ganhar um pouquinho mais, é a chance. Obviamente que vai ter um momento em que isso vai assentar, mas vamos tentar ver o que é possível fazer para ajudar, porque também as pessoas não podem viver só para pagar aluguel, as pessoas precisam comer, visitar a noite de Santo André, sobretudo quem veio de outras cidades, visitar São Bernardo, São Caetano, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Se sobrar um tempinho, dêem um pulo até Brasília, que terei imenso prazer em recebê-los.

Um abraço e que Deus nos abençoe.

(\$211A)